

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE FILOSOFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA
JUVENAL DIAS DA ROCHA

AS POSSIBILIDADES EXISTÊNCIAIS EM
KIERKEGAARD
A busca pelo estádio excelente – o Quarto Estádio

JUVENAL DIAS DA ROCHA

**AS POSSIBILIDADES EXISTÊNCIAIS EM
KIERKEGAARD**

A busca pelo estádio excelente – o Quarto Estádio

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação
do Instituto de Filosofia da Universidade Federal
de Uberlândia, para a obtenção do título de Doutor
em Filosofia.

Linha de Pesquisa: Ética e Filosofia política –
Filosofia: História e Cultura.

Orientador: Prof. Dr. José Benedito Almeida

Ficha Catalográfica Online do Sistema de Bibliotecas da UFU
com dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).

R672 Rocha, Juvenal Dias da, 1956-
2025 AS POSSIBILIDADES EXISTÊNCIAIS EM KIERKEGAARD [recurso eletrônico] : A busca pelo estágio excelente – o Quarto Estádio / Juvenal Dias da Rocha. - 2025.

Orientador: José Benedito Almeida Júnior.

Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Uberlândia, Pós-graduação em Filosofia.

Modo de acesso: Internet.

DOI <http://doi.org/10.14393/ufu.te.2025.496>

Inclui bibliografia.

1. Filosofia. I. Almeida Júnior, José Benedito ,1965-, (Orient.). II. Universidade Federal de Uberlândia. Pós-graduação em Filosofia. III. Título.

CDU: 1

Bibliotecários responsáveis pela estrutura de acordo com o AACR2:

Gizele Cristine Nunes do Couto - CRB6/2091

Nelson Marcos Ferreira - CRB6/3074



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Filosofia
Av. João Naves de Ávila, 2121, Bloco 1U, Sala 1U117 - Bairro Santa Mônica, Uberlândia-
MG, CEP 38400-902
Telefone: 3239-4558 - www.posfil.ifilo.ufu.br - ppgfil@ifilo.ufu.br



ATA DE DEFESA - PÓS-GRADUAÇÃO

Programa de Pós-Graduação em:	Filosofia				
Defesa de:	Tese de doutorado, 005/25, PPGFIL				
Data:	Quatro de julho de dois mil e vinte cinco	Hora de início:	14:00	Hora de encerramento:	18:00
Matrícula do Discente:	12213FIL007				
Nome do Discente:	Juvenal Dias da Rocha				
Título do Trabalho:	As possibilidades existenciais em Kierkegaard: a busca pelo estágio excelente, o quarto estágio				
Área de concentração:	Filosofia				
Linha de pesquisa:	História, Sociedade e Cultura				
Projeto de Pesquisa de vinculação:	-----				

Reuniu-se na Sala 5M CEPFI, Campus Santa Mônica, da Universidade Federal de Uberlândia, a Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em Filosofia, assim composta: Professores Doutores: Luciana Xavier de Castro (ESEBA); Armindo Quillici Neto (ICHPO); Antonio Wagner Veloso Rocha (Unimontes); Claudia Silva de Souza (ESEBA); José Benedito de Almeida Júnior orientador(a) do(a) candidato(a).

Iniciando os trabalhos o(a) presidente da mesa, Dr(a).José Benedito de Almeida Júnior, apresentou a Comissão Examinadora e o candidato(a), agradeceu a presença do público, e concedeu ao Discente a palavra para a exposição do seu trabalho. A duração da apresentação do Discente e o tempo de arguição e resposta foram conforme as normas do Programa.

A seguir o senhor(a) presidente concedeu a palavra, pela ordem sucessivamente, aos(às) examinadores(as), que passaram a arguir o(a) candidato(a). Ultimada a arguição, que se desenvolveu dentro dos termos regimentais, a Banca, em sessão secreta, atribuiu o resultado final, considerando o(a) candidato(a):

Aprovado(a).

Esta defesa faz parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Doutor.

O competente diploma será expedido após cumprimento dos demais requisitos, conforme as normas do Programa, a legislação pertinente e a regulamentação

interna da UFU.

Nada mais havendo a tratar foram encerrados os trabalhos. Foi lavrada a presente ata que após lida e achada conforme foi assinada pela Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **José Benedito de Almeida Junior, Professor(a) do Magistério Superior**, em 08/07/2025, às 09:24, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Armindo Quillici Neto, Professor(a) do Magistério Superior**, em 08/07/2025, às 09:54, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Luciana Xavier de Castro, Usuário Externo**, em 09/07/2025, às 10:51, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Antônio Wagner Veloso Rocha, Usuário Externo**, em 09/07/2025, às 15:13, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Cláudia Silva de Souza, Usuário Externo**, em 12/08/2025, às 15:01, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://www.sei.ufu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **6478981** e o código CRC **12738F9E**.

Referência: Processo nº 23117.045454/2025-64

SEI nº 6478981

À minha saudosa e querida mãe, que obteve durante a sua vida, e reconhecida em sua morte, a reputação de quem viveu a liberdade em meio a um cristianismo autêntico: “ela foi fiel até a morte”, declararam os pastores que a acompanharam durante parte desse período e atestado por todos os seus oito filhos, que se inspiram nesse tipo de cristianismo vivido por ela, que pode ser identificado com o pensamento de Kierkegaard, acerca do que ele chamou de “cristianismo autêntico” – o que eu proponho nesta tese ser o Quarto Estádio. Ela se situou no Quarto Estádio, e colheu os grandes benefícios proporcionados pela graça de Deus implicada neste Estádio Kierkegaardiano.

Há entre o céu e a terra apenas um único caminho: seguir após Cristo; tanto no tempo quanto na eternidade só há uma escolha, uma única escolha: escolher este caminho; só há na terra uma única esperança eterna: seguir após Cristo até o céu. Há na vida uma única alegria bem-aventurada: seguir após Cristo; e na morte uma única última alegria bem-aventurada: seguir após Cristo para a vida.

Sören Kierkegaard

AGRADECIMENTOS

É com muita alegria que venho aqui para reconhecer o quanto Deus foi misericordioso para comigo, tendo preservado a minha vida, executando tremendo livramento num acidente sofrido em 2013, me amparando em seus eternos braços, cuidando de minha recuperação e, por fim, abrindo portas para meu desenvolvimento físico, espiritual e intelectual. Como um dos vários benefícios desse cuidado divino, ingressei, em 2022 no Programa de Pós-graduação da UFU, para fazer o curso de Doutorado. Além disso, providencialmente, Deus colocou nessa jornada, para andar junto comigo, o professor José Benedito Almeida, que me acompanhou desde antes do meu ingresso, sempre me encorajando a continuar firme. Portanto, agradeço imensamente ao professor, por ter aceitado tão bem me orientar na tarefa de escrever esta tese. A Deus, pois, tributo a glória de ter chegado até aqui e, pela Sua providência, poder avançar, enquanto me guiar a Sua boa e poderosa mão.

Devo imensa gratidão aos irmãos da igreja, por me acompanharem em oração, antes mesmo de ter ingressado no curso; lembro-me da irmã Márcia, orando para eu ser aprovado na prova de francês (Deus atendeu suas orações)! Também, agradeço aos amigos que me incentivaram a continuar e a conquistar a ventura de ver este trabalho concluído e à minha esposa, Sônia Regina e à minha filha, Lórie, que oraram, apoiaram, encorajaram e, mais de perto, sofreram a labuta empreendida desde o começo.

Agradeço aos técnicos administrativos, com destaque especial à secretária Andréa Rodrigues, pelo atendimento gentil e pronto que sempre me prestou durante esse percurso.

A todos esses grandes colaboradores, meus sinceros e constantes agradecimentos. Sem isso, não seria possível a realização de tão esperado sonho!

SUMÁRIO

Resumo.....	3
Abstract.....	4
Introdução.....	5
1 Investigação das Possibilidades do Quarto Estádio a Partir do Estudo, Análise e Interpretação do Pensamento de Kierkegaard.....	16
1.1 Análise A Partir Dos Eixos Interpretativos Dos Estádios Kierkegaardianos.....	18
1.2 Análise Da Diferença Entre O Espírito Revolucionário De Kierkegaard E Os Primeiros Filósofos Entendidos Como Brasileiros – Onde Se Encontra A Diferença? Na Cosmovisão.....	27
1.2.1. A Visão Kierkegardiana Da Eternidade.....	28
1.2.2 A Luta Kierkegardiana A Partir De Sua Cosmovisão.....	30
1.2.3 As Lutas E Reivindicações Terrenas São Efêmeras E, Ainda Que Justas, Seus Personagens Lutaram Em Vão.....	32
1.3 Análise A Partir Do Emprego Que Kierkegaard Fez Dos Pseudônimos.....	36
1.4 Análise A Partir Do Conceito Do Paradoxo Kierkegardiano.....	38
1.4.1 O Paradoxo Da Fé Referido No Personagem Bíblico Abraão.....	38
1.4.2 O Paradoxo Do Amor Em Seu Caráter Verdadeiro.....	41
1.4.3 O Paradoxo Da Liberdade Enquanto Realidade E Possibilidade Do Pecado....	44
A Realidade Do Conceito De Quarto Estádio Sugerido Por Kierkegaard	
2 Na Elaboração Do Estádio Religioso.....	49
2.1 O Pensamento De Søren Aabye Kierkegaard.....	49
2.2 Acerca Dos Estádios No Caminho Da Vida.....	51
2.3 Acerca Da Necessidade Do Quarto Estádio.....	56
2.4 O Conceito De Quarto Estádio.....	63
2.5 Correlação Com Cristianismo Moderno.....	70
2.6 Dois Fatores Críticos Na Proposição Dos Estádios Kierkegardiano.....	77
2.6.1 A Noção De Livre Arbítrio	81
2.6.2 A Questão M Da Liberdade.....	85
2.6.3 O Livre Arbítrio É Incompatível Com A Bondade De Deus.....	85
2.6.4 O Problema Da Origem Do Mal.....	87
2.6.5 Os Equívocos Antes Das Retratações	88
2.6.6 A Quem É Atribuída A Existência Do Mal – A Deus Ou Ao Homem.....	89
2.7 O Ideal É O Cristianismo Autêntico - O Quarto Estádio.....	90
3 Identificações Que Corroboram A Necessidade Do Quarto Estádio Kierkegardiana.....	93
3.1 Minha Identificação Com Kierkegaard.....	93
3.1.1 No campo da Religiosidade.....	93
3.1.2 No Campo Pessoal – As Inquietações.....	95
3.1.3 No Campo Filosófico.....	96
3.1.4 No Campo Teológico.....	96
3.2 Minha Identificação Com Agostinho.....	96
3.3 Identificação De Kierkegaard Com Agostinho.....	97

3.4	Como Alcançar O Cristianismo Autêntico, E Situar-Se No Quarto Estádio Kierkegaardiano.....	100
3.4.1	O Quarto Estádio Kierkegaardiano É O Estádio, Pelo Qual Os Verdadeiros Cristãos Obtêm A Segurança Da Vida Eterna.....	103
3.4.2	Como Obter A Segurança Da Vida Eterna.....	109
3.4.3	O Discipulado De Cristo.....	116
	Considerações Finais.....	118
	Referências Bibliográficas.....	122

RESUMO

A tese deste trabalho remete à doutrina dos Estádios Kierkegaardianos para constatar um fato muito importante para o cenário religioso atual, não somente no Brasil, mas também no mundo inteiro: Kierkegaard não teve tempo de propor o Quarto Estádio, visto ter ele falecido em tão tenra idade; porém deixou nas entrelinhas, tendo constantemente insistido no conceito de cristianismo autêntico por meio da distinção entre cristianismo e cristandade. O primeiro trata-se do padrão estabelecida nas Escrituras e vivido pelos apóstolos e profetas. O segundo, ele se refere ao cristianismo vivido na Dinamarca em sua época – uma espécie de cristianismo sem Cristo, o qual tinha mais a ver com o Estádio Estético que com o Estádio Religioso propriamente dito. Por isso, Kierkegaard, ao elaborar esta distinção, deixa aberta a possibilidade para o Quarto Estádio – o Estádio Excelente! Embora, não tenha encontrado nenhuma alusão ao tema por parte de vários autores, foi descoberto uma obra escrita por James Collins sob o título de *El Pensamiento de Kierkegaard*, onde, para esclarecer essas discrepâncias, faz distinção entre religiosidade A e religiosidade B; e isso, segundo Collins, “equivale a elevar a quatro, o número dos estádios na dialética da vida. Portanto, o que se constatou, mediante estudo de vários escritos de Kierkegaard é que, realmente, ele esteve a ponto de declarar e estabelecer o Quarto Estádio, como possibilidade existencial e busca pelo estádio excelente. Então, o trabalho se ocupou em confrontar a religiosidade moderna, assim como Kierkegaard confrontou a religiosidade de seu tempo com a realidade do Estádio Excelente, o Quarto Estádio, na expectativa de conquistar uma reforma mais consistente no seio do cristianismo vivido nos dias de hoje. Talvez essa ventura seja mais bem sucedida que a ventura de Kierkegaard, que morreu aos 42 anos de idade, sem concretizar o desejo de ver os cristãos dinamarqueses voltando-se para a verdadeira fé cristã.

PALAVRAS-CHAVES: Kierkegaard, Quarto Estádio, Cristianismo Autêntico, Vivência, Salvação.

ABSTRACT

The thesis of this work refers to the doctrine of the Kierkegaardian Stadiums to verify a very important fact for the current religious scenario, not only in Brazil, but also in the whole world: Kierkegaard did not have time to propose the Fourth Stadium, since he died at such a young age; but he left between the lines, having constantly insisted on the concept of authentic Christianity through the distinction between Christianity and Christianity. The first is the pattern set forth in Scripture and lived by the apostles and prophets. The second, he refers to the Christianity lived in Denmark in his time – a kind of Christianity without Christ, which had more to see with the Aesthetic Stadium than with the Religious Stadium itself. Therefore, Kierkegaard, in elaborating this distinction, leaves open the possibility for the Fourth Stadium – the Excellent Stadium! Although I did not find any allusion to the theme by several authors, was discovered a book written by James Collins under the title: *El Pensamiento de Kierkegaard*, where, in order to clarify these discrepancies, he distinguishes between religiosity A and religiosity B; and this, according to Collins, "is equivalent to raising to four the number of Stadiums in the dialectic of life. Therefore, what has been verified, through the study of several of Kierkegaard's writings, is that, in fact, he was on the verge of declaring and establishing the Fourth Stadium, as an existential possibility and search for the excellent stadium. So, this work was concerned with confronting modern religiosity, just as Kierkegaard confronted the religiosity of his time with the reality of the Excellent Stadium, the Fourth Stadium, in the expectation of achieving a more consistent reform within the Christianity lived today. Perhaps this fortune is more successful than the fortune of Kierkegaard, who died at the age of 42 years old, without fulfilling his desire to see Danish Christians turn to the true Christian faith.

KEYWORDS: Kierkegaard, Fourt Stadium, Authentic Christianity, Living, Salvation.

INTRODUÇÃO

A raça humana, ao longo do tempo, tomou a liberdade de suavizar e suavizar o Cristianismo até que, finalmente, conseguimos transformá-lo exatamente no oposto do que está no Novo Testamento.

Sören Kierkegaard

Este trabalho tem por objetivo comprovar que, realmente Kierkegaard pensou em propor o Quarto Estádio, como um adendo ao terceiro estágio, o estágio religioso, em decorrência do fato de que ele fazia nítida distinção entre cristianismo e cristandade e de seu zelo e amor por esses a quem adverte estarem em profunda ilusão e desejava que aqueles que se consideravam religiosos (mas vivendo como estetas) pudessem também dar *o salto* para a verdadeira fé cristã, desvencilhando-se de vez da ilusão a que incorriam. Como sugere, de modo direto, um comentador chamado James Collins, o qual afirma peremptoriamente que, Kierkegaard, ao elaborar a distinção entre cristianismo e cristandade, deixa aberta a possibilidade para o quarto estágio. Dentre alguns dos diversos comentadores que também debruçaram sobre o assunto, os quais chamaram a atenção para a questão da possível necessidade do quarto estágio, intrigou-me sobremaneira, a obra escrita por James Collins sob o título de *El Pensamiento de Kierkegaard*, onde, para esclarecer essas discrepâncias, faz distinção entre religiosidade A e religiosidade B; e isso, segundo Collins, “equivale a elevar a quatro, o número dos estádios na dialética da vida¹”; além de discutir outros aspectos relevantes acerca dos Estádios.

A partir de declarações de Collins, a possibilidade do quarto estágio, aguçou a curiosidade em torno do tema, e a pesquisa enveredou-se pelas outras obras de Kierkegaard, que tratam desse assunto, como a obra intitulada *Ou um o Outro*, onde ele apresenta a alternativa entre a ordem estética e ética; sem, contudo, chegar a qualquer decisão palpável acerca do tema ora proposto para esta pesquisa. Por isso, foi necessário analisar, também, outras obras de Kierkegaard, como *Ponto de Vista Explicativo da Minha Obra como Escritor*, em que ele parece delinear a questão, sinalizando a contingência do Quarto Estádio.

¹ El Pensamiento de Kierkegaard. 1ª ed. México: Fundo de Cultura Econômica, 1986.

Além disso, realizou-se a busca no sentido de investigar a contingência e/ou a necessidade do Quarto Estádio, a partir dos desdobramentos teóricos, retomando as considerações de outros comentadores, como Álvaro Valls que, além de tradutor de muitas das obras de Kierkegaard, escreveu suas observações e interpretações constantes de seus livros *Do Desespero Silencioso ao Elogio do Amor Desinteressado* e, *Razão e Fé no Pensamento de Sören Kierkegaard: o paradoxo e suas relações*; Jonas Roos, em seus livros: *As obras do amor: ética e paradoxo em Kierkegaard* e *Sobre a relação entre juízo e graça em Migalhas Filosóficas*; além de outros comentadores, como France Farago, Ricardo Golveia, Maria de Fátima Oliviéri, Charles Le Blanc.

Tendo sido constatado que o existencialismo, inconscientemente proposto por Kierkegaard deu origem ao existencialismo cristão, em contraposição ao existencialismo ateu de Sartre, por exemplo, embora, os dois filósofos em questão não sejam contemporâneos um do outro, visto que Sartre escreve no século XX, e Kierkegaard no século XVIII. Entendemos que a filosofia kierkegaardiana, realmente parte da ideia de que a subjetividade é o ponto de partida para se entender a razão da existência humana; e que o homem é o resultado de tudo que se forma à sua volta e ao longo da sua vida – o princípio da ausência de um sentido da vida, ao mesmo tempo em que cria uma expectativa em torno de sua própria existência e da direção divina.

Acerca do que foi proposto acima, também foi trabalhado os conceitos de desespero e angústia, implicado pelo pecado mortal e hereditário referido nas Escrituras, fonte principal da angústia, sem correr o risco de abandonar a fé em Deus, ainda que por breves momentos possa ser seduzido pelo momentâneo prazer estético². Mas, o fator positivo verificado no curso de sua vida era a sua constante preocupação em agradar a Deus, como destacou um de seus comentadores, ao citar Kierkegaard:

O importante é entender-me a mim mesmo, é perceber o que Deus realmente quer que eu faça; o importante é achar uma verdade que é verdadeira para mim, achar a ideia em prol da qual posso viver ou morrer (REICHMANN, 1978, p. 39).

Esta pesquisa, considerando as possibilidades em Kierkegaard, de afirmar a contingência ou a verdadeira necessidade do quarto estágio, pode então identificar nas obras de Kierkegaard, que a verdadeira questão, segundo a qual, para Kierkegaard não basta se situar no

² Experiência que ele mesmo viveu ao afastar-se da vida cristã por breve tempo. Durante esse período Kierkegaard vivenciou os prazeres mundanos, mas veio a arrepender-se e voltar para a fé e consequentemente para a faculdade de Teologia da Universidade de Copenhague, após a morte de seu pai.

estádio religioso, mas em consequência, ser ele impulsionado a colocar um quarto estágio – e trazer a lume a sua inquietação, evidenciada nas críticas ao sistema religioso estabelecido em seu país, a Dinamarca

Duas parecem ser as razões que fazem a importância das possibilidades da existência do quarto estágio – alvo dessa investigação: A primeira é a percepção de que é aí que começa sua ênfase na subjetividade do indivíduo em sua relação com o absoluto. A segunda razão se prende à insistência do autor em definir o que vem a ser um cristão autêntico (uma espécie de embrião do quarto estágio). Nesse sentido, o indivíduo se vê na iminência de escolher viver entre quatro modos de vida, em vez de três. Ele pode escolher entre o fútil e o necessário; entre o necessário, fugindo-se do ilusório, saltando para o genuíno ou autêntico, que o conduz à adequada relação com o infinito.³

Também, em nossos tempos, observamos diferentes concepções do que é ser cristão ou viver uma vida cristã. Os diversos grupos debatem sobre o que é uma vida cristã autêntica. Neste sentido, o pensamento de Kierkegaard veio contribuir, do ponto de vista teórico, a entendermos o que diferencia a cristandade, como participar de uma comunidade cristã obedecendo suas regras comuns, e uma existência cristã autêntica onde se questiona a relação entre a vida material e a vida espiritual.

Academicamente, esta pesquisa se justifica porque o pensamento de Kierkegaard é estudado em vários centros de excelência no mundo e no Brasil, havendo inclusive um GT da ANPOF específico sobre sua obra, além de uma associação devotada especificamente ao estudo do pensamento Kierkegaardiano, a SOBRESK (Sociedade Brasileira de Estudos de Kierkegaard); além de revistas nacionais e internacionais especializadas no pensamento de Kierkegaard; assim como ele aparece em outros grupos de trabalho como os que estudam o existencialismo e a filosofia da religião contemporânea. Por conseguinte, é adequada e pertinente ao estudo de cultura e religião.

O principal objetivo deste trabalho é teorizar o conceito de Quarto Estádio no pensamento de Kierkegaard, a partir da diferença entre cristandade proposta no terceiro estágio da existência cristã autêntica – o Quarto Estádio. O estudo foi realizado por meio de análises, a partir do fundamento filosófico de Kierkegaard acerca da existência individual, classificado como “estádios da existência” ou “estádios no caminho da vida”. Este princípio busca entender

³ A infinitude, como um atributo de Deus, é um tema recorrente nas obras de Kierkegaard.

o sentido da vida a partir das determinações existenciais elaborada por Kierkegaard para explicar o caráter humano e os modos de vida do indivíduo, os quais constituem padrões e princípios antagônicos, mas ao mesmo tempo, inter-relacionados.

Outro objetivo na execução do trabalho é esclarecer o fundamento dos primeiros três estádios e a consequente questão da necessidade de um estágio mais excelente do ponto de vista da existência do indivíduo e, desta forma, investigar a pertinente ideia, em Kierkegaard, de uma vida mais significativa, que busca sentido a partir da necessidade de outro estágio, para além dos já colocados em suas obras específicas.

Além disso, buscou-se confirmar se é bastante para Kierkegaard analisar o conteúdo da consciência para se encontrar aí uma filosofia da existência; ou ele, de forma propedêutica, precisou ver a necessidade de trabalhar as ideias; e entre as ideias, estabelecer uma *dialética*. E, a partir desta dialética colocar a possibilidade, não somente dos três *estágios da existência*: estágio *estético*, estágio *ético* e estágio *religioso*, mas também a presença de um estágio superior, ainda que, para isso, o indivíduo tenha que se sujeitar a um percurso existencial, de salto em salto (utilizando a metodologia Kierkegaardiana para a passagem de estágio para outro) até dar o salto, nos moldes do Cavaleiro da Fé, representado por Abraão e, assim, produzir na existência, um cristianismo autêntico.

Neste sentido, faz parte da argumentação, uma discussão que partiu da mera contingência, à premente necessidade da busca individual pelo quarto estágio, visto se tratar, inicialmente, de uma questão ou de um problema demandante de uma solução, que poderia tornar-se uma evidência factual de uma necessidade real na experiência de cada indivíduo. Isso, foi realizado ao perscrutar as profundezas do pensamento Kierkegaardiano externado em seus escritos, cuja inquietação religiosa é plenamente perceptível, não somente do ponto de vista racional, mas também do ponto de vista da relação fé e razão; pois Kierkegaard foi antes de tudo um filósofo da religião.

Por fim, o trabalho analisou a questão principal, que é o fio condutor para se chegar ao desfecho de sua filosofia sobre o estágio excelente, que é a elaboração do conceito de “cavaleiro da fé”, por meio da verificação histórica de seus atributos, a partir de uma de suas principais obras *Temor e Tremor* onde, em contraste com o herói trágico, Kierkegaard estabelece os conceitos éticos a partir de padrões como sofrimentos, solidão, silêncio, resignação e fé. O cavaleiro da fé é retratado como quem cavalgou para além da ética e da religiosidade postas,

pois ousou empreender o sacrifício do filho único da promessa. Este será o viés pelo qual meandra este trabalho a fim verificar, de acordo com Sören Aabye Kierkegaard, a necessidade do estádio excelente nos caminhos existenciais do indivíduo.

A questão que parece mais importante nessa investigação parece girar em torno do que a discussão dos estádios propõe a todo ser humano (de acordo com Kierkegaard, não por determinação externa, mas por própria escolha – eu diria ser as duas coisas juntas, porque nenhum indivíduo é capaz, sozinho de fazer escolhas excelentes – é preciso a ação divina que aliás, fora elaborada desde a eternidade), para marcar o que a sua existência revela, especialmente em conexão com os pseudônimos utilizados por Kierkegaard, ao que parece, com certos objetivos subjacentes ainda não revelados, (mas, pretende-se descobrir, no decorrer desta pesquisa). Para a maioria dos comentadores apenas três estádios são considerados; outros, porém, cito: Jonas Roos, Álvaro Valls⁴ tocam levemente o assunto; mas é James Collins quem afirma peremptoriamente que, Kierkegaard, ao elaborar a distinção entre cristianismo e cristandade, deixa aberta a possibilidade para o Quarto Estádio. Neste sentido deparamos com a questão crucial: Kierkegaard não foi direto em enunciar o quarto estádio; mas a partir de leituras de Kierkegaard e dos estudiosos do seu pensamento, se verificou que, realmente há profunda diferença entre o estádio religioso e o quarto estádio, que pode ser representada pela antítese entre as lideranças cristãs dinamarquesa da época e a figura simbólica do cavaleiro da fé, representado por Abraão e os cristãos autênticos de todos os tempos. As lideranças cristãs parecem, de acordo com Kierkegaard, representar o terceiro estádio, o estádio religioso, em oposição à existência cristã autêntica do Cavaleiro da fé.

A fim de buscar a solução para esse problema elaborou-se a análise de eixos teóricos, acerca dos pseudônimos; e textos que envolvem a interpretação dos Estádios, a partir dos diversos comentadores, dos quais, destacaremos alguns.

Sobre os pseudônimos – A necessidade de analisar a natureza dos pseudônimos, se prende ao fato de ter Kierkegaard publicado a maioria de suas obras sob diferentes pseudônimos, cada um deles demonstrando um aspecto ou ponto de vista com respeito aos diversos modos de existir. Kierkegaard considerava cada pseudônimo uma filosofia de vida e: "por uma 'filosofia de vida' Kierkegaard compreendia não apenas algo em que alguém tinha uma opinião, mas algo que alguém vivia. algo que alguém realizava" (BRANDT, 1963, p.27).

⁴ Jonas Roos escreveu sua tese de doutorado intitulada *Tornar-se Cristão*; e Álvaro Valls, com largas pesquisas em Kierkegaard, sendo, inclusive um dos maiores tradutores e intérprete de suas obras, expandiu muito o assunto dos estádios. James Collins foi direto ao ponto, em seu livro: *El Pensamiento de Kierkegaard*.

Sobre os pseudônimos religiosos – Além dos outros pseudônimos, dada à proposta da pesquisa, considerou-se pertinente analisar, mas especialmente, a natureza do personagem *Johannes Silentio*; pseudônimo que assina a obra *Temor e Tremor*, o que também reconheceu não ser um cavaleiro da fé. De fato, ele declara de modo inusitado que, no curso de suas observações, jamais encontrou um exemplar autêntico de cavaleiro da fé. Esta severidade, contudo, não impossibilita que o autor dinamarquês coloque em discussão a autenticidade da fé como a mais necessária virtude na identificação dos estádios da existência do indivíduo. É a partir desta proposição que esta pesquisa pretende encontrar resposta a premente necessidade do Quarto Estádio, o Estádio Excelente!

Sobre os Estádios – Na comparação de alguns trabalhos, cujos títulos propõem discutir o pensamento de Kierkegaard em torno da religiosidade individual, nas quais é tratado o tema dos estádios; considerados por muitos leitores de Kierkegaard como temas centrais implicados na discussão religiosa e existencial desse filósofo, os estádios são realidades existenciais, pelas quais os indivíduos atravessam até chegar ao estádio religioso, onde o filósofo destaca os conceitos divergentes, segundo ele, entre cristianismo e cristandade. De acordo com esta crítica, a sociedade dinamarquesa precisava se conduzir a um desfecho que perpassa os estádios e sua progressão no indivíduo que desejava desenvolver o que o filósofo chamava de “cristianismo autêntico”. Neste sentido, a investigação inicial procura considerar se há divergências, ou convergência entre autores, a fim de consolidar o tema a ser confirmado por este trabalho, a saber, a necessidade do quarto estádio, revelada pela crítica Kierkegaardiana ao contrapor *cristianismo e cristandade* e propor o *cristianismo autêntico*.

Analizando uma tese de doutoramento, sob o título “Tornar-se Cristão”⁵ acerca da religiosidade individual em Kierkegaard, cujo teor propõem discutir o pensamento de Kierkegaard em torno da religiosidade individual, verifica-se que o autor fez uma abordagem interessante acerca de como se torna um cristão, a partir da ação simultânea do juízo e da graça; porém, não se verificou nenhuma conexão do tema com o conceito de *Estádios*, tendo em vista ser este um tema central implicado na discussão religiosa e existencial do filósofo, por se tratar de uma questão tremendamente existencial do indivíduo, pela qual alguns atravessam até chegar ao estádio religioso; tema presente em quase toda obra de Kierkegaard, onde o filósofo contextua os conceitos divergentes, de acordo com ele, entre cristianismo e cristandade. A crítica Kierkegaardiana à cristandade latente na sociedade dinamarquesa, é que esta pretendia

⁵ Jonas Roos.

conduzir-se a um desfecho que perpassa os estádios e sua progressão no indivíduo que deseja desenvolver o que o filósofo chamava de “cristianismo autêntico”. E o que vem a ser o termo “cristianismo autêntico”? Qual é o seu conceito? Como delineá-lo? Este é o ponto. A crítica elaborada pelo filósofo, sem, contudo, discutir sua principal questão filosófica, parece permitir deliberadamente, uma lacuna a ser preenchida ou completada; ou uma questão por ser resolvida por algum pensador alhures. Este, então, será um dos caminhos, pelo qual esta pesquisa percorreu: Seria possível discutir o tema da religiosidade individual em Kierkegaard, independentemente da discussão sobre os estádios? Não seria, também ter caráter destoante à base da filosofia Kierkegaardiana; tema esse, discutido em quase toda a extensão da obra do filósofo; especialmente no tocante a assuntos estritamente religiosos? Outra importante questão que poderia ser ressaltada é: Seria plausível dizer que uma abordagem sobre ser cristão, de acordo com a proposta desta pesquisa, passar pelo debate dos estádios? Mesmo porque o quarto estágio é tornar-se verdadeiramente cristão, semelhante ao cavaleiro da fé.

Seguindo esse raciocínio, outra finalidade plausível deste trabalho é discutir se, realmente é possível elaborar o tema da religiosidade individual em Kierkegaard, independentemente da discussão sobre os estádios, e ver também se é possível encontrar na base teórica, tanto a partir das obras do autor, quanto de seus principais comentadores o caráter destoante do que parece ser a base da filosofia Kierkegaardiana; tema esse discutido em quase toda a extensão da obra do filósofo, especialmente no tocante a assuntos estritamente religiosos, a partir da discussão interna do filósofo, na qual ele discute se ele tinha começado sua filosofia como esteta ou como religioso, discussão esta encontrada em sua obra intitulada *A Alternativa*.

Muito serviu de auxílio à pesquisa o fato de que o autor do texto referido acima desenvolve o que chamou de *Paradoxo Absoluto*, em que descreve os efeitos do juízo e da graça no processo de tornar-se cristão. Para esse autor este é um processo que acontece sob juízo e graça no encontro com o Paradoxo Absoluto. Sua abordagem do tema parte do princípio de tornar-se cristão é entendida como sendo uma primeira articulação paradoxal entre *antropologia* e *cristologia*, que se inicia com a possibilidade do pecado original deparado da obra *Conceito de Angústia*. Esta abordagem antropológica, de acordo com o autor, visa, principalmente, analisar a constituição do ser humano quanto à possibilidade do pecado, bem como, a sua realidade efetiva. Nesse sentido, o trabalho parece concluir que tornar-se cristão consiste em um paradoxo cristológico, vislumbrado em Kierkegaard, sob o argumento de que “o encontro do indivíduo com o paradoxo acontece sob juízo e graça”; que contribui tanto para

o entendimento da concepção de paradoxo em Kierkegaard como para a compreensão do significado de tornar-se cristão.

A partir dessa explicação, o ator se envereda pelas argumentações acerca do que verdadeiramente é paradoxal no processo de se tornar um cristão, tendo o indivíduo de se confrontar as ações simultâneas do juízo e da graça. Destaca que o paradoxo é sentido por meio do entendimento antropológico, que pode ser compreendido pelo aprofundamento biográfico do filósofo Kierkegaard. Neste contexto, ocorre a análise dos conceitos de desespero e pecado, assim como o conceito de fé enquanto cura para o pecado.

A partir desse desenvolvimento é argumentado que se tornar um cristão é um processo que acontece sob juízo e graça, mas que também é efetivo, na medida em que se compreende ser Cristo apresentado como simultaneamente modelo e redentor que se torna mais vívido durante o discipulado cristão, como significado do se tornar seguidor de Cristo, em todos os aspectos do sentido da vida cristã, que continua sendo exercida sob juízo e graça.

O autor da tese supracitada desenvolve o que chamou de *Paradoxo Absoluto*, em que descreve os efeitos do juízo e da graça no processo de tornar-se cristão. Para esse autor este é um processo que acontece sob juízo e graça no encontro com o Paradoxo Absoluto.

Considerando essa argumentação, durante a pesquisa também foi necessário pensar acerca da importância do tema *paradoxo absoluto* como parte imprescindível para se chegar ao quarto estágio, pois a abordagem do tema parte do princípio de que tornar-se cristão é entendido como sendo uma primeira articulação paradoxal entre antropologia e cristologia, que se inicia com a possibilidade do pecado original deparado da obra *Conceito de Angústia*.

Nesse sentido, a pesquisa trabalhou no processo de poder concluir que tornar-se cristão consiste em um paradoxo cristológico, vislumbrado em Kierkegaard, sob o argumento de que “o encontro do indivíduo com o paradoxo acontece sob a ação da graça de Deus na vida do indivíduo”; que poderá contribuir tanto para o entendimento da concepção de paradoxo em Kierkegaard como para a compreensão do significado de tornar-se cristão e poder, por meio dessas argumentações, identificar o que vem ser o que verdadeiramente é paradoxal no processo de se tornar um cristão, tendo o indivíduo de se confrontar com as realidades cristãs proporcionadas pelas ações da graça. Além disso, se verificou que o paradoxo pode ser sentido por meio do entendimento antropológico, a partir do aprofundamento bibliográfico do filósofo Kierkegaard.

A Discussão teórica acerca da natureza dos pseudônimos e dos estádios na busca de estabelecer a necessidade do Quarto Estádio deverá ser elaborada a partir das obras de Kierkegaard, dos estudiosos e comentadores de sua filosofia, pois, de acordo com a maioria deles, Kierkegaard não mede esforço para estabelecer três postulados dialéticos e, por meio disso, ainda que de maneira velada, chamar a atenção para contingência de um quarto estágio. Pois para alguns, existe a inter-relação entre os estádios, com a possibilidade de trânsito entre eles. Porém, para Kierkegaard parece ser alvo de destaque, a insuficiência dos estádios estético e ético para estabelecer uma relação adequada com o absoluto e eterno, e isso parece deixar, a porta aberta para a entrada do estágio religioso e a necessidade, do quarto estágio. Por isso o estabelecimento do quarto estágio é verificado a partir da visão Kierkegaardiana acerca do sistema religioso imperante na Dinamarca, em sua época. Razão pela qual ele enfatiza ser o ponto de vista ético como insuficiente para compreender a realidade da fé⁶. Isso é notado a partir da leitura de sua principal obra de cunho religioso, *Temor e Tremor*, no qual ele descreve a atitude de Abraão, ao obedecer a Deus, quando pediu o sacrifício de seu próprio filho, o filho da promessa. É aí que Kierkegaard lança o desafio do Cavaleiro da Fé, como antítese dos líderes religiosos de sua época, na cidade de Copenhague.

É preciso que seja estudado o conceito de estádios no caminho da vida – o estético, o ético e o religioso, pois parece ser a doutrina Kierkegaardiana de maior influência, cuja contribuição é geralmente reconhecida entre os estudantes e pesquisadores de filosofia; além da luta pelo desdobramento do estágio religioso em dois possíveis sub-estádios, quais sejam: “cristianismo” e “cristandade” claramente expressos em sua última obra considerada puramente estética (*Diário do Sedutor*); estabelecido na primeira parte de sua obra *Estádios no caminho da vida (O Banquete)*; e analisado mais acuradamente no *Post-scriptum* (1846), o que veio lhe servir como tricotomia útil no fragor da batalha em seus últimos anos. Os estádios são os determinantes existenciais do caráter humano – os modos de vida gerais que servem como padrões e princípios antagônicos entre si. Também é importante entender ao redor desta divisão tripartida (estético, ético e religioso), que Kierkegaard organiza todos os argumentos, ao que parece, na tentativa de propor esse desdobramento do estágio religioso, em um estágio mais excelente; porquanto seus estudos filosóficos e religiosos posteriores pressupõem que esta primeira análise dos motivos centrais do homem seja sólida e pode aplicar-se para além de seu contexto estético, ético e religioso.

⁶ Essa crítica é encontrada principalmente na obra “Ponto de Vista Explicativo da Minha Obra como Escritor”, onde defende que sua vida inteira esteve sempre pautada no estágio religioso.

Outra obra ser consultada visando consolidar a pesquisa acerca da necessidade do Quarto Estádio é *Ou um, Ou outro – A Alternativa*, publicada em 1843, onde são apresentados o estádio estético e o estádio ético. De acordo com Álvaro Valls,

No volume II dessa obra se encontra a teoria da escolha de si mesmo. O *conhece-te a ti mesmo*, do grego, deveria ser traduzido numa filosofia prática, não em pura teoria, sendo conveniente, portanto, utilizar um verbo que indicasse a eleição, o querer de si mesmo. O viés fichtiano da *ipseidade* se corrige com uma perspectiva socrática e uma cristalização cristã, com traços agostinianos (ALMEIDA e VALLS, 2007, p. 15).

Mas o lugar cativo dessa pesquisa será, precisamente, a obra *Temor e Tremor*, publicada no ano de 1843, no qual o pensador dinamarquês elabora com maior rigor o estádio religioso, após tê-lo esclarecido em *Os Estádios no Caminho da Vida*, obra publicada em 1845. Porém, em todas as suas obras ele se empenha na busca por explicar a superioridade de um estádio sobre o outro; sobretudo, do estádio religioso; levando sempre em consideração os termos do cristianismo. Conforme elaborados nas Escrituras, ele se reporta aos personagens bíblicos como exemplos dos valores exigidos na posição pessoal em relação ao cristianismo. Por meio desse artifício ele parece deixar transparecer sua intenção de propor um estádio ainda mais superior, pois religiosidade, tal como ele observava na Dinamarca não correspondia, como ele mesmo descreve, ao verdadeiro cristianismo.

Consoante ao exposto acima, este estudo contemplou, em uma primeira instancia, a fundamentação teórica por meio da investigação da filosofia de Søren Aabye Kierkegaard, a partir de sua vasta obra, sendo as principais, *O Conceito de Angústia*, *Diário de Um Sedutor*, *O Conceito de Ironia*, *O Desespero Humano*, *É preciso duvidar de tudo*, *Migalhas Filosóficas*, *O Ponto de Vista Explicativo da Minha Obra como Escritor*, *As Obras do Amor* e *Temor e Tremor*. Mais tarde, em sua obra *Repetição*, ele elabora uma crítica à vida estética e, em *Temor e Tremor*, insiste em que o ponto de vista ético não é suficiente para compreender a realidade da fé e abre o caminho para o tratamento separado da esfera religiosa nas obras *Etapas* e *Post-scriptum*, bem como nas obras propriamente religiosas.

Também foi considerados alguns dos mais notáveis comentadores. Dentre eles estarão Álvaro Montenegro Valls que, além de tradutor de muitas das obras de Kierkegaard, escreveu suas observações e interpretações constantes de seus livros *Do Desespero Silencioso ao Elogio do Amor Desinteressado* e *Razão e Fé no Pensamento de Søren Kierkegaard: o paradoxo e suas relações*; Jonas Roos, por meio de seus livros: *As obras do amor: ética e paradoxo em Kierkegaard* e *Sobre a Relação entre Juízo e Graça em Migalhas Filosóficas*; além de outros, como France Farago, Ricardo Golveia, Maria de Fátima Olivieiri e Charles Le Blanc.

Finalmente, se colocou entre as possibilidades existenciais em Kierkegaard, o quarto estádio em questão, que nesse ponto poderá passar da idealidade para a realidade, desta feita, identificado nas obras de Kierkegaard, buscando esclarecer por que, para Kierkegaard não basta se situar no estádio religioso, mas, impulsionar o indivíduo a um quarto estádio – por trazer a lume a sua inquietação, evidenciada nas críticas ao sistema religioso estabelecido em seu país. Segundo Collins, em sua obra posterior⁷, Kierkegaard abandona a posição pela qual se referia ao estádio religioso como uma esfera indeterminada e passa a distinguir entre formas naturais de religiosidade e a religião do espírito do cristianismo único.

Toda a pessoa dotada de um pouco de discernimento que considere com seriedade o que se chama a cristandade, ou o estado de um país dito cristão, deve, certamente, bem depressa cair numa grande perplexidade. Que significa que tantos milhares de homens se digam cristãos sem mais dificuldades! Como podem obter este nome inúmeros homens, cuja imensa maioria, segundo tudo leva a crer, vive sob categorias tão diferentes, como o demonstra a mais superficial observação! Como podem eles, homens que talvez nunca vão à igreja, nunca pensem em Deus, nunca pronunciarem o seu nome, senão para blasfemar! Como podem eles, homens que nunca compreenderam que poder ter na sua vida uma obrigação pra com Deus, e que fazem de certa integridade física o máximo do seu ideal, se nem mesmo a acham absolutamente necessária! Todos, no entanto, até os que negam Deus, são cristãos, dizem-se cristãos, são reconhecidos como cristãos pelo estado, são enterrados como cristãos pela Igreja, são enviados como cristãos para a eternidade! (KIERKEGAARD, 1986, p. 37).

A pesquisa seguiu o percurso pelo qual Kierkegaard lutou até sua morte, em que se sentiu sozinho, e desprovido de apoio, não que a liderança rejeitasse tal aproximação; mas que ele próprio a dispensou, visto sentir no peito a ausência de credibilidade, característica tão necessárias aos ministros religiosos, mas que faltava aos líderes de seu tempo. Portanto, partindo desse pressuposto, isto é, o fato de Kierkegaard morrer insatisfeito com a prática religiosa dos dinamarqueses, esta pesquisa cuidará de aprofundar o quanto for possível, a fim de desvendar essa possibilidade aventada por Collins, de que é extremamente provável o desejo de Kierkegaard em propor o quarto estádio no arcabouço da doutrina dos Estádios Existenciais.

A primeira etapa da pesquisa, foi a coleta de material que proporciona o alcance dos resultados pretendidos por essa inquirição, pelas leituras e estudos das obras do filósofo, buscando realizar uma pesquisa teórica que proporcione o alicerce da investigação e o alcance da perspectiva relacionada com o conceito filosófico colocado pelo autor e como ele o define em conexão com a existência concreta de indivíduos que almejam uma relação autêntica com o eterno. Levou-se em conta o entendimento do contexto em que o tema foi discutido e, de

⁷ A obra a que esse autor se refere (El pensamento de Kierkegaard) é *Post-scriptum* conclusivo não científico às Migalhas Filosóficas, publicado em 28 de fevereiro de 1846, onde Kierkegaard acentua que “a verdade é a subjetividade”.

acordo com a perspectiva de Collins, quase estabelecido por Kierkegaard, tendo como propósito analisar o valor dos conceitos de estádios da existência e a consequente necessidade do quarto estágio.

De posse das obras do autor, a segunda etapa, foi juntar os comentadores que escreveram acerca do tema, verificando as divergências e as convergências entre eles, de modo que a discussão proporcione à esta investigação a profundidade necessária à pesquisa teórica, considerando toda as referências às obras do autor de possível acesso. Desta forma, a pesquisa terá como fundamento filosófico o existencialismo cristão, adotando a cosmovisão Kierkegaardiana a partir de sua inquietação relacionada com o cristianismo praticado em seu tempo, em seu país – com a expressa preocupação de estabelecer o verdadeiro cristianismo, o cristianismo autêntico, como ele mesmo o denomina. Nesse sentido a pesquisa trabalhou a questão do pecado original, ou seja, a queda do homem e a angústia gerada pela constante busca de reconciliação. Será considerada reiteradamente todas as fontes bibliográficas de comentadores e analistas da temática que possa contribuir para a obtenção de informação qualitativa para a interpretação que busca a eficácia dos objetivos da pesquisa.

Na terceira etapa foi efetuada a análise textual, por meio de uma leitura investigativa e interpretativa a partir da vasta obra de Sören Aabye Kierkegaard e dos comentadores a fim de proceder à redação do trabalho. Além da bibliografia básica e a já relacionada neste trabalho, buscou-se novo levantamento de uma bibliografia complementar, de outras obras do autor e de outros que também debruçaram sobre o assunto, que certamente está contribuindo para a fundamentação do tema. Dessa forma, foram alcançadas as condições que possibilitaram chegar à questão acerca da real possibilidade de um quarto estágio, como garantia de uma verdadeira relação com o cristianismo autêntico. E, a partir dos desdobramentos teóricos, finalizar a busca pelo estágio excelente, o quarto estágio inserido nas possibilidades existenciais.

Assim, foi efetuada a redação do trabalho, de acordo com estudos dedutivos em torno de embasamentos teóricos e da concepção da doutrina dos estádios em Kierkegaard, sempre buscando o aprofundamento do tema, cujo fundamento é o existencialismo cristão – e, desse modo, poder verificar a possibilidade de estabelecer o *quarto estágio*, como parte das possibilidades de existência individual; e esclarecer como esse caminho e essa inquietação são o gerador da angústia, que desemboca na plena realização existencial do ser humano. E, dessa forma acompanhar o desenvolvimento de conceitos relacionais ao tema desta inquietação.

Capítulo 1 – INVESTIGAÇÃO DAS POSSIBILIDADES DO QUARTO ESTÁDIO A PARTIR DE ESTUDOS, ANÁLISES E INTERPRETAÇÕES DO PENSAMENTO DE KIERKEGAARD

A função da oração não é influenciar Deus, mas especialmente mudar a natureza daquele que ora.

Soren Kierkegaard

1.1. Análise a partir dos Eixos Interpretativos dos Estádios Kierkegaardianos

Se de um lado os autores não reconhecem a importância dos estádios na discussão do propósito religioso, presente na filosofia Kierkegaardiana, por outro, não encontramos divergências entre os vários eixos interpretativos.

Portanto, como o fim desta empreitada inicial foi encontrar os autores que fazem menção, ainda que superficialmente, dos três estádios, e verificar, porventura, as divergências e qual deve ser o proveito dessas divergências, a propósito do desenvolvimento deste trabalho, fica dificultada a busca e o desfecho da finalidade pretendida.

Assim, em um trabalho intitulado “O silêncio da solidão: tornar-se singular em Kierkegaard” (XIV Jornada Internacional de Estudos de Kierkegaard, promovido pela SOBRESKI, Sociedade Brasileira de Estudos de Kierkegaard de 3 a 7 de Novembro de 2015), na página 14 é mencionado dentre muitas obras de Kierkegaard, o livro “Estádios no Caminho da Vida”, em que menciona o conceito de cada um dos três estádios, a saber: “Estádio estético, quando o homem vive para o aqui e agora e visa o prazer instantâneo; Estádio Ético, quando o homem passa a viver eticamente a vida pautada na seriedade ordenada por decisões consistentes e padrões morais; e o Estádio Religioso, considerado por Kierkegaard o mais importante, pois é a busca do homem na vivência da fé”. Mas, a referida menção, não faz qualquer interpretação acerca do caráter progressivo do tema dos estádios. Apenas informa que Kierkegaard morreu⁸ aos 42 anos “lutando pela verdade e pelo cristianismo paradoxal, de acordo com Jonas Roos, em sua tese intitulada “Tornar-se Cristão”, onde indica que o conceito de cristianismo paradoxal significa, para Kierkegaard “que a verdade eterna irrompe na finitude. Neste entendimento a

⁸ Kierkegaard faleceu em 11 de novembro de 1855, aos 42 anos.

verdade não é um conceito, mas uma pessoa, uma vida; a verdade cria corpo, é encarnação. Este é o sentido de Jesus Cristo, a rigor, o único paradoxo do cristianismo”.

Em *O Paradoxo do “Salto da Fé em Søren Kierkegaard*, Bruno Schmoko Lima⁹, Rogério Miranda de Almeida¹⁰ e Rogério Leoderio de Souza¹¹ afirmam acerca dos três estádios que convém notar que, embora falemos em termos sequenciais – e não há outro meio de fazê-lo, uma vez que nos movemos no plano do *discurso* – Kierkegaard não considera estes três estágios como sendo necessariamente cronológicos, nem tampouco estanques. Para o autor de *Temor e tremor* não existe uma dinâmica cronológica e inelutável que, partindo do “estágio estético” e passando pelo “ético”, desembocaria no “estágio religioso”. E isto porque estes estágios estão potencialmente incluídos ou entrelaçados um no outro, no sentido em que há a possibilidade de um retorno, de um avanço, de uma transformação, ou daquilo que Rogério Miranda de Almeida chama de um “*entre-deux*” (ALMEIDA, 2005, p. 227-229). Isto quer dizer que o “cavaleiro da fé” pode hesitar no momento mesmo de dar o “salto” final, assim como o sedutor do “estágio estético” poderia finalmente decidir-se a abraçar uma opção de que antes ele havia tão somente usufruído.

Acerca da questão da razão e da fé, o mesmo autor afirma: “Fé e razão são dois domínios totalmente heterogêneos para o solitário de Copenhague, pois se trata de duas esferas que nenhuma mediação, nenhum raciocínio ou nenhuma valoração ética jamais poderiam unir ou explicar. Esta é a razão pela qual o filósofo não cessa de atacar Hegel, na medida em que, para o autor da *Fenomenologia do espírito*, só existe um caminho pelo qual o Espírito Absoluto se concretiza na história, se faz história: é justamente o caminho da *mediação*, ou das produções culturais, éticas, estéticas e religiosas que determinam o Espírito e que são por ele determinadas na sua marcha para o conceito que se pensa enquanto conceito. Ora, para Kierkegaard, entre fé e razão existe um abismo intransponível que exige, precisamente, o salto qualitativo da fé, vale dizer, uma ruptura no seio mesmo do geral que leva o indivíduo a superar o finito, a “transgredir” a esfera ética e, ao mesmo tempo, a conservar-se e afirmar-se como indivíduo. Assim, o paradoxo consiste para Kierkegaard numa “paixão infinita”, na medida em que o

⁹ Acadêmico de teologia - FATEBE - Faculdade Teológica Betânia, licenciado em filosofia pela Faculdade Oblatos de São José, pós-graduando em ética pela PUC-PR.

¹⁰ Doutor em teologia pela Universidade de Estrasburgo e doutor em filosofia pela Universidade de Metz. - França. Atualmente é professor no programa de pós-graduação em filosofia da PUCPR, Curitiba. Exerce igualmente a função de professor de filosofia na Faculdade São Basílio Magno (FASBAM) e de teologia sistemática no Studium Theologicum, ambos em Curitiba.

¹¹ Pós-graduação em Ciências da Religião- FACEL; Bacharel e licenciado em filosofia pela UFPR. Bacharel em Teologia – SEMIB. Diretor e docente da Faculdade Teológica Betânia de Curitiba.

“cavaleiro solitário da fé”, à diferença do “herói trágico” – que se move no “estágio ético” – deve efetuar o salto qualitativo ou a ruptura com relação a todo e qualquer raciocínio ou juízo de valor que justificam o genérico. Neste sentido, a verdade também se revela como sendo essencialmente individual e, portanto, eminentemente irreduzível e singular. (O Paradoxo do Salto da Fé, p. 5).

Mas, para efeito deste trabalho, é possível se verificar, exatamente o oposto, pois, considerando o fato de que Kierkegaard era leitor assíduo de Agostinho, e professava a mesma fé cristã do bispo de Hipona, é fácil constatar em seus escritos uma perfeita aliança entre fé e razão. Isso pode ser confirmado por uma leitura atenciosa de, pelo menos, duas de suas obras, a saber, *Com Temor e Tremor* e *Ponto Explicativo da Minha Obra Como Autor*.

Já para Rômulo Gomes dos Santos em seu artigo: “Reflexão sobre os estádios existenciais em Sören Kierkegaard”, Ler Kierkegaard e referenciar seus estádios dá ao pesquisador a percepção da séria leitura que o filósofo de Copenhague faz sobre a existência, dando a ela uma medida absoluta e ao mesmo tempo rompendo com a totalidade proposta pelo idealismo hegeliano. Colocando o indivíduo e sua complexidade como centro de sua reflexão, vai ver na dinâmica dos estádios o desenvolver do sujeito em busca de sua autenticidade. Ser religioso sem deixar de ser estético e ético é o desafio do homem que busca sua harmonia sem se esquecer de nenhum de seus polos. Tendo a fé cristã como ponto de partida, entrega-se a tentativa da compreensão da vida humana em todos os seus estádios, buscando uma clareza sobre como reconduzir o homem à verdade. Seus esforços não querem negar o todo que o homem é em vista de seu lado infinito, mas estudar suas possibilidades de ser em vista da harmonização de seu conjunto (Kierkegaard, p. 1).

Ainda em referência aos estádios, afirma que nessa perspectiva existencial, onde o homem caminha oscilando e se fazendo, o filósofo danês¹², traz o conceito de eu, ao qual está vinculado a ideia de autenticidade. Na busca de si mesmo, o homem mergulha nas formas existências, mas sem nelas se fixar por completo, pois oscilar entre elas, e ao mesmo tempo ser elas como um todo é a sua situação. Ser um ser que caminha entre o finito e infinito, possibilidade e necessidade, temporalidade e eternidade, faz do homem um ser complexo, e livre, pois se fosse simples, estaria no mesmo âmbito das coisas finitas. Mas, suas polaridades o permitem ser livre e buscar seu equilíbrio, seu eu. E é nos estádios da existência de

¹² O mesmo que dinamarquês.

Kierkegaard que se percebe o fazer-se humano em busca de si mesmo. No entanto, na busca do fazer o indivíduo se desespera, pois não se achando, ou não se realizando como síntese o homem se desespera. Desespero é o estado do indivíduo que não se realiza como eu. E é nessa situação que se busca entender o indivíduo em Kierkegaard, perpassando pelos seus estádios existenciais.

E continua o mesmo autor a argumentação nestes termos: Segundo Kierkegaard o homem se encontra no mundo, diante de si mesmo e em face de seu Criador. Frente a essa existência, o homem pode se situar ou existencializar-se por meio de três possibilidades ou modos de existir, esses modos de existência são chamados de estádios da existência: o estágio estético, o ético e o religioso. (COLLINS, 1958). Gouvêa (2000) chama estes “estádios” de estações, seriam como “estações de um trem”, onde se pode estar em um momento em um, e outro momento em outra estação, ou até mesmo voltar à estação anterior segundo o desejo do indivíduo. O homem escolhe como seguir sua existência, escolhe diante das possibilidades que lhe são apresentadas e, nessas escolhas, vive os seus estádios, que não são vistos como degraus nos quais se vai adquirindo “maior dignidade de vivência”, mas, modos do existir: pois não são os estádios que se transformam e sim o “Indivíduo que muda, experimenta, sente, detém-se, e pode até recuar” (LE BLANC, p. 53). Kierkegaard nos faz compreender que estádios são como momentos onde o indivíduo não nega o retorno a um modo entre os estádios após ter ido para outro. Assim, ser ético não quer dizer que não se pode retornar a viver ou sentir como um esteta, ou ao chegar ao religioso o indivíduo deixa de ser ético ou ainda estético. Desse modo, Valls; Almeida (2007) citam o dinamarquês para explicar os estádios: “Se antes eu usei a expressão ‘estádio’, e continuarei a usá-la em seguida, não necessita deduzir que cada estágio singular exista autonomamente, um fora do outro. Teria sido melhor se tivesse usado a expressão ‘metamorfose’”. (KIERKEGAARD, 36).

Nisso, se torna evidente, que a utilização da palavra estágios não é a palavra mais conveniente para expressar os modos de existência, pois não se refere a um progresso do indivíduo. Como se sabe o homem é composto de dois polos, nas palavras do filósofo: “O homem é uma síntese de infinito e de finito, de temporal e de eterno, de liberdade e de necessidade, é, em suma uma síntese”. (KIERKEGAARD, p. 25). E ainda, Kierkegaard afirma que o equilíbrio dessa síntese é o que garante ao homem sua autenticidade. Por isso, o espírito, ao relacionar-se consigo mesmo, dá origem ao eu, que é a reflexibilidade da relação e a conciliação das partes da síntese; como explica Farago (2006): “O eu não é, [...] tampouco a

relação entre alma e corpo, mas a refletividade da relação que vai desdobrando sua dinâmica no tempo, permitindo que se realize a síntese entre infinito e o finito, o temporal e o eterno, a liberdade e a necessidade’ [...]. (KIERKEGAARD, p. 86). Sendo assim, tem-se por intuito também dedicar atenção sobre cada estágio de forma particular, mostrando que eles correspondem às características dessa síntese, pois se pode derivar da leitura de Kierkegaard que ser um esteta ou um ético é estar vinculado a questões da necessidade, da finitude, da temporalidade humana e, por sua vez, ser um religioso é estar vinculado como a possibilidade, a infinitude e a eternidade. O homem é, portanto, essa síntese de polos contrários, ao mesmo tempo ele deve ser síntese de seus estágios. Possuir um equilíbrio, a harmonia das partes corresponde à autenticidade, e a carência de uma das partes é cair, de certo modo, no desespero.

E acerca dessa história de vida do indivíduo, o autor (Rômulo) considera que “... as mudanças, quando ocorrem, não acontecem por uma necessidade ou mesmo por uma lógica, mas por pura escolha do indivíduo” (98 – 100). Então, prossegue elaborando a definição dos três estágios:

Primeiro o Estádio Estético – em que constata, a partir da obra específica: *Diário de um Sedutor*, que “A descrição desta brota da própria vivência de Kierkegaard, enquanto se entregava a uma vida de boemia pelos salões e teatros de Copenhague na Dinamarca. A figura do sedutor kierkegaardiano é ícone de seu comportamento na época de juventude, pautada pelos padrões de vida estética, em que a ópera se revela mais real do que as próprias contingências do cotidiano com suas responsabilidades e deveres. De fato, o esteta rejeita o compromisso, move-se de uma forma sutil por entre os prazeres delicados da música e da arte e, nessa forma de agir, a mulher é simplesmente um dos polos no conjunto de uma multiplicidade de prazeres e desejos. (ADORNO, 2010). Do tipo, citando Kierkegaard:

E então esqueço tudo, não tenho projetos, não faço cálculo algum, lanço a razão pela borda fora, dilato e fortifico o meu coração com profundos suspiros, exercício que me é necessário para não ser constrangido pelo que, na minha conduta, existe de sistemático. Outros serões virtuosos durante o dia e pecadores à noite; eu sou pura dissimulação de dia, e à noite, apenas desejos. Ah! Se ela pudesse penetrar na minha alma — se! (KIERKEGAARD, p. 85).

Quanto ao Estádio Ético, o autor descreve o seguinte: “A vida ética nasce da escolha por uma estabilidade, continuidade que o estágio estético em seu incessante desejo exclui na busca da variedade. O estágio estético dá ao indivíduo o domínio de si, sua reafirmação, do dever e da fidelidade a si próprio. O ético domina suas vontades, tem controle de sua liberdade, o ético escolhe a forma de homem que quer ser, o homem se forma ou se afirma por si, assim

nos assegura Reichmann (1978): “O elemento estético é aquele para o qual o homem é imediatamente aquilo que é; o elemento ético é aquele para o qual o homem se transforma no que se transforma” (p. 190). A vida ética exige do indivíduo um definir-se, um transformar-se. Esse pôr-se dentro de um padrão social exige do indivíduo o domínio de si dentro daquilo que a sociedade aceita como sendo correto.

O desejo do esteta já não convém ao padrão de vida do comum. E para mostrar a face de um estético, do mesmo modo que, há a figura do sedutor para o esteta, para Kierkegaard o marido é a figura do homem ético. O matrimônio é a expressão típica do ético. Enquanto que na concepção estética do amor, duas pessoas excepcionais só podem ser felizes por força da excepcionalidade, na concepção ética do matrimônio todos os esposos podem ser felizes. Para falar sobre o matrimônio feliz, Kierkegaard alude ao “herói da vida conjugal” que defende as causas do casamento exaltando o amor reconhecido perante Deus. (MESNARD, 1986). Mesmo em um formato, a escolha como característica da vida ética é uma escolha que dá dignidade ao homem, porque não se trata da escolha de qualquer determinação finita, mas a da liberdade. Realizar uma escolha de si faz com que o indivíduo descubra em si uma riqueza infinita, é levantar a possibilidade de criar sua identidade. Nesse estágio, o homem se posiciona diferente em sua existência não mais guiado apenas pelas paixões como o esteta, faz suas escolhas pensando no futuro conciliando sua vida com as regras morais e sociais. Tenta conciliar suas decisões com a existência compartilhada sem negligenciar regras sociais. Esse indivíduo se compromete concretamente por ter uma existência séria e respeitosa, por trabalhar, por ter amigos, constituir família e o casamento é a forma dele concretizar essa moral do dever. Kierkegaard pensa que, o esposo é o estereótipo de um verdadeiro ético. (PROTÁSIO, 2014).

O estágio ético não se opõe aos prazeres do esteta, mas organiza a anomia estética, dando limites aos desejos pelas regras em que o ético escolheu ficar sob o julgo. O ético faz escolhas livremente para poder realizar o possível. Para Kierkegaard, o ético faz a liberdade triunfar através do cumprimento do seu dever e realizando o “geral”, isto é, casando-se, sendo um funcionário público, indo à igreja com a família aos domingos, passando para todos, a ideia de uma pessoa comum que convive em sociedade de forma equilibrada e sadia. Kierkegaard personaliza o Juiz Wilhelm, personagem da segunda parte de Ou/Ou e de Estádio no Caminho da Vida, como o verdadeiro indivíduo ético. O Juiz tem uma forte fé em Deus, no matrimônio e na sociedade que ele serve (GOUVÊA, p. 65).

Com relação ao Estádio Religioso, o autor considera que “A reflexão à qual o ético alcança sobre sua história, sua vida pessoal, seus erros o levam a descobrir seu eu e, descobrindo a sua subjetividade, o levará, segundo Kierkegaard, a reconhecer a necessidade do arrependimento e aí ele estará pronto para fazer o salto para o estágio religioso. Percebe-se que o eu não se fundamenta somente no agir ético que proporciona uma interiorização, mas há um salto que vai ao mais profundo do ser humano, que ocorre no estágio religioso.

Assim, ele prossegue na definição do Estádio Religioso ao descrever, principalmente a necessidade sentida a partir do Estádio Ético afirmando que após a caracterização dos dois primeiros estádios, chega o momento em que a atitude ética desmorona diante do existente que é síntese entre o finito e o infinito. É nesse momento que Kierkegaard, em sua obra *Temor e tremor* (1843), introduz o estágio religioso.

Então faz-se a aplicação em que Kierkegaard demonstra o sentido do tema em sua obra *Temor é Tremor*: Nosso filósofo o faz, tomando como exemplo a figura bíblica de Abraão, que ultrapassa pela fé, aquilo que considera ético para fazer a vontade de Deus; o qual ordenara que Abraão sacrificasse seu filho e, pela fé, o personagem bíblico, conhecido como o pai de todos os que creem, obedece. Entretanto, quando estava prestes a realizar o maior sacrifício de sua vida, Deus intervém, pois Abraão já havia provado a sua fé. Neste estágio, por meio da fé, vai-se além da razão, além do que é ético e acredita-se naquilo que é escândalo, absurdo para os homens de pouca fé. A caminho do Monte Moriah, onde deveria sacrificar Isaac, seu filho, Abraão realizava uma atitude maior que a ética de seu povo que considerava tal ato repulsivo. Como poderia um Deus tão injusto, dar a um homem já com idade avançada um filho varão, herdeiro da esperança de continuidade e, ao mesmo tempo, pedir para que Abraão o devolvesse pelas suas próprias mãos. A alegria dada por Deus ao seu servo obediente agora lhe era pedido de forma cruel. Em uma atitude além da ética, Abraão salta as limitações da vida finita ao aceitar o pedido de seu Criador. Aqui, Kierkegaard lança a dúvida em relação à soberania da ética.

Em seguida o autor concluiu em uma nota de rodapé que assim, se entende, que Kierkegaard chama de *Estádios* os modos da existência pelo fato de entender o indivíduo como um emaranhado de possibilidades, onde se cruzam o ser finito e infinito, temporal e eterno, possibilidade e necessidade. Se o homem avançasse como de degrau em degrau as possibilidades não seriam abertas diante da escolha de ser. E percebe-se que mesmo sendo maduro, ou espiritualmente elevado o homem não deixa de sentir desejos e por vezes deixar-se

seduzir-se por eles. A harmonia da relação quem é o homem, é o que permite a ele sua autenticidade e não uma subida sem volta de estágio em estágio na construção do seu eu.

Consultando, igualmente, outra tese de Laura Cristina Ferreira Sampaio, da Universidade Federal de São Carlos, cujo título é: “A Existência Ética e Religiosa em Kierkegaard – Continuidade ou Ruptura”, foram encontradas várias referências aos estádios Kierkegaardianos, nas quais pode ser extraídas algumas conclusões, tais como: Em sua filosofia da existência Kierkegaard procura, principalmente, em sua obra “O Conceito de Angústia” reconciliar a ética com a religião, embora, o tenha separado, ou melhor, feito uma ruptura entre os dois conceitos, em outra de sua obra chamada “Temor e Tremor”. Aí realça a referida tese que essa reconciliação é realizada nas “Obras do Amor”, onde Kierkegaard trata do mandamento divino do Amor ao próximo, ao que autora deliberadamente intitula de segunda ética.

O ponto de vista desta tese quanto aos três estádios, é saber categorias pertinentes à individualidade e, por isso se trata de escolhas individuais acerca da preferência de cada um, se deseja permanecer ou continuar no estágio em que se encontra, se estético, ético, ou religioso, a seu próprio critério. Declara, por conseguinte, que a tensão da possibilidade de mudança é que resulta na angústia do indivíduo, apesar de sua liberdade, frente às possibilidades de existência estética, ética e religiosa. Os estádios são qualitativamente diferentes uns dos outros e possui uma lógica interna, elaborada a partir de paixões e valores específicos.

Nesse sentido, a autora apenas faz uma exposição do conceito dos estádios, conforme elaborado por Kierkegaard, mencionando a referência aos saltos angustiantes na hora em que o indivíduo se depara com a possibilidade de mudança de um estágio para outro; mas a grande divergência entre ser religioso e ser autêntico diante de exigências cristãs de verdadeiras e radicais transformações realizadas pelo também chamado “cristianismo autêntico”. Esse conceito, muito provavelmente elaborado por Kierkegaard não é sequer lembrado neste trabalho.

Pelo visto, não poderei seguir o conselho de Kierkegaard, pois não encontrei ninguém que abordasse o meu tema (pelo menos até 11 de agosto de 2019).

Segundo o meu conceito, quem quiser escrever um livro fará bem em pensar de vários modos a respeito do tema sobre o qual quer escrever. Também não fará mal se, tanto quanto possível, tomar conhecimento do que já foi escrito sobre o mesmo tema. Se por acaso no caminho encontrar um indivíduo que já tratou exaustivamente e satisfatoriamente um ou outro aspecto, fará bem em se alegrar, assim como o amigo

do noivo o faz quando está presente e ouve a voz do noivo. Se fizer isto no maior silêncio e com a euforia apaixonada do enamorado que busca sempre a solidão, nada mais lhe faltará. Que escreva, pois, o livro de uma penada, como o pássaro canta sua canção, e, se houver alguém que daí retira proveito ou alegria, quanto mais, tanto melhor; que o publique, então, sem cuidados e preocupações, em atribuir-se tanta importância, como se estivesse dando uma conclusão para todas as coisas ou como se todas as gerações da terra fossem abençoadas com esse livro (KIERKEGAARD, p. 9).

Minhas observações, a partir desta investigação é que em todos os autores verificados percebe-se que alguns, apesar de tratar de assuntos pertinentes, por exemplo, como se torna cristão na visão Kierkegaardiana, sequer menciona o tema dos estádios. A maioria aborda o tema, mas apenas estabelece o conceito, descreve o conceito e explica o conceito de estádios, sem, contudo, interpretá-lo.

Por essas e outras constatações é que se percebe que o fundamento do pensamento de Kierkegaard, a partir de sua vasta obra, segundo a qual são definidas as possibilidades de existência e a contingência ou necessidade do Quarto Estádio.

Portanto, o que se pode concluir é que: 1. Há grandes possibilidades contingentes do quarto estágio estabelecidas pelas questões ligadas ao seu desenvolvimento; 2. A Síntese do conteúdo da obra *Ou um o Outro*, onde apresenta a alternativa entre a ordem estética e ética; embora não pareça chegar a qualquer decisão palpável, permite-se enxergar um pequeno vislumbre, nas entrelinhas, da proposta Kierkegaardiana de um Quarto Estádio; 3. Começando a clarear a tal contingência ao aproximarmos de sua obra mais madura, *Ponto de Vista Explicativo da Minha Obra como Escritor*; 4. Verifica-se um certo delineamento inicial do grau de valor entre os estádios, sinalizando a contingência do quarto estágio; 5. A crítica à vida estética em sua obra *Repetição*, a luz que alumia a existência do Quarto Estádio começa a se fazer presente; e 6. O calor da contingência do quarto estágio é muito mais intenso nas obras *Temor e Tremor*, *Etapas no Caminho da vida*, *Post-scriptum*, e outras obras propriamente religiosas.

1.2. Análise da diferença entre o Espírito Revolucionário de Kierkegaard e os primeiros filósofos entendidos como Brasileiros – onde se encontra a diferença? na cosmovisão!

Esta análise originou-se de um trabalho de disciplina do doutorado que considerei relevante para estes argumentos, considerando que Kierkegaard também lutou para que seus concidadãos pudessem desfrutar com justiça do sistema vigente em seu país, a Dinamarca.

Com relação à comparação das atividades de Kierkegaard e da Patrícia Galvão (Pagu), é importante considerar que ambas as atividades eram perfeitamente justas, porém uma era temporal, a outra eterna; ou seja, uma visava as causas puramente humanas e terrenas; enquanto a outra visava as causas divinas e eternas, embora, ainda na esfera humana.

Por isso, é de extrema importância destacar as diferenças das cosmovisões de Kierkegaard e a dos filósofos tidos como brasileiros; porém, reconhecer a importância de ambas as cosmovisões, mas reconhecer também a supremacia da cosmovisão eterna sustentada por Kierkegaard. Entretanto, sabemos que as duas cosmovisões não são simultâneas, não ocorrem, nem podem ocorrer no mesmo tempo, no mesmo espaço e na mesma ordem (diga-se, qualidade de ação) em suas reivindicações. Não podem andar juntas, pois dessa forma, se arranharão mutuamente.

É imprescindível considerar também ser a cosmovisão eterna em absoluta prioridade sobre a terrena, visão do filósofo, ao mesmo tempo em que também seja acentuar a efemeridade da cosmovisão terrena e perenidade da eterna; sendo, até mesmo necessário aconselhar o abandono da cosmovisão terrena em prol da cosmovisão eterna, tendo como base teórica, a cosmovisão Kierkegaardiana.

Kierkegaard levava em conta os paradigmas cristãos, observados nas Escrituras. Sua filosofia parte do princípio de que o homem não triunfa nos anseios da sua existência sem a ajuda de Deus, além de considerar a ínfima duração de sua vida é meditar constantemente para além de sua existência terreal, mirando sempre na eternidade. Enquanto que os militantes das coisas desta vida, ainda que consideramos a importância da luta que travaram em prol de uma sociedade melhor, de qualidade de vida melhor, nossos modernos filósofos brasileiros mantinham seus olhares apenas nas coisas deste mundo, consideradas na cosmovisão cristã e, detestado na filosofia de Kierkegaard, que ansiava por uma Dinamarca, que ostentava um cristianismo vazio, desprovido da semelhança do modo de vida observado em Cristo e de seus apóstolos durante sua passagem por esta terra.

É inegável que Kierkegaard, tal como Patrícia Galvão (Pagu), desenvolveu um espírito revolucionário; mas, seus objetivos e propostas era, a meu ver, mais nobres, por tratar-se de reivindicações humanas, sim; mas reivindicações que saltam para a eternidade. Aliás, o termo “salto” é um conceito recorrente em Kierkegaard, especialmente quando ele se referia ao

progresso do indivíduo que, grandinha as barreiras da subjetividade, mudava o estilo de vida saltando, pela fé para um estádio mais nobre, do ponto de vista de ser um cristão autêntico.

Tendo em vista a importância da luta para se viver uma vida projetada para uma vida extremamente qualitativa visando a eternidade é ousado propor, a partir da cosmovisão Kierkegaardiana, de seu espírito revolucionário em contrapartida aos primeiros filósofos entendidos como Brasileiros – E destacar onde se encontra a diferença: em sua cosmovisão!

1.2.1. A visão Kierkegaardiana da eternidade

Foi precisamente a visão que Kierkegaard tinha acerca das coisas eternas que o fez desenvolver uma busca desenfreada por um modo de vida dos dinamarqueses que professavam o cristianismo, mas, viviam na contramão daquilo que professavam. Por um cristianismo autêntico ele lutou, brigou, sofreu tentativas de cancelamento. Mas ele, diferentemente dos filósofos, lutou por uma causa eterna.

Tomando como exemplo para efeito desta comparação a PAGU (Patrícia Galvão), que, a partir de sua principal obra, *Parque Industrial*, denunciava a incoerência social observada no crescimento industrial da cidade de São Paulo que, no auge de seu desenvolvimento, explorava abusivamente, a mão-de-obra feminina, bem como de muitos paulistanos que precisava se submeter àquelas humilhações por parte dos que só pensavam em auferir cada vez mais lucros, de acordo com a “Estatística Industrial do Estado de São Paulo, 1930”. “As fábricas ampliam a sua capacidade de produção e trabalham intensamente a partir do segundo ano do conflito europeu, conforme indicam as estatísticas” (PAGU, p. 12).

Anos antes da decepção capitalista de Patrícia Galvão, Kierkegaard tinha outro tipo de decepção, a decepção religiosa que os líderes, principalmente os líderes lhe causavam. A diferença é que, a despeito da decepção, Kierkegaard tinha uma arma mais eficiente, a sua cosmovisão da eternidade.

Sören Aabye Kierkegaard nasceu em 5 de maio de 1813, em Copenhague, Dinamarca, filho de Michael Peterson Kierkegaard e Anne Kierkegaard. Desde cedo se dedicou ao estudo e à reflexão. Por insistência do pai, teve intenso aprendizado de latim, grego e submeteu-se a uma rigorosa devoção pietista¹³, passando assim a pensar a vida como a angústia da devoção

¹³ Segundo Charles Le Blanc (2003, p. 20), “o pietismo é uma corrente religiosa proveniente do luteranismo que a princípio se arraigou na Alemanha do séc. XVII para irradiar-se em seguida para vários países, entre outros

religiosa. Este sentimento o levou ao curso de Teologia na Universidade de Copenhague, período em que percebeu a influência da filosofia de Hegel sobre o ensino cristão então ministrado na Universidade; a partir desta constatação, passou a contestar energicamente o hegelianismo e viveu uma vida inteira em intensa polêmica com as personalidades dinamarquesas da época, especialmente os líderes da Igreja Luterana. Faleceu em 11 de novembro de 1855.

Verificou-se no curso de sua vida que Kierkegaard mantinha uma constante preocupação em agradar a Deus, como destacou um de seus comentadores, cito Reichmann:

O importante é entender-me a mim mesmo, é perceber o que Deus realmente quer que eu faça; o importante é achar uma verdade que é verdadeira para mim, achar a ideia em prol da qual posso viver ou morrer (REICHMANN, p. 39).

Diferentemente Patrícia Galvão sua obra *Parque Industrial*, Kierkegaard pensou a eternidade ao encarar a situação espiritualmente contraditória dos dinamarqueses, que viviam um cristianismo notadamente aquém dos ensinamentos de Cristo e seus apóstolos. Sua principal crítica era sobre a igreja luterana, uma igreja era estatal, cujos líderes e eram assalariados do Estado, ostentando vidas de exagerada abastança, muito além dos padrões recomendados e vividos por Jesus e seus apóstolos. Enquanto a Patrícia Galvão escancarava as injustiças sociais observadas na cidade de São Paulo,

São Paulo é o maior centro industrial da América do Sul: O pessoal da tecelagem soletra no cocuruto imperialista do “camarão” que passa. A italianinha matinal dá uma banana pro bonde. Defende a pátria. – Mais custa! O maior é o Brás! Pelas cem ruas do Brás, a longa fila dos filhos naturais da sociedade. Filhos naturais porque se distinguem dos outros que têm tido heranças fartas e comodidade de tudo na vida. A burguesia tem sempre filhos legítimos. Mesmo que as esposas virtuosas sejam adúlteras comuns (Patrícia Galvão, pág. 30).

Kierkegaard tecia duras críticas à religião estatal e aos seus líderes. Críticas essas, também dirigidas à todos os dinamarqueses, seguidores passivos do sistema. Pagu segue com suas justas queixas, com sua luta contra o sistema do Parque Industrial – as operárias não tinham descanso, nem vida familiar.

– Nós não temos tempo de conhecer os nossos filhos! as Sessões de um sindicato regional. Mulheres, homens, operários de todas idades. Todas as cores. Todas as mentalidades. Conscientes. Inconscientes. Vendidos. Os que procuram na união o único meio de satisfazer as suas reivindicações imediatas. Os que são atraídos pela burocracia sindical. Os futuros homens da revolução. Revoltados. Anarquistas. Policiais. Uma mesa, uma toalha velha. Uma moringa, copos. Uma campanha que falha. A diretoria. Os policiais começam

lugares a Dinamarca. Corrente esta que colocava em primeiro plano a experiência religiosa pessoal e a reforma interior”.

sabotando, interrompendo os oradores. É um cozinheiro que fala. Tem a voz firme. Não vacila. Não procura palavras. Elas vêm. Os cabelos nos olhos bonitos. Camisa de meia suada, agita as mãos enérgicas. Estão manchadas pelas dezenas de cebolas picadas diariamente no restaurante rico onde trabalha. – Nós não podemos conhecer os nossos filhos! Saímos de casa às seis horas da manhã. Eles estão dormindo. Chegamos às dez horas. Eles estão dormindo. Não temos férias! Não temos descanso dominical! (Patrícia Galvão, pág. 35).

A solidão no sofrimento torna-se o centro da meditação de Kierkegaard. A partir da solidão e do sofrimento ele desenvolve o sentido da subjetividade e da existência que vem do seu interior. Na luta contra o luteranismo oficial, desenvolve um sistema religioso doloroso que se diferencia em muito da religião que se praticava. O hegelianismo, que outrora o influenciara, é agora alvo de duras críticas. Ele não aceitava a aproximação da Igreja com o racionalismo de Hegel. Kierkegaard aponta para o erro no âmbito religioso, pois segundo ele, não havia qualquer compatibilidade entre o cristianismo como um momento histórico que se devia ultrapassar, conforme o pensamento característico do romantismo hegeliano. Não, o cristianismo não pode ser considerado apenas como um acontecimento histórico; o cristianismo é relativo ao sujeito, ao indivíduo na contemporaneidade, situado simultaneamente no tempo e na eternidade, pois “a relação com o Absoluto somente pode ocorrer em um tempo – o presente” (ALMEIDA; VALLS, p. 57).

1.2.2. A luta kierkegaardiana a partir de sua cosmovisão

Kierkegaard foi um filósofo cristão que ousou fundamentar sua teoria a partir dos relatos “existencialistas” de personagens bíblicos como Abraão, que se dispôs a sacrificar seu filho Isaac; e argumentar sobre o desespero de Lázaro ao ficar doente até a morte e que, embora tenha sido ressuscitado por Jesus, não logrou vantagem alguma, uma vez que teve que enfrentar a morte mais uma vez. Kierkegaard proferiu a angústia do ser humano em todas as áreas da vida, a partir do pecado hereditário, porém considera Abraão um herói e um dos cristãos mais bem-aventurados na medida em que se ri da morte ao invés de enfrentar o desespero da doença até a morte, como ele enfatiza:

Visto que na linguagem humana a morte é o fim de tudo, e, como costuma dizer-se enquanto há vida há esperança. Mas para o cristão, a morte de modo algum é o fim de tudo, e nem sequer um simples episódio perdido na realidade única que é a vida eterna; e ela implica para nós infinitamente mais esperança do que a vida comporta; mesmo transbordante da saúde e de força (KIERKEGAARD, p. 314-315).

Além disso, ele foi o primeiro a investigar o modo de existência do indivíduo visando a existência na eternidade; ao passo que os primeiros filósofos, acompanhando os padrões

propostos pelos filósofos antigos, que investigaram e lutaram por uma existência no mundo¹⁴. Desse modo, ele oferece ao indivíduo a oportunidade de entender ele próprio sobre o fundamento da existência eterna, para compreender o sentido da própria existência – constantemente agradar a Deus; por isso, considerou como fundamento filosófico o modo de vida cristão, adotando uma cosmovisão a partir de sua inquietação relacionada com o pecado original, com o qual ele trabalha a queda do homem e a angústia gerada pela constante busca da reconciliação com Deus, que ele chama de “salto da fé”¹⁵. Isto esclarece o significado, a contextualização e a importância para a sociedade pós-moderna o que Kierkegaard quis significar ao utilizar as fórmulas: “angústia”, “desespero” e “ironia”.¹⁶ Todos estes pensamentos kierkegaardiano não giravam em torno da busca por uma sociedade melhor, mais justa e igualitária, como era a luta dos filósofos brasileiros (aqui representados pelo Patrícia Galvão – a Pagu); mas sim, por uma vida mais voltada para Deus, e para os princípios e ensinamentos postos e proposto pelas Escrituras.

É, precisamente nesse contexto que em sua teoria dos Estádios, Kierkegaard via três possíveis estilos de vida nos seus concidadãos dinamarqueses: ora, um estilo de vida estético, ora, um estilo ético ou ainda um estilo religioso de vida. Mas, na visão kierkegaardiana os dinamarqueses não eram muito afeitos a um estilo de vida puramente religioso; percebeu, sim que adotaram uma espécie de sincretismo entre os estádios. Isso foi uma das coisas que mais intrigava Kierkegaard, tanto que o levou a quase propor um quarto estágio, pelo uso constante da exortação a um cristianismo autêntico, um cristianismo semelhante ao de Jesus e de seus apóstolos – um verdadeiro cristianismo!

Para Kierkegaard, até mesmo o estágio ético, representado especialmente pelo casamento, não consiste na única realidade subjetiva do homem, havendo a possibilidade de uma solução excepcional: renunciar à vida conjugal por uma vocação religiosa, a qual lhe possibilita atingir um estágio de existência superior à de um marido mais perfeito. Desta forma, estabelece o *estádio religioso*. Kierkegaard foi, desde sua infância, conduzido pela família na prática religiosa; convívio que sempre esteve presente em sua vida como uma fonte de inspiração e um espaço de reflexão e existência. A religiosidade pessoal do filósofo é composta

¹⁴ Kierkegaard é tido como o fundador do existencialismo, no tocante à história da filosofia.

¹⁵ “Salto da fé” é uma expressão utilizada para explicar a ruptura do estágio ético para o estágio religioso da existência, na filosofia de Søren Kierkegaard.

¹⁶ Tema amplamente discutido em sua primeira obra, tese de doutorado em Teologia na Universidade de Copenhague, Kierkegaard (1841) trata da “ironia socrática” em que faz clara identificação com a relação do crente com Cristo; o cristianismo ideal ou autêntico, como ele costuma confrontar com o que ele chamou de “cristandade” ou cristianismo sem Cristo – sua constante crítica ao cristianismo praticado em sua época.

por duas realidades: por um lado, o cristianismo com seus dogmas e seus paradoxos; por outro lado, a tensão psicológica com que ele e sua família recebem estes dogmas e paradoxos do cristianismo em meio aos problemas existenciais profundos e traumáticos, os quais justificam os temas constantes em suas obras: angústia, doença, desespero, temor e tremor.

Verdadeiramente, isso tudo é muito deprimente. Mas, para Kierkegaard, pior ainda: sem esperanças eternas. Pagu tinha razão; Kierkegaard, muito mais. Ele lutava por uma dignidade eterna. Pagu tinha uma cosmovisão terrena; Kierkegaard tinha uma cosmovisão eterna; mas lutavam por algo diferente: Pagu, por justiça social. Ela queria equilíbrio social. Kierkegaard, por justiça na confissão cristã – ele queria um cristianismo autêntico, no qual os dinamarqueses pudessem viver coerentemente com sua declaração de fé.

Coerente com sua cosmovisão, Patrícia Galvão criticou o status visual da cidade de São Paulo: Escola Normal do Brás. Reduto pedagógico da pequena burguesia. O estudo não é muito caro. Os pais querem que as filhas sejam professoras, mesmo que isso custe comer feijão, banana e broa todo dia. O prédio grande, amarelo e sujo. O jardim de formigas do jardineiro José. Eternas serventes. O porteiro bonito que estuda Direito. O secretário anão e poeta. As professoras envelhecendo, secando. Os lentes sem finalidade. O sorveteiro. O amendoim torrado. As meninas entrando, saindo. Bem vestidas. Mal vestidas. As bem vestidas são as filhas dos médicos do Brás e a Matilde, a filha daquela girl do Arruda. Todas acham ela bonita. Tem o sorriso triste. Os olhos muito verdes. As coxas aparecendo sob o jersey curtíssimo. Paga sorvete pra todas. Cada lanche! Como corista ganha! Mas ela não conta pra ninguém que já trabalhou na Fábrica. As condições, além do uso seletivo, eram precárias aos olhos de um espírito revolucionário para bem da sociedade. De fato, era difícil de ver! Mas, novamente, a luta Kierkegaardiana era diferente, porque lutava a favor do bem estar eterno dos dinamarqueses. Com isso, não quero dizer que o bem estar terreno seja desagradável, pelo contrário; mas na visão de Kierkegaard, somente quando é buscado no contexto da temporalidade.

1.2.3. As lutas e reivindicações terrenas são efêmeras e, ainda que justas, seus personagens lutaram em vão

Todos morreram sem conseguir os objetivos propostos. Por quê? Porque o sistema está dominado... Portanto, todos nadaram bastante, mas morreram afogados nas areias do oceano político do cancelamento, também chamado de Epistemicídio. A história nos mostra que eles

todos foram apagados, ao mesmo tempo que as suas produções literárias e filosóficas. Esses fatos coadunam com o pensamento de Kierkegaard, segundo o qual, à parte de Deus, à margem da teologia nada chega a bom termo. As reivindicações terrenas, por si só são auto destrutivas, no tempo.

As inquietações de Kierkegaard tem como base as próprias inquietações que caracterizaram os cristãos desde os primórdios, em contraposição às lutas políticas encetada por Patrícia Galvão (Pagu)

Por isso a filosofia kierkegaardiana parte da ideia de que a subjetividade é o ponto de partida para se entender a razão da existência humana. De acordo com sua filosofia, o homem é o resultado de tudo que se forma à sua volta e ao longo da sua vida – o princípio da ausência de um sentido da vida, ao mesmo tempo em que cria uma expectativa em torno de sua própria existência e direção divina. Por isso, baseia-se no conceito de desespero, implicado pelo pecado mortal e hereditário referido nas Escrituras, fonte principal da angústia, sem correr o risco de abandonar a fé em Deus, ainda que por breves momentos, ele mesmo, enveredando-se pelos valores estéticos, abandonar a carreira ministerial tão almejada, não somente por ele, mas, principalmente por seu pai¹⁷.

Formulou a maioria de seus conceitos filosóficos a partir de relatos bíblicos, emprestando-lhes a visão filosófica para dar sentido à vida e justificar a busca pela existência, enfatizando constantemente a subjetividade e contrastando com os sistemas que, no seu entender, eram contraditórios a essa maneira de pensar. Um dos principais comentadores da filosofia kierkegaardiana, em uma obra escrita em parceria, ao falar de uma das obras de Kierkegaard, afirma:

Temor e tremor apresentam variações do relato bíblico, para questionar a moral kantiana e a ética hegeliana. O patriarca, Pai da fé, não pode falar a verdade, como exigia Kant, e se relaciona diretamente com um Absoluto, que transcende a ética, de modo a contrariar os sistemas idealistas e racionalistas (ALMEIDA E VALLS, 2007, p. 17).

Outro fator importante, que também diferencia as buscas de Kierkegaard e a dos filósofos brasileiros é a clara busca das coisas e dos valores eternos, em detrimento das coisas e valores meramente terrenos, ao destacar com forte ênfase o heroísmo dos personagens

¹⁷ Experiência que ele mesmo viveu ao afastar-se da vida cristã por breve tempo. Durante esse período Kierkegaard vivenciou os prazeres mundanos, mas veio a arrepender-se e voltar para a fé e consequentemente para a faculdade de Teologia da Universidade de Copenhague, após a morte de seu pai.

bíblicos. Por exemplo, em uma de suas mais conhecidas obras, *Temor e Tremor*, ele coloca Abraão como exemplo vivo do herói absurdo. Abraão, sem saber por que (Deus exige, sem fornecer algum motivo), oferece a Deus o sacrifício de seu filho Isaac. Mas, este absurdo é revelador de Deus. Com efeito, no momento exato em que se daria o sacrifício, um anjo susta sua ação, substituindo o filho por um cordeiro. Deus reconheceu a fidelidade e o amor de Abraão para com Ele, pois, na sua prova, seria capaz de sacrificar o seu filho bem amado. Já na obra *Desespero Humano – da doença até a morte* ele trata da questão do desespero como o único mal para o qual não há cura. A morte, encarada pelo senso comum, como o pior dos males, não é um mal menor do que o desespero, pois a própria morte já foi vencida por Jesus Cristo ao ressuscitar Lázaro e também quando ele próprio ressuscitou. Por que o desespero é algo muito tão terrível, de acordo os escritos de Kierkegaard.

Essa visão da eternidade conduziu Kierkegaard a aprofundar os conceitos de angústia e desespero – “Do desespero consciente da sua existência; consciente, portanto, de um eu de certa eternidade; e das duas formas desse desespero, uma na qual se deseja; outra na qual não se deseja ser si próprio” (KIERKEGAARD, 1998, p. 319). O desespero pode ser classificado como: o desespero provocado pela luta contra o pecado original, o desespero provocado pelas consequências do pecado original e o desespero de desesperadamente querer voltar-se para Deus, mediante arrependimento, o que para Kierkegaard é o ideal. Porém, o que deveria constituir o projeto de vida de cada um é a busca do real. Esses conceitos podem ser entendidos como relação do eu com o mundo. A angústia é o sentimento do possível, a condição existencial gerada pela “angústia” das infinitas possibilidades da existência. Em seu propósito, ele aprofunda os estádios antropológicos (estético, ético e religioso), asseverando que o pecado hereditário é causa de angústia no contexto dos vários estádios existenciais; por meio dos quais ele discute a relação da ética com a dogmática, como ele próprio afirma:

Que a natureza humana tem de ser tal que ela torne o pecado possível é totalmente verdadeiro, do ponto de vista psicológico, mas querer fazer dessa possibilidade do pecado a sua realidade efetiva provoca indignação na Ética e soa como uma blasfêmia para a Dogmática; pois a liberdade nunca é possível; logo que ela o é, é real, no mesmo sentido como se disse numa filosofia mais antiga que, se a existência de Deus é possível, ela é necessária (KIERKEGAARD, p. 24).

Embora tenha experimentado os valores da tradição ou da “moda” filosófica de seu tempo é, sobretudo, em sua existência que Kierkegaard encontra elementos considerados importantes para lançar as bases de sua filosofia. Com uma vida conturbada desde a infância, como ele próprio afirma: “Comecei pela reflexão: não adquiri um pouco com a idade: sou reflexão do princípio ao fim” (KIERKEGAARD, 1986, p. 75); mas com grandes alternativas,

tendo como resultado de seu pensamento uma filosofia peculiar, muito mais de acordo com suas próprias experiências e inquietações (“é preciso duvidar de tudo”), do que com os outros sistemas anteriores. Sua principal influência parte de um conceito amplamente utilizado por Sócrates: a *ironia*, uma vez Kierkegaard considera Sócrates, segundo Mesnard, o “precursor e patrono da filosofia da existência” (MESNARD, 2003, p.17).

Kierkegaard, em sua visão da eternidade, desenvolveu, ao mesmo tempo, profundos conhecimentos de Filosofia e Teologia¹⁸, sendo, por isso, era sempre levado a aprofundar seus estudos teológicos. Assim, sua filosofia tem como pano de fundo a Teologia. Sempre se via às voltas com a Teologia. A linha divisória entre Filosofia e Teologia em Kierkegaard é muito tênue, como afirma Farago (2006, p. 18): “Também será fora de propósito separar aquilo que, na obra de Kierkegaard, pertence à área da teologia, da filosofia”. A Teologia é, por assim dizer, sua nave mãe, à qual sempre retorna para abastecer sua aeronave filosófica profundamente influenciada por Sócrates, a quem considerava, em certa medida, semelhante a Jesus Cristo. No campo intelectual, Kierkegaard era um profundo conhecedor de obras clássicas. Entre as fontes que o influenciava estavam as belas-artes, a Filosofia Clássica e a Moderna. Pode-se perceber na obra de Kierkegaard um pensamento reflexivo bastante abrangente, fruto desta sua diversidade de fontes, de tal maneira que Hannah Arendt o tem na conta de quem mais compreendeu a universalidade da dúvida cartesiana, ao afirmar que

Talvez ninguém tenha explorado suas verdadeiras dimensões com maior honestidade que Kierkegaard, quando este se lançou – não da razão, como ele julgava, mas da dúvida – a crença, levando assim a dúvida para o próprio cerne da religião moderna. Toda esta abrangência tem o objetivo de confrontar as ideias, os fatos, as experiências à luz do cristianismo que, para ele, é uma consciência moderna (ARENDR, p. 287).

As inquietações e angústias que o acompanharam estão expressas em todo o seu pensamento e explicitadas em suas obras.

É verdade que o sistema é atormentador para quem tem o mínimo de senso de justiça. Kierkegaard, assim como Gonçalves de Magalhães, Farias Brito, Pagu, e outros vivenciou intrigas internas e externas. A diferença é que a luta de Kierkegaard foi contra o sistema religioso, tão dominante quanto o sistema político, que os filósofos brasileiros tiveram de enfrentar. Assim como eles, Kierkegaard não logrou sucesso em seus questionamentos –

¹⁸ Sua teologia, embora se referindo constante a Sócrates em sua tese de doutorado, era marcada por uma constante busca para explicar as Escrituras na sua relação com a existência humana. Isto é facilmente verificado nas obras religiosas como *Temor e Tremor*; *Conceito de Angústia*, onde ele discute abertamente que o pecado não pode ser explicado por nenhuma ciência, mas pela dogmática e pela pregação (*Ponto de Vista Explicativo*).

também sofreu diversas tentativas de apartamento. Mas, enfrenta até a sua morte. Solitário, e sem a menor expectativa de que suas exortações e reivindicações fossem seguidas, Kierkegaard morreu sem a assistência religiosa de praxe, tendo, ele mesmo rejeitado, por não confiar nos ministrantes, os pastores da igreja luterana em Copenhague.

1.3. Análise a partir do emprego que Kierkegaard fez dos pseudônimos

Segundo Brandt (1963), "os escritos pseudônimos são a maior e mais valiosa conquista de Sören Kierkegaard. Filosofia, arte e teologia estão unidas de uma forma nunca antes vista" (p.26). Mas para que se utilizar pseudônimos? Para Strathern (1999), por desejar esconder-se, por um lado, "mas ao mesmo tempo queria deixar óbvio que *era* um pseudônimo (ou uma série de pseudônimos)" (p.26). Esse pseudônimo sempre seria de ordem estética (KIERKEGAARD, 2002) para, por meio da estética, atrair os olhares dos seus leitores:

Descreve o mundo estético com todos os seus encantos, cativa, se possível, o teu interlocutor, mostra este mundo mudando o tom da paixão que convém a esse homem, petulante se é jovial; triste se é melancólico; espirituoso se gosta de belas palavras (KIERKEGAARD, 2002, p.46).

Cada um de seus pseudônimos possui características diferentes e são destinados a leitores diferentes. Feijoo (2007) afirma que Kierkegaard "precisava mostrar-se de modo a agradar o outro, assim, ganhando o seu interesse, poderia então avançar em seu plano" (FEIJOO, 2007, p. 111). Brandt (1963) afirma que por meio dos escritos pseudônimos, a "sua intenção era de demonstrar uma série de diferentes pontos de vista sobre a vida, o que ele também chamou de 'Estágios da Vida', por autores fictícios" (BRANDT, 1963, p.23). A fim de organizar a sua estratégia de comunicação indireta, Kierkegaard utiliza-se de pseudônimos para assinar o conteúdo de suas obras, elaboradas de acordo com critérios estéticos, éticos e religiosos da existência humana. Para Feijoo e Protasio (2011), os pseudônimos refletem uma obra multifacetada, "em uma polifonia de vozes e disposições afetivas que colocam, insistentemente o problema da existência" (p. 19).

Há, pois, um sentido "estético" para cada pseudônimo, mas igualmente um sentido "psicológico" para cada um deles, cada qual sendo um modo de apresentação de si ao mundo, de diferentes formas, como facetas de uma múltipla personalidade. Cada uma de suas obras é elaborada de acordo com um dos três estágios da existência humana, permitindo ao autor alcançar pessoas de todos os estágios (FEIJOO, 2008). Entretanto, compreender o significado

dos pseudônimos não é uma tarefa fácil. Jolivet (1952) diz que seus pseudônimos são "tão numerosos quanto complicados" (p.23); e sempre temos de lembrar quem está falando e de onde se está falando (BRANDT, 1963, p.37).

O primeiro livro com pseudônimo (nesse caso "pseudônimos", pois a autoria é de alguns de seus pseudônimos) foi *Ou isso ou aquilo: Um fragmento da vida*, publicado por *Victor Eremita* que – assinala Strathern (1999) – tem um sobrenome que "provém da palavra grega antiga significando *solitário ou proscrito*" (p.26). Kierkegaard (2002) afirma que havia um pensamento enclausurado nesse nome, a escolha feita por ele, dentre as seguintes opções: "Precisava, ou de me precipitar no desespero e na sensualidade, ou de escolher absolutamente o religioso como a única coisa necessária, ou o mundo numa medida que se anunciava cruel, ou o claustro" (KIERKEGAARD, 2002, p.35).

Visto que havia terminado o noivado, fica óbvio o motivo da escolha por tal nome e qual opção ele tomou, de se tornar um recluso no mundo, optando pelo religioso. No final da primeira parte desse livro, há um texto intitulado *O Diário de um Sedutor*, no qual o autor é *Johannes*³, o sedutor. Brandt (1963) considera o livro como "uma penetrante peça de psicologia". Essa parte do livro contém cartas de amor de Kierkegaard e Régine Olsen.

Johannes de Silentio escreveu *Temor e Tremor*, onde KIERKEGAARD se denomina um "observador sério disposto de pressupostos religiosos [...] de quem é possível fazer-se compreender à distância, ao qual se pode falar no silêncio (o pseudônimo: Johannes... *de Silentio*)" (KIERKEGAARD, 2002, p.37). Afirma não ser filósofo, nem construir um sistema, mas sim um "poeta e elegante", para quem escrever é um luxo que quanto menos leitores tiver, mais significativo é. "É um livro fácil de ser lido à hora da sesta" (KIERKEGAARD, s/d, p. 3).

Victor Eremita e *Johannes de Silentio* foram os pseudônimos que introduziram os estágios na obra de Kierkegaard. *Ou-ou* retrata os estados estético e ético, enquanto que *Temor e Tremor* retrata o estágio religioso. Kierkegaard ainda usaria outros pseudônimos – que citamos a seguir: Constantin Constantinus, Vigilius Haufniensis, Johannes Climacus, Nicolaus Notabene, Hilarius Bookbinder, Frater Taciturnus (Irmão Taciturno) – mas dada a relevância dos dois supracitados, estaremos nos atendo a estes.

De 1842 a 1846, Kierkegaard publicou paralelamente a seus escritos de pseudônimos, dezoito discursos edificantes sob seu próprio nome. BRANDT (1963) interpreta que Kierkegaard escreveu esses escritos em seu nome porque demonstravam um ponto de vista

cristão da vida, pelo qual ele poderia se responsabilizar. Quando Kierkegaard utilizava seu próprio nome, escrevia de um ponto de vista religioso, com o qual seu falecido pai concordaria. Tanto é que dedicou esses dezoito discursos ao seu pai (BRANDT, 1963). Entretanto, cada pseudônimo, no entanto, não foi somente uma mera criação intelectual sua. Eles estavam intrinsecamente relacionados com acontecimentos e experiências adquiridas durante a sua vida, e foram, portanto, reflexos de sua própria subjetividade.

1.4. Análise a Partir do Conceito do Paradoxo Kierkegaardiano

De acordo com sua biografia, Kierkegaard, é ele próprio, um paradoxo. Como ele mesmo afirmou: “Não é necessário pensar mal do paradoxo, pois o paradoxo é a paixão do pensamento, e o pensador sem um paradoxo é como o amante sem paixão, um tipo medíocre” (KIERKEGAARD, 1995, p. 15). Ele é um dos raros filósofos, que projetou sua própria vida ao desenvolver sua filosofia. Suas inquietações e angústias estão expressas em seus textos, incluindo a relação de angústia e sofrimento que ele manteve com o cristianismo – herança de um pai extremamente religioso, que cultuava a maneira rígida princípios do protestantismo dinamarquês, religião de Estado. Para Kierkegaard a existência é feita de paradoxo. As principais características que marcaram paradoxalmente sua existência tem vai da infância até a morte. De forma coerente com o seu estilo polêmico rejeitou a assistência religiosa oficial, muito embora tivesse desenvolvido profundo sentimento religioso. Sentimento esse que o levou, após curto período de afastamento, a ingressar em um curso de teologia da Universidade de Copenhague e cogitar o cargo de pastor. Procura-se estudar o tema em três curtos momentos, a saber: O Paradoxo da Fé; o Paradoxo do Amor; e o Paradoxo da Liberdade, e desse modo compreender o sentido que Kierkegaard empresta ao conceito de paradoxo em sua filosofia e como essa explicação contribui para a clareza da questão da liberdade de consciência, assunto geral a que se pretende elucidar. Desse modo pretende-se descobrir como a relação dos paradoxos em Kierkegaard pode auxiliar na compreensão da liberdade individual como ênfase na posição transparente do autor (contra Hegel) de que a individualidade define a existência e não o sujeitar a um sistema predeterminado.

1.4.1 O paradoxo da fé referido no personagem bíblico Abraão

O contexto em que Kierkegaard escreveu fornece a motivação para sua inquietação relacionada com o tema da fé. Destaca-se que se trata da fé cristã, observada a sua fraqueza e quase anulada influência no seio da religião oficial, ele resolve tratar filosoficamente (quer dizer

em tom irônico) do tema, de forma que os dinamarqueses sentissem compulsão em considerar, ou melhor, reconsiderar os seus conceitos de fé. Kierkegaard propunha a si mesmo o desafio de se revelar ele próprio um daqueles que, tendo sido criado no regime da fé, correu o risco de anulá-la pessoalmente quando se afastou dela (a fé) sendo obrigado a afastar-se de seu pai; mas reconsiderou a atitude anti-fé; por isso retornou à fé e simultaneamente a seu pai, que tanto empenho fez para mantê-lo arraigado na fé. Kierkegaard faz uma afirmação categórica que vai nortear toda sua vida daí em diante, até à sua morte em 1855. Ele disse: “desejo uma verdade que seja verdadeira, pela qual eu possa viver e morrer” (REICHMANN, 1978, p. 39) – declaração que dá o pontapé inicial ao tema do paradoxo, especialmente o “paradoxo da fé”. O paradoxo da fé de Abraão - Como era sua praxe ele coloca forte ênfase na individualidade, pois o paradoxo da fé põe o indivíduo como quem determina sua relação com o geral, tendo como referencial o absoluto – o paradoxo é formulado como um dever para com Deus. Nesse caso o indivíduo se defronta com o paradoxo de ter de partir da relação com Deus para se relacionar com os outros. Então introduz a personalidade de Abraão em sua relação paradoxal com a fé. Em seu livro *temor e tremor* ele faz essa relação. O paradoxo da fé consiste em que o indivíduo é superior ao geral, de maneira que, para recordar uma distinção dogmática (...) o Indivíduo determina sua relação com o geral tomando como referência o absoluto, e não a relação ao absoluto em referência ao geral. Pode ainda formular-se o paradoxo dizendo que há um dever absoluto para com Deus; porque nesse dever, o Indivíduo se refere como tal absolutamente ao absoluto. (...) Quando se diz que é um dever amar a Deus (...) recebe uma expressão muito diferente, a do paradoxo, de forma que, por exemplo, o amor para com Deus pode levar o cavaleiro da fé a dar ao seu amor para como o próximo a expressão contrária do que, do ponto de vista moral, Abraão está perdido, visto que cedeu. (KIERKEGARD, 1998, p. 30) Note que Kierkegaard se refere a Abraão como o “cavaleiro da fé”, o qual se nega a se aproximar de Deus pelas vias da moral. Não que a moral seja abolida em absoluto, mas que o caminho da moral trata-se da volta, após sua aproximação de Deus, pela fé. A razão para isso, segundo Kierkegaard é simples: se Abraão se enveredasse pelas vias da ética, ao invés de ser considerado um herói estaria ele mesmo perdido, pois segundo a ética da qual Abraão possuía estreita familiaridade, ele jamais teria atingido o que Kierkegaard chama de “salto” e, assim estaria paradoxalmente perdido. Desse modo, a relação de Abraão com a Ética é paradoxal – Isso explica porque Kierkegaard opunha-se ao racionalismo posto por Hegel, por um lado, e ao luteranismo então imperante na Dinamarca, por outro. Ambos se opunham a concepção da verdade filosófica de Kierkegaard. Ele sentia profundamente o afastamento da igreja da religiosidade interior, considerada por Kierkegaard condição essencial para o verdadeiro

cristão. Para ele, ser cristão não se trata apenas de abraçar racionalmente o código de ética, ser cristão é viver intensamente o relacionamento com o absoluto – Deus. E isso só é possível, diz Kierkegaard, por meio da religiosidade interior, que o Indivíduo tem que enfrentar com o sentimento de angústia da sensualidade patrocinada pelo pecado, o qual constitui o grande obstáculo para se sair bem no paradoxo da fé. O paradoxo da fé é o grande desafio – é o Paradoxo Absoluto sob a perspectiva do tornar-se cristão. Coloca a questão do processo de como tornar-se cristão e onde ela é posta ou acontece, então ele responde que o tornar-se cristão está sob juízo e graça no encontro com o Paradoxo Absoluto. É nesse contexto que Cristo é apresentado enquanto simultaneamente modelo e redentor e é enfatizada a importância do discipulado cristão enquanto seguir a Cristo, destacando que a fé é o único meio de se adequar ao caráter de discípulo.

Ao desafio de seguir a Cristo por meio da fé, Kierkegaard chamou de absurdo que conduz ao abismo da fé, o qual em sua concepção contrastava-se com o modo de vida ético e estético, visto que o paradoxo não ocorre simplesmente na área do dever, nem de regras universais, nem de exigência de caráter estritamente racional. Pois para Kierkegaard não se trata de contar nos dedos todos os deveres; mas para além dessas regras encontra o sentimento intenso dever, de modo que a consciência esteja garantida da validade eterna do ser em sua relação com o absoluto. O paradoxo entre fé e os estágios no caminho da vida – Contrastando com a conduta estética e a conduta ética está a conduta religiosa. Esse contraste se deve à inutilidade desses dois estágios do caminho por serem constituídos por mera determinação do indivíduo, a quem não oferece qualquer segurança. Ao contrário, a conduta estética resulta em desespero e a ética, em contradição. Por isso, segundo Kierkegaard, o que importa ao indivíduo, ainda que ele tenha de passar por esses estágios, é necessário que se passe para o estágio religioso o quanto antes, amparado pelo sentimento do pecado, pois o arrependimento é a suprema expressão da ética, que mesmo em face da contradição, encontra solução na passagem para a etapa religiosa de sua vida. Como ênfase necessária, deve-se ressaltar que, esse paradoxo da fé sempre volta a Abraão, pois ele mesmo é o supremo exemplo da passagem do estágio ético para o religioso. Ao lhe ser exigido o sacrifício de seu próprio filho Isaac, Abraão, cuja vida se achava inserida na ética, se vê diante do paradoxo de “ultrapassar” a ética e cometer a transgressão de uma lei natural posta pelo próprio Deus e que ele, bem como seu filho Isaac possuía, pela disposição de obedecer. Abraão se vê encurralado pela consciência do dever, mas resolve realizar o “salto” do estágio ético para o religioso. Ele então se mergulha no paradoxo da fé – salta para a fé, aceitando o absurdo da exigência divina e esperando o absurdo da

recuperação do filho oferecido. Isso também é contra Hegel e a sedução da igreja estabelecida – o paradoxo consiste em que o indivíduo, em meio ao desespero e ansiedade em relação à passagem do estágio ético, sua angústia não depende de critérios racionais como regras que apelam para o dever – agora é saltar para a relação com o absoluto e ser lançado no absurdo. O paradoxo da fé gera a angústia – Quando Abraão se depara com o desafio de saltar para o absurdo com base na fé no absoluto lhe sobrevém a angústia. Aí se encontra a possibilidade do pecado. Ele devia escolher sua própria ação: oferecer ou não oferecer seu filho Isaac em sacrifício, no monte Moriá como lhe ordenara Deus. Ele então se desespera, não diante de fatos contingentes, mas diante de si mesmo, quanto ao padrão ético preestabelecido. Kierkegaard utiliza-se desse conceito para implicar a realidade do se tornar cristão. Toda sua vida constituiu uma intensa experiência da contraposição entre aquilo que considerava ser o cristianismo em seu significado mais profundo e as roupagens exteriores com as quais se revestia a igreja luterana de seu tempo. Para Kierkegaard, o significado mais profundo do cristianismo é a vivência e a certeza da fé. É uma certeza muito peculiar, pois corresponde a uma incerteza objetiva e, conseqüentemente constitui um paradoxo e um absurdo. É a realidade da subjetividade da fé, que constitui em algo finito, mas dependente do infinito – Deus. Aí também existe a angústia, pois trata da relação do paradoxo. Relação essa que não produz nenhuma tranquilidade, pelo contrário, uma permanente angústia produzida pela incapacidade de se relacionar absolutamente com Deus, que é ao mesmo tempo real e absolutamente incompreensível.

1.4.2. O Paradoxo do Amor em Seu Caráter Verdadeiro

O desenvolvimento do tema do discipulado como uma reflexão sobre o amor cristão destacando o dever de amar o próximo e a manifestação do amor em obras. A categoria da edificação é então trabalhada enquanto modo do amor. Se para o filósofo, o paradoxo é considerado uma paixão, já referido acima; citando novamente o autor, volto a enfatizar a sua posição de que o paradoxo é a paixão do pensamento, pelo qual o pensador é obrigado se envolver. Logo, o amor está na categoria de paradoxo na medida em que o amor cristão constitui uma paixão, apesar de reconhecido apenas por meio das obras (o paradoxo nas Escrituras é que obras em si não se difere à paixão) praticadas sob juízo e graça. O elogio ao casamento é um clássico exemplo dessa paixão, onde Kierkegaard considera grande arte a presença da mulher, “esse ser belo e caprichoso, que é tão difícil de fixar numa relação definida”. (KIERKEGAARD, 1997, p. 23) Nesse caso, o amor é algo paradoxalmente necessário, apesar

de suas artimanhas naturais, que ao mesmo tempo engana, faz sofrer, liberta e realiza as pessoas enquanto referindo ao matrimônio cristão, destacando os porquês do matrimônio, seus mistérios e limites do amor romântico presentes no matrimônio cristão dentro dos limites do egoísmo que prioriza a entrega total de si mesmo. Para Kierkegaard casamento é unir-se em amor e é o ponto fundamental; mas considera o amor romântico uma ilusão em face das vicissitudes exteriores e da temporalidade do matrimônio.

O paradoxo, portanto, consiste exatamente no contraste entre o amor romântico presente até mesmo no matrimônio cristão e o amor verdadeiro e substanciado na graça. O amor romântico é meramente estético, portanto, ilusório e efêmero; o amor substanciado na graça está ligado à ética e é religioso. Em sua obra específica, “As obras do Amor” Kierkegaard coloca o amor cristão como um paradoxo insolúvel, difícil de divisar, carregado pela incompreensão, especialmente por parte daqueles que estão “de fora”, mas ressalta que até mesmo os participantes correm o risco de se envolver em equívocos ainda que provisório na compreensão de certas afirmações da Escritura com aplicabilidade ao amor. Ai então ele destaca da lista da descrição das obras do amor na Primeira Epístola do apóstolo Paulo aos Coríntios: “O amor tudo crê”; o amor espera tudo; amor não procura o que é seu; o amor cobre uma multidão de pecados e o amor permanece”. Mas o paradoxo está no que Kierkegaard afirma desses conceitos. Ele diz, por exemplo, que o amor tudo crê e, no entanto, jamais é iludido. O que ele quer dizer com isso é o paradoxo. Como pode ser isso? Está ele dizendo que o amor é crédulo? Qual a diferença entre tudo crê e ser crédulo? O paradoxo consiste exatamente em que o amor existe em contraste com a desconfiança. O que Kierkegaard destaca como diferença entre amor e desconfiança é o fato de que o amor tudo crê e a desconfiança não crê em nada. Ele coloca que apesar disso há uma semelhança entre os dois conceitos – o saber. É precisamente essa característica comum que consiste o elogio do amor – que tudo crê, entretanto, não é iludido, pois também está alicerçado no saber e não na ignorância como o enunciado parece sugerir.

E também não é, de jeito nenhum, no sentido de sagacidade, que o amor jamais é iludido; pois amar de tal maneira que jamais se esteja iludido é, de acordo com a compreensão e a linguagem da sagacidade, a conduta mais boba e mais tola, e é até um escândalo para a sabedoria mundana – mas por isso mesmo, é difícil reconhecer tal conduta como essencialmente própria do cristianismo. O amor é exatamente o contrário da desconfiança, e, no entanto, ele é iniciado no mesmo saber; no saber ambos são, se quisermos, indiscerníveis um do outro (pois o saber é de fato o infinitamente indiferente); só na conclusão e na decisão, na fé (crê em tudo e não crê em nada) é que eles são diametralmente opostos. Com efeito, quando o amor crê em tudo, não é preciso entender isso, de jeito nenhum, no mesmo sentido da leviandade, da inexperiência e da

credulidade, que acreditam em tudo por ignorância e desconhecimento. Não, o amor sabe tanto quanto qualquer um, ciente de tudo aquilo que a desconfiança sabe, nas sem ser desconfiado; ele sabe tudo o que a experiência sabe, mas ele sabe ao mesmo tempo em que o que chamamos de experiência é propriamente aquela mistura de desconfiança e amor (KIERKEGAARD, p. 257).

O amor espera tudo – e, no entanto, jamais é confundido – isto dá sequência ao caráter paradoxal do amor. Ai Kierkegaard estabelece a relação com o eterno – um nome de Deus relacionado com um de seus atributos – ser eterno, porque a subjetividade do indivíduo se encontra na temporalidade de se sua existência, na qual permeia a impossibilidade da espera e, quando por um pouco se consegue esperar acontece a confusão e a vida perde o sentido e se lança no desespero. Então Kierkegaard assevera que essa capacidade se encontra no eterno, porque preso na temporalidade, que, diz ele, “por mais longo que seja, torna-se um resíduo da eternidade”, na qual o indivíduo está presto a perecer, sufocado pela humanidade. Mas existe um caminho, uma saída – o cristianismo verdadeiro. Encontramos o caminho no cristianismo, pois a espera consiste em que é graças ao eterno (Deus) que o cristianismo renova a cada instante o ar e as perspectivas, pois é nele que percebemos a relação entre tempo e eternidade, quando independentemente das ações individuais de agitação em agitação,

O cristianismo renova o ar e abre horizontes, graças à sua fala figurada que faz dessa vida terrena o tempo da semeadora, e da eternidade, o da colheita. (...) graças à sua linguagem parabólica que refere a essa vida à luta e à tribulação, e a eternidade ao triunfo. (...) dá à vida o seu caráter de e festividade evocando sua linguagem figurada aquele cenário da eternidade, onde se decidirá para sempre quem conquistou a coroa da glória, e que é entregue à vergonha (KIERKEGAARD, 2005, p. 278, 279).

Assim ele segue discernindo o amor verdadeiro para diferenciá-lo do falso, mas sempre destacando os paradoxos relacionados como o amor verdadeiro, que o faz tão incompreensível na óptica do senso comum, da opinião popular do tema do amor¹⁹ 2. Por isso, como ocorre em toda sua filosofia, Kierkegaard recorre a Escritura para dar esclarecimento, (ainda que limitado pelo paradoxo) do que é manifestado pelas obras, em contraste com o que se pensam ser o amor uma paixão, um sentimento ou, até mesmo sensibilidade romântica. Ele recorre, ao poema do amor que se encontra na primeira epístola de Paulo aos Coríntios e, consegue colocar filosoficamente os termos, transformando o tema do amor em um conceito dialético em que é colocado como tendo sentido contraditório para aqueles que não participam diretamente dessa

¹⁹ As Escrituras referem a quatro palavras gregas que traduz a palavra amor (em ordem, segundo o grau de virtude): *astorgo eros, fileo e agape*. Mas o senso comum normalmente usa as palavras *eros*, e *fileo*. Portanto, quando Kierkegaard fala de amor verdadeiro, está se referindo ao amor *agape*.

virtude divina. Pois dizer que o amor crê em tudo, espera tudo, não procura o seu próprio interesse e cobre uma multiplicidade de pecados, soa um tanto quanto estranho na aparência; por isso é justificada a reflexão kierkegaardiana, não em que ele resolve o paradoxo do amor, mas que presta relevantes esclarecimentos de modo que se possa refletir e aceitar a forma de amor que eleva o próximo e dá sustentação às suas realizações. No aspecto em que o amor tudo crê, o autor diz que:

Não é de jeito nenhum, no sentido da sagacidade, que o amor jamais é iludido; pois amar de tal maneira que jamais se esteja iludido é, de acordo com a compreensão e a linguagem da sagacidade, a conduta mais boba e mais tola, e é até um escândalo para a sabedoria mundana – mas por isso mesmo, é fácil reconhecer tal conduta como essencialmente própria do Cristianismo. (KIERKEGAARD, 2005)

Kierkegaard deixou claro que não era sua intenção dar uma definição do conceito de amor; mas descrever quais são os frutos que o identifica na pessoa de quem se pode dizer que ama verdadeiramente, o qual se diz ser mais forte do que o amor platônico e mais profundo do que o amor apaixonado; e é nos frutos que se reconhece também a ausência de amor.

1.4.3. O Paradoxo da Liberdade Enquanto Realidade e Possibilidade do Pecado

Para Kierkegaard o objeto próprio da reflexão filosófica é o homem em sua existência concreta e estritamente individual, sempre definida nos termos de uma situação determinada, mas não necessária – “o ser em situação”, “o ser no mundo”, a partir da qual o homem, alcança a liberdade, por já não ser portador de uma essência abstrata e universal. O paradoxo, nesse caso consiste em que, como um indivíduo, ele se torna o mentor de sua vida, do seu próprio destino, ao mesmo tempo em que considera as limitações concretas, as intempéries existenciais. Mesmo assim, o homem tem diante de si várias opções possíveis, é livre, não se conforma a um predeterminismo lógico. A verdade não é encontrada através do raciocínio lógico (contra Hegel), mas segundo a paixão que é colocada na afirmação e sustentação dos fatos: a verdade é subjetividade. Paradoxalmente, é uma liberdade ilimitada, não obstante a falta de um projeto básico (venha de onde vier) para o homem como um indivíduo. Porque qualquer projeto para o homem representaria uma limitação à sua liberdade. Não existe uma essência definidora do homem; nenhum projeto básico. Esse pensamento de Kierkegaard foi mais tarde traduzido por Sartre na frase "a existência precede a essência".

Dessa forma Kierkegaard pensou o homem – como um indivíduo situado concretamente na temporalidade, cuja relação com o infinito é estabelecida com base na liberdade. Liberdade essa

que se encontra na relação com o cristianismo à semelhança de Sócrates e à parte de Hegel²⁰. Ou seja, um cristianismo que independe de sistemas racionais, que se relaciona com verdade subjetiva alcançada pela fé. Daí sua crença na necessidade de que cada indivíduo faça uma escolha consciente e responsável, referido em *O Conceito de Angústia*. É aí que ele amplia o conceito de liberdade para a esfera da psicologia e elabora suas ideias a respeito da filosofia da liberdade. Nessa esfera é posto o paradoxo da liberdade, isto é, o fato da angústia que a liberdade gera no homem, pela possibilidade de pecar ou de não pecar – uma profunda insegurança e medo.

Em sua própria existência, sua constante luta foi em conquistar da liberdade; especialmente, a liberdade que um pensador mais necessita – liberdade de expressão, liberdade de pensamento (diga-se liberdade de consciência). A liberdade de um livre pensador comprometido com a verdade.

O conteúdo da liberdade [...] é a verdade, e a verdade torna o ser humano livre. Mas justamente por isso a verdade é a obra da liberdade, de modo que esta constantemente engendra a verdade [...] que sabe que a necessidade do pensamento também é sua liberdade, e que, por isso, quando fala em pensamento, fala apenas do movimento imanente do pensamento eterno (KIERKEGAARD, p. 150).

Pouco antes da morte de seu pai em 1837, ele retorna à universidade, e sua vida começa a mudar e retoma assim o relacionamento com o pai. Torna noivo de Regine Olsen em 1840; mas por achar-se incapaz tanto para ministério pastoral como para partilhar sua vida com outra pessoa, rompe o noivado e se entrega à vida solitária, para dedica-se inteiramente à ocupação que ele mais gostava – escrever. Esses acontecimentos exerceram profunda influência em sua obra, tornando os seus textos mais profundos e seu pensamento mais religioso. Para ele, essa era a única maneira de vivenciar sua fé. Em 1840 ele conclui o curso de teologia, e apresentava sua tese de doutorado sobre o tema: Sobre o Conceito de Ironia – referindo-se constantemente a Sócrates e prega o seu primeiro sermão, mas, por razão já mencionadas acima desiste do cargo pastoral. Após romper o noivado, Kierkegaard viajou, em 1841, para a Alemanha, onde foi aluno de Schelling e esboça alguns dos textos que, em sua maioria, constitui uma tentativa de explicar a Regina Olsen, e a si mesmo, os paradoxos da existência religiosa. De volta a Copenhague publica em 1843 “A Alternativa”, “Temor e Tremor, e “A Repetição” e outros.

²⁰ Este é um dos fatos que o caracteriza com paradoxal. Tendo se encantado, inicialmente, com a filosofia hegeliana, após perceber a incoerência do racionalismo, rompeu com Hegel e passou a viver para criticar a ausência de subjetividade em sua filosofia. Assim como desiste do casamento por razões pessoais, por se achar incapaz de tais relações éticas, preferindo viver com um eremita urbano e viver para expressar sua liberdade por meio de sua filosofia.

Kierkegaard elabora seu pensamento a partir do exame concreto do homem religioso historicamente situado. Assim, ao filosofar, ele reflete ao mesmo tempo no caráter socrático do autoconhecimento e na posição do indivíduo diante da verdade cristã.

Sua famosa polêmica com a liderança eclesiástica dinamarquesa começou com o seu ingresso no curso de Teologia, na Universidade de Copenhague, onde tomou conhecimento do sistema filosófico de Hegel, cuja influência estendia-se a todos os setores intelectuais e até mesmo à teologia da igreja luterana, que estava impregnada de seu racionalismo. Kierkegaard, se deixou seduzir inicialmente, pelas sutilezas da dialética hegeliana; mas logo percebeu a forma como o sistema hegeliano negava a existência concreta do indivíduo, reduzindo-a à pura racionalidade, e passou a contestar energicamente o hegelianismo. Para Kierkegaard o indivíduo não pode ser reduzido, pois sua especificidade e seu caráter são insuperáveis em sua realidade. Por isso não se deve buscar o sentido do indivíduo numa harmonia racional que anula as singularidades, mas na afirmação radical da própria individualidade. Kierkegaard reflete na situação do homem, enquanto ser individual, no mundo e perante aquilo que o ultrapassa – o infinito, Deus. Nesse contexto, a individualidade deve ser entendida, não como um conceito lógico a priori, mas como a solidão característica do homem se coloca como finito perante o infinito – o paradoxo que define sua existência.

O pecado é tratado paradoxalmente quando é verificado dentro do conceito possibilidade. Isso inclui a reconciliação, implicada na angústia provocada pela possibilidade de pecar. Então a liberdade entra como possibilidade impossível, pois quando ela torna possível, diz Kierkegaard, “ela se torna real tal como se dizia da existência de Deus quando torna possível, se torna necessária” (KIERKEGAARD, 2010, p. 24).

Ao procurar estabelecer o conceito de angústia Kierkegaard tenta colocar (repetidas vezes) uma definição na qual ele afirma que “[...] é a realidade da liberdade como possibilidade antes da possibilidade (KIERKEGAARD, 2010, 45). Ora, realidade e possibilidade são duas coisas, no mínimo, ligeiramente, antagônicas. Então, como a liberdade, para Kierkegaard pode ser ao mesmo tempo, realidade e possibilidade? Ainda mais paradoxal é dizer que é possibilidade antes da possibilidade!

Uma explicação (se é que seja possível explicar um paradoxo) possível para esse paradoxo é que a realidade antecede a possibilidade, exatamente, no sentido da determinação. Por isso a possibilidade da liberdade não consiste em poder escolher o bem ou o mal, o que

Kierkegaard chama de “realidade efetiva” – e que: “o objeto da angústia é agora algo determinado, o seu nada é alguma coisa efetiva [...]” (KIERKEGAARD, 2010, p. 119)²¹ Agora vejamos quão paradoxal, realmente é, ele esclarece no Conceito de Angústia.

Quando o pecado é posto no indivíduo, pelo salto qualitativo, aí se coloca a diferença entre bem e mal. Nós em lugar nenhum incorremos na estupidez de achar que o homem tem de pecar, sempre protestamos, pelo contrário, contra todo saber apenas experimental, e afirmamos, que agora tornamos a repetir, que o pecado pressupõe a si próprio do mesmo modo como a liberdade, e não deixa explicar por meio de algo antecedente. (Leibniz) que tanto pode escolher o bem como o mal, é tornar radicalmente impossível qualquer explicação. Fazer principiar a liberdade como um *liberum arbitrium* (que não se encontra em nenhum lugar). Falar de bem e mal como objetos da liberdade, significa conceber de modo finito tanto a liberdade quanto os conceitos de bem e de mal. A liberdade é infinita e aparece do nada. Por isso, querer dizer que o homem peca de maneira necessária, é querer esticar numa linha reta o círculo do salto (KIERKEGAARD, 2010, P. 120).

Pensemos ainda em liberdade como uma determinação. É o que permeia toda a obra kierkegaardiana, no que refere ao homem (Adão) como indivíduo e como gênero (outro paradoxo) em relação à sua representatividade no pecado implicando no questionamento da liberdade do restante da humanidade – se em Adão todos pecaram, como uma transmissão involuntária para uma recepção também involuntária, onde se encontra a liberdade, senão na determinação. Outra questão paradoxal da liberdade referida paradoxalmente em *O Conceito de Angústia* é a questão da “escolha” entre o bem e mal em que Kierkegaard, numa digressão sobre a liberdade diz que admitir a proibição é despertar o desejo, isso leva, em vez de ignorância, um saber e, nesse caso Adão teria um saber acerca da liberdade e sentir prazer em usá-la – isso gera angústia porque a proibição desperta nele a possibilidade de liberdade. A proibição dá a possibilidade de desobedecer – aí gera a angústia de “ser capaz de”. Acontece que junto com a proibição segue-se as palavras de julgamento: “Certamente morrerás”; mas isso, para Kierkegaard não compromete a liberdade de Adão de jeito nenhum, embora a Realidade efetiva tem a ver com uma determinação intermediária, que consiste na angústia, mas que nem explica o salto qualitativo, nem o justifica eticamente. A angústia não é uma determinação da necessidade, mas também não o é da liberdade. Consiste apenas de uma liberdade enredada – [hildet – complicada], onde a liberdade não é livre em si mesma, mas tolhida, não pela necessidade, mas em si mesma, e realça a ideia do horror, que aqui se converte

²¹ Realidade efetiva tem a ver com uma determinação intermediária, que consiste na angústia, mas que nem explica o salto qualitativo, nem o justifica eticamente. A angústia não é uma determinação da necessidade, mas também não o é da liberdade. Consiste apenas de uma liberdade enredada – [hildet – complicada], onde a liberdade não é livre em si mesma, mas tolhida, não pela necessidade, mas em si mesma.

em angústia, especialmente, caso ele não tenha compreendido o enunciado, prevalecendo nele a ambiguidade da angústia e a inocência levada ao seu extremo.

Conforme referido acima, Kierkegaard afirma que paradoxo é uma paixão. Uma paixão localizada exatamente no conteúdo de suas obras. Aí ele demonstra sua paixão pelo paradoxo, porque ele acreditava que pensador deve conviver constantemente com algum tipo de paradoxo, fugindo, desse modo, da mediocridade. Sendo assim não há escândalo no paradoxo, assim, a busca deve ser em aceitá-lo; não em resolvê-lo. São muitas as coisas nessa existência que não se resolvem, não se esclarecem e, por isso não se compreende. Mas nem por isso, se deixa de aceitar e pautar a vida por meio delas. O exemplo prático que Kierkegaard nos faz lembrar é o paradoxo de se tornar um cristão verdadeiro. Não com base na racionalidade, porque a fé, o amor e a liberdade nem sempre são conceitos compreendidos racionalmente, mas aceitos e vividos, tendo os olhos fitos nos céus, ou seja, naquele que lá habita e nas Escrituras como fonte genuína, onde são postos esses paradoxos que estabelecem e propõem o cristianismo como plataforma onde devem ser vividos esses, como tantos outros, que são de números quase inumeráveis (para usar aqui um jargão aristotélico) – os paradoxos são colocados para a verdadeira vida cristã, exemplificadas em Abraão, em Lázaro e, principalmente em Cristo. O cenário vivido nesse palco (a vida cristã) é a luta e tribulação que faz reverdecer numa constante buscar da mais perfeita demonstração de fé, de amor e de liberdade (por que não a dizer também: esperança, uma vez que esperança compõe o grupo de dons – como na conclusão do texto da Epístola de Paulo aos Coríntios)²² do qual Kierkegaard extraiu a ideia da sua obra *Obras do Amor*. Por isso encontramos em sua obra chamada “Migalhas Filosóficas” o conceito de paradoxo absoluto, o Deus-Homem, que remete ao Cristianismo na questão de como compreender a encarnação do Filho de Deus no mistério da relação de Jesus Cristo com ser humano, tornando-se semelhança de homem e assumindo a forma de servo.²³

²² 1 Coríntios 13:13.

²³ Filipenses 2:7.

Capítulo 2 – A REALIDADE DO CONCEITO DE QUARTO ESTÁDIO SUGERIDO POR KIERGAARD NA ELABORAÇÃO DO ESTÁDIO RELIGIOSO

No que toca a minha humilde pessoa, confesso com toda a sinceridade que como autor sou um rei sem terra, mas também, em temor e muito tremor, um autor sem qualquer pretensão.

Soren Kierkegaard

2.1. O Pensamiento de Sören Aabye Kierkegaard

Kierkegaard é considerado o precursor do existencialismo, pois lançou as bases do movimento existencialista, embora o termo "existencialismo" não estivesse então em uso. Foi um filósofo cristão que ousou fundamentar sua teoria a partir dos relatos “existencialistas” de personagens bíblicos como Abraão, que se dispôs a sacrificar seu filho Isaac; e argumentar sobre o desespero de Lázaro ao ficar doente até a morte e que, embora tenha sido ressuscitado por Jesus, não logrou vantagem alguma, uma vez que teve que enfrentar a morte mais uma vez. Kierkegaard proferiu a angústia do ser humano em todas as áreas da vida, a partir do pecado hereditário, porém considera Abraão um herói e um dos cristãos mais bem-aventurados na medida em que se ri da morte ao invés de enfrentar o desespero da doença até a morte, como ele enfatiza:

Visto que na linguagem humana a morte é o fim de tudo, e, como costuma dizer-se enquanto há vida há esperança. Mas para o cristão, a morte de modo algum é o fim de tudo, e nem sequer um simples episódio perdido na realidade única que é a vida eterna; e ela implica para nós infinitamente mais esperança do que a vida comporta; mesmo transbordante da saúde e de força (KIERKEGAARD, 1998, p. 314-315).

Além disso, ele foi o primeiro a investigar o modo de existência do indivíduo, ao passo que os filósofos anteriores investigaram a existência do mundo²⁴. Assim, ele oferece ao indivíduo a oportunidade de entender ele próprio sobre o fundamento da existência, o que é a própria existência; e admite como fundamento filosófico o existencialismo cristão, adotando uma cosmovisão a partir de sua inquietação relacionada com o pecado original, com o qual ele trabalha a queda do homem e a angústia gerada pela constante busca de reconciliação, que ele chama de “salto da fé”²⁵. Isto esclarece o significado, a contextualização e a importância para

²⁴ Se considerarmos Kierkegaard com o fundador do existencialismo, no tocante à história da filosofia.

²⁵ “Salto da fé” é uma expressão utilizada para explicar a ruptura do estágio ético para o estágio religioso da existência, na filosofia de Sören Kierkegaard.

a sociedade pós-moderna o que Kierkegaard quis significar ao utilizar as fórmulas: “angústia”, “desespero” e “ironia”.²⁶

O existencialismo de Kierkegaard deu origem ao existencialismo cristão, em contraposição ao existencialismo ateu que Sartre e outros professaram. Sua filosofia parte da ideia de que a subjetividade é o ponto de partida para se entender a razão da existência humana. De acordo com sua filosofia, o homem é o resultado de tudo que se forma à sua volta e ao longo da sua vida – o princípio da ausência de um sentido da vida, ao mesmo tempo em que cria uma expectativa em torno de sua própria existência e direção divina. Por isso, baseia-se no conceito de desespero, implicado pelo pecado mortal e hereditário referido nas Escrituras, fonte principal da angústia, sem correr o risco de abandonar a fé em Deus, ainda que por breves momentos²⁷. Mas, recebeu influência de um amigo, “o falecido (em 1838) professor de Moral e de Filosofia grega Poul Martin Moller, mestre querido e destinatário da tão bela dedicatória da obra”²⁸.

Sua primeira obra é uma tese de Doutorado em Teologia, defendida em setembro de 1841, com o título de *Conceito de Ironia – profundamente relacionada a Sócrates*. Em 1843 escreve *Enten, Eller (A alternativa)*; nessa obra, encontra-se o *Diário de um sedutor*. O interessante, nessa obra, é a circunstância em que foi produzida.

Na obra *O Conceito de Angústia*, ele elabora uma narrativa do pecado de Adão, a partir do qual segue relatando a angústia do pecado, a angústia do bem, do mal, do demoníaco e da liberdade. Em *Temor e Tremor* Abraão é o exemplo vivo do herói absurdo. Abraão, sem saber por que (Deus exige, sem fornecer algum motivo), oferece a Deus o sacrifício de seu filho Isaac. Mas, este absurdo é revelador de Deus. Com efeito, no momento exato em que se daria o sacrifício, um anjo susta sua ação, substituindo o filho por um cordeiro. Deus reconheceu a fidelidade e o amor de Abraão para com Ele, pois, na sua prova, seria capaz de sacrificar o seu filho bem amado. Já na obra *Desespero Humano – da doença até a morte* ele trata da questão do desespero como o único mal para o qual não há cura. A morte, encarada pelo senso comum,

²⁶ Tema amplamente discutido em sua primeira obra, tese de doutorado em Teologia na Universidade de Copenhague, Kierkegaard (1841) trata da “ironia socrática” em que faz clara identificação com a relação do crente com Cristo; o cristianismo ideal ou autêntico, como ele costuma confrontar com o que ele chamou de “cristandade” ou cristianismo sem Cristo – sua constante crítica ao cristianismo praticado em sua época.

²⁷ Experiência que ele mesmo viveu ao afastar-se da vida cristã por breve tempo. Durante esse período Kierkegaard vivenciou os prazeres mundanos, mas veio a arrepender-se e voltar para a fé e consequentemente para a faculdade de Teologia da Universidade de Copenhague, após a morte de seu pai.

²⁸ De acordo com o Artigo de Álvaro Valls: *O Conceito de Angústia entre a psicologia e a religião*. Disponível em: <http://www.sorenkierkegaard.com.ar/>. Acesso em: 01 out. 2010.

como o pior dos males, não é um mal menor do que o desespero, pois a própria morte já foi vencida por Jesus Cristo ao ressuscitar Lázaro e também quando ele próprio ressuscitou. Por que o desespero é algo assim tão terrível? É o que Kierkegaard tenta demonstrar na sua obra. Além disso, em *As Obras do Amor* (2005) – obra que fora distribuída em duas séries²⁹: os discursos da primeira analisam o mandamento do amor ao próximo; os da segunda caracterizam este amor, tendo como pano de fundo o chamado “hino ao amor”, da Primeira Epístola de Paulo aos Coríntios, comparando o amor cristão com o amor apaixonado platônico e a amizade aristotélica.

O pensamento de Kierkegaard pode ser entendido a partir de sua própria existência, cuja vida exerceu profunda influência no desenvolvimento de seu pensamento. As inquietações e angústias que o acompanharam estão expressas em todo o seu pensamento e explicitadas em suas obras. Como sétimo filho de um casamento que já durava muitos anos – nasceu em 1813, quando o pai, rico comerciante de Copenhague, tinha 56 e a mãe 44 –, chamava a si mesmo de "filho da velhice" e teria seguido a carreira de pastor caso não houvesse se revelado um estudante indisciplinado e boêmio. Trocou a Universidade de Copenhague, onde entrara em 1830 para estudar Filosofia e Teologia, pelos cafés da cidade, os teatros, a vida social. Foi só em 1837, com a morte do pai e o relacionamento com Regina Oslen (de quem se tornaria noivo em 1840), que sua vida mudou. O noivado, em particular, exerceria uma influência decisiva em sua obra. A partir daí seus textos tornaram-se mais profundos e seu pensamento, mais religioso. Também em 1840 ele conclui o curso de Teologia, e um ano depois apresentava *Sobre o Conceito de Ironia*, sua tese de doutorado. Mas em vez de pastor e pai de família, Kierkegaard preferiu se encolher na solidão, pois, para ele, essa era a única maneira de vivenciar sua fé. Rompido o noivado, viajou, ainda em 1841, para a Alemanha, com o propósito de participar dos cursos de Schelling, de onde esboça alguns de seus textos mais importantes. A crise vivida por um homem que, ao optar pelo compromisso radical com a transcendência, descobre a necessidade da solidão e do distanciamento mundano, encontra-se em seus *Diários*.

2.2. Acerca dos Estádios no Caminho da Vida

A noção de estádios, elaborada por Kierkegaard, traz a lume os fundamentos de sua filosofia. Estudos biográficos (*stilus*

²⁹ Hoje a obra consiste de um só volume, editada pela Editora Vozes e São Francisco, na tradução de Álvaro Valls, de 2005.

vitae) do autor revelam que ele desenvolveu sua filosofia (com a finalidade de compreender o significado da existência) em meio à diversificada experiência a partir da criação paterna, da convivência com a igreja de seu tempo, em sua religiosidade, bem como de sua ânsia por liberdade e de sua posição diante do casamento e do ministério. Todas essas coisas juntas definem a importância do conceito de estádios, além de servir de campo por onde se começa a entender Kierkegaard.

Sua filosofia baseia-se em sua cultura incomum e nos complexos sentimentais profundos, ou seja, a partir de si e de seus problemas Kierkegaard quer encontrar uma explicação para a sua vida.

O conceito de estádios deve ser visto, primeiramente, em termos de possibilidades existenciais. Também muitas vezes denominada “doutrina”, foi também chamado por outros títulos como “Estádios da vida”, “Esferas da existência”; todos com o sentido de “etapas”, “percurso”. De acordo com comentadores, nos primeiros escritos e nos diários, é revelado que, por muito tempo, Kierkegaard procurava os princípios condutores sob os quais pudesse organizar seus estudos literários, suas extensas observações sobre os caracteres humanos e as lições de sua própria vida:

Inicialmente ele usou os termos “estágios” e “esferas” indistintamente para qualquer campo da atividade humana, como os interesses políticos ou militares. Mas gradualmente, passou a reservar estes termos em seu sentido técnico e pleno de significado, para os compromissos fundamentais e os ideais organizadores que estão ao alcance do homem (COLLINS, 1986, p. 57).

O primeiro estádio proposto por Kierkegaard é o *Estádio Estético*. Para Kierkegaard, este era o estádio pelo qual se assume a subjetividade. Na visão do filósofo dinamarquês, este estádio era composto de certos valores oriundos do *romantismo* e era a maneira principal de vida de muitos de seus contemporâneos. Este estádio pode parecer, inicialmente, de difícil distinção. Em sua análise mais próxima de alguns personagens das obras filosóficas e clássicas, Kierkegaard demonstra esta diversidade, pois seus heróis podem ser desde Alcebiades até muitos outros pretendentes que expressaram este valor na forma de várias possibilidades, passando pelas fábulas audaciosas e sedutores insaciáveis como a do lendário Dom Juan, que representa a força irresistível da paixão. Essa abordagem que Kierkegaard faz para definir o caráter dos estetas carrega um traço comum: *o desejo*. Um conceito que poderia passar pela satisfação sentimental, material, podendo, em determinadas circunstâncias, chegar ao desejo erótico que se torna “uma ambição totalitária [...] particularmente, bem compreendida pelos filósofos gregos e pelos poetas românticos” (MESNARD, 2003, p. 26).

Esse estágio é desenvolvido na filosofia de Kierkegaard sob a autoridade de sua própria experiência, pois no período que sucede à morte de seu pai ele se entregou a essa forma de vida estética, contrariando, de certo modo, seu estilo de vida original. Entretanto, a partir do momento em que sente em seu coração a carência (vazio natural subjacente à existência estética) de uma vida feliz, tornar-se-á um forte opositor de tal princípio e algumas de suas obras, como “O Banquete”, irão claramente fazer transparecer isso, como sustenta Mesnard (2003, p. 27):

Mas à medida que se afastam no coração de Kierkegaard a esperança de um donjuanismo pessoal e a possibilidade de uma vida erótica normal, a crítica do estágio estético não para de se manifestar. Ao nível de sua segunda grande obra, “As Etapas no Caminho da Vida”, esta crítica exprimir-se-á sob a forma de um diálogo, “O Banquete”, onde os diversos interlocutores se esforçam por depreciar as pretensões excessivas do erotismo estético. A crítica mais hábil incidirá sobre o objetivo real perseguido pelo erótico: a paixão amorosa coloca o todo do homem numa relação ridícula com esse ser fantasioso e desprovido de interesse real que chama mulher, e suprime ao mesmo tempo o que constituía o valor mesmo da atitude estética, a atividade do pensamento.

Kierkegaard, então, reconhece que esse tipo de existência não proporciona realização àquele que lhe dedica a vida. Também percebeu que neste estágio os objetivos não são claros e se perdem por não haver satisfação. É então, que se pode perguntar: “Quem é feliz realmente?” De modo que aqueles que buscam o prazer são os mais felizes? Ao que parece, serão aqueles que não experimentaram felicidade alguma. Assim, ele não via nenhuma vantagem na sedução³⁰, nem para aquele que, investido desse desejo, se torna vítima de aborrecimentos, que se afunda no “mal do século”³¹, nem para as mulheres, vítimas da sedução, a qual não lhes traz senão a instabilidade e até a infelicidade. É por isso que, em uma de suas obras, ele se refere a três heroínas descritas como “noivas do sofrimento” (KIERKEGAARD, 1998, p. 37). Uma se chama Elvira, a qual devotou toda a sua vida à execração amorosa de Dom Juan, a outra, Margarida, cuja inocência enganada redundou em loucura; por fim, Marie Beaumarchais, a quem a partida de Clavigo aniquila.

O segundo estágio – o *Estádio Ético*. Este se estabelece mais facilmente pelo sentido que carrega sua definição; é o estágio, essencialmente, caracterizado por uma vida marcada pela

³⁰ Sedução é um conceito muito explorado por Kierkegaard na obra puramente estética que leva o mesmo nome, *Diário de um Sedutor*, no qual se refere a uma paixão que é projetada para a conquista de mulheres, o que Kierkegaard faz severa crítica, ao destacar o sofrimento de três mulheres fictícias, por serem usadas pelos sedutores, com destaque para Dom Juan como protótipo dessa categoria.

³¹ Característica primordial do Romantismo – cuja influência marca as obras de Kierkegaard, pela qual os estéticos desenvolvem seu estilo de vida (<http://www.brasilecola.com/literatura/caracteristicas-romantismo.htm>).

busca de tornar-se mais e mais coerente com as normas morais. Assim, em sua obra *Ou isso Ou aquilo (Enten Eller)* Kierkegaard apresenta o estágio ético, sucessor do primeiro, o estético, em que ele propõe o abandono dos prazeres e gostos pessoais por haver encontrado nas leis morais de condutas universais uma proposta melhor de existência subjetiva.

Conjugado com esse postulado encontra-se a ideia de que esse estágio serve como instrumento que restringe o comportamento humano e pode ser um guia para a racionalidade. A moral leva o indivíduo a aceitar suas limitações, de modo que a individualidade, embora seja real, interage com o universal, e propõe a contemplação de uma existência mais atenta à correção.

É nesse estilo de vida que se instala a consciência de vida ética, na qual começa a aparecer, no pensamento de Kierkegaard, sua traumática experiência amorosa e sua dificuldade em entender e relacionar-se ao assumir um compromisso ético como o casamento. Pois ele vê na manutenção da vida conjugal a característica essencial da ética, a qual ele renunciou, pois acreditava ser pessoalmente incapaz de alcançar a plena realização, que somente será possível no estágio religioso. Por essa razão, Kierkegaard vê no casamento um risco necessário para a vida ética, por ser a única forma de se atingir tal estilo de vida cuja manutenção é carregada de moralidade. E assim, somente aliado à ajuda de Deus, o homem é capaz de sustentar a forma de vida moral pretendida pelo estágio ético. Isso se explica no fato de Kierkegaard ter plena consciência de que “a Ética nunca é simples observadora – antes acusa, julga” (, p. 34); por isso ele acreditava que o casamento seria um fardo muito pesado para ele, que era muito afeito à reflexão solitária.

Isso nos leva à discussão do terceiro estágio – o *Estádio Religioso*. Para Kierkegaard, o estágio ético, representado especialmente pelo casamento, não consiste na única realidade subjetiva do homem, havendo a possibilidade de uma solução excepcional: renunciar à vida conjugal por uma vocação religiosa, a qual lhe possibilita atingir um estágio de existência superior à de um marido mais perfeito. Desta forma, estabelece o *estádio religioso*. Kierkegaard foi, desde sua infância, conduzido pela família na prática religiosa; convívio que sempre esteve presente recebem estes dogmas e paradoxos do cristianismo em meio aos problemas existenciais profundos e traumáticos, os quais justificam os temas constantes em suas obras: angústia, doença, desespero, temor e tremor.

A influência da religião em sua vida estará sempre presente em sua obra. Desde o início, ele deixa claro que se trata de um autor religioso³². Neste sentido, a obra *Tremor e Temor* torna-se um bom exemplo para sua introdução ao mundo religioso. É uma obra escrita em momento de algum otimismo por parte do autor. Seu objetivo é mostrar, por meio do sacrifício de Abraão, que o estágio ético não é absoluto, pelo contrário, fica até ofuscado diante de exigências superiores do estágio religioso. O autor então argumenta que Abraão não hesitou em sacrificar Isaac e que este desprendimento foi exatamente motivado pela expectativa de que seu filho lhe seria restituído – crendo ele na ressurreição do filho da promessa. Pretendia Kierkegaard, com isso, emprestar alguma semelhança com suas renúncias, como a do casamento com Regina Olsen, por exemplo, e posterior recuperação de Isaac por Abraão? A resposta a este questionamento é a plausível elevação de Kierkegaard ao plano da fé como o fez Abraão, como se percebe ao longo de sua vida, embora admita que “se tivesse fé não teria deixado Regina”³³. Dessa forma, percebe-se que o estágio religioso parece muito mais marcado pela subjetividade³⁴ dos outros, dada a sua estreita relação com a crença de Kierkegaard, segundo a qual “a subjetividade é a verdade”³⁵.

A subjetividade proposta por Kierkegaard nos dois primeiros estádios se mostra tão profunda no estágio religioso a ponto de transformar-se em uma objetividade³⁶, pois a prática da devoção a Deus, embora não seja aparente, é comunicada por meio do silêncio (ideia implícita no título por meio do pseudônimo *Johannes de Silentio* que provém desta relação). É por esse meio que percebemos que os dois primeiros estádios são mais populares do que o terceiro, devido ao caráter humanista do estágio estético por ser agradável e do ético por ser um desafio do dever e demandar disciplina. Kierkegaard entendia que os estádios estéticos e éticos não podiam existir sem o estágio religioso³⁷. Em outras palavras, o religioso devia estar presente tanto no estético quanto no ético, de modo a equilibrá-los, ou melhor, dar sentido à existência, pois a subjetividade está na relação do indivíduo com o Absoluto e é n’Ele que o homem

³² Ele é enfático em afirmar isso no capítulo II de *Ponto de Vista Explicativo de Minha Obra como Escritor* (1841), embora ele não negue que teve uma fase de sua vida que abarca diversas formas de existência.

³³ Diário t. I, p. 280 apud FARAGO, p. 50.

³⁴ Este é um conceito importante na Filosofia. A palavra tem origem no latim *sub-jectum* que, literalmente significa “o que está lançado em baixo”, isto é, escondido; refere-se à interioridade do indivíduo, na qual se fundamenta a visão de mundo, sobre a qual ele edifica a reflexão, no exercício de suas faculdades.

³⁵ *Post-scriptum* citado por Almeida e Valls, p. 20.

³⁶ Principalmente, porque o verdadeiro cristianismo não pressupõe o subjetivismo, pois o relacionamento do pecador redimido é extremamente objetivo, de acordo com uma crítica a Kierkegaard, elaborada por...

³⁷ Além disso, a estética e a ética não são alicerces confiáveis, pois não se sustenta, em na relação com Deus. Mas o relacionamento com Deus é estável, o indivíduo pode sustentar um estilo de vida ético e até certo ponto, estético, porque sustentados pela graça.

encontra forças para cumprir a ética ordenada pelo Absoluto. Todavia, o estádio religioso só ocorre em consequência e a partir da desordem dos estádios inferiores, criando a possibilidade de encontrar a realidade superior por meio da vida religiosa³⁸.

Entretanto, apesar de a vida religiosa ser impulsionada pela insustentabilidade dos dois primeiros estádios, requer-se por ela uma crítica, de acordo com a visão agostiniana³⁹, uma determinação divina, sem a qual uma decisão individual não pode se manter; mas Kierkegaard entende que o salto para a vida religiosa deve ser muito claro. Entre as várias vocações que estavam diante de si, ele considerava a vida religiosa, como a forma de vida mais difícil, entre outras coisas, por ser marcada pela *solidão* e pelo olhar atento de Deus. Foi então que Kierkegaard foi conduzido a uma crise com os oficiais da Igreja Luterana (Igreja oficial da Dinamarca). O filósofo compreendeu que acontecia em seu tempo a *descristianização* do mundo. Sua luta solitária, contra pastores e bispos, oficiais preocupados com suas carreiras eclesiásticas, aumentará o seu sofrimento e o fará alvo das chacotas populares, aumentando, a cada dia, a sua solidão.

A solidão no sofrimento torna-se o centro da meditação de Kierkegaard. A partir da solidão e do sofrimento ele desenvolve o sentido da subjetividade e da existência que vem do seu interior. Na luta contra o luteranismo oficial, desenvolve um sistema religioso doloroso que se diferencia em muito da religião que se praticava. O hegelianismo, que outrora o influenciara, é agora alvo de duras críticas. Ele não aceitava a aproximação da Igreja com o racionalismo de Hegel. Kierkegaard aponta para o erro no âmbito religioso, pois segundo ele não havia qualquer compatibilidade entre o cristianismo como um momento histórico que se devia ultrapassar, conforme o pensamento característico do romantismo hegeliano. Não, o cristianismo não pode ser considerado apenas como um acontecimento histórico; o cristianismo é relativo ao sujeito, ao indivíduo na contemporaneidade, situado simultaneamente no tempo e na eternidade, pois “a relação com o Absoluto somente pode ocorrer em um tempo – o presente” (ALMEIDA; VALLS, 2007, p. 57).

³⁸ Uma melhor explicação dessa questão pode ser fornecida pelo próprio Kierkegaard quando escreve em o Conceito de Angústia que a “Ética nunca é uma simples observadora – antes acusa, julga e age” (2010, p. 24), ou seja, a ética, como uma lei, somente exige, mas não facilita o cumprimento moral previsto por ela; entretanto, é importante como modo de vida, desde que potencializada pela graça latente no estádio religioso.

³⁹ Kierkegaard se dizia agostiniano, portanto, deve ter lido As Retratações, obra na qual Agostinho escreve a revisão de todas as mais de duzentas obras, onde ele propõe a Predestinação como substituta da doutrina inicial do Livre-arbítrio.

2.3. Acerca da Necessidade do Quarto Estádio

Estes fatos verificados no relato acima acerca da experiência de Kierkegaard relacionada com o modo de vida religiosa do seu tempo o leva a perceber a desfaçatez vivida sob a égide do cristianismo; a partir da qual ele deixa nas entrelinhas a necessidade de um quarto estágio – o cristianismo autêntico, vivido pelo apóstolo Paulo, pelos outros Apóstolos e, todos quantos foram abraçados pela graça transformadora do Evangelho de Jesus Cristo. A esta altura parece ser o momento em que é preciso transformar, ainda que de forma gradativa e cautelosa, o postulado desta tese, ou seja, a própria tese, de maneira que ela passe de uma simples hipótese para a substancial necessidade do quarto estágio Kierkegaardiano, de acordo com a observação de James Collins, ao comentar que

Kierkegaard considerava este esquema mais como um instrumento útil para interpretar a experiência que como uma fórmula rígida e absoluta. [...] Está distinção entre a “religiosidade A” e a “religiosidade B” equivale a elevar a quatro o número das etapas na dialética da vida.

Agora será discutida não uma mera contingência, e sim uma premente necessidade da busca individual pelo quarto estágio. Se no início da presente pesquisa tratava-se de uma questão ou de um problema demandante de uma solução, então a questão tornou-se uma evidência factual de uma necessidade real na experiência de cada indivíduo concreto.

É preciso perscrutar as profundezas do pensamento Kierkegaardiano externados em seus escritos, cuja inquietação religiosa é plenamente perceptível, não somente do ponto de vista racional, mas também do ponto de vista da relação fé e razão; pois Kierkegaard foi antes de tudo um filósofo da religião. Toda a sua intriga íntima girava, desde sua infância, em torno de um intenso temor a Deus, iniciada a partir de uma amarga experiência vivida por seu pai que, em sua juventude, devido a uma vida dura lhe imposta por sua condição de empregado em uma fazenda, cuja função era cuidar de ovelhas, sob sol escaldante e poucos recursos resultantes desse penoso trabalho – amargurado com a dura condição, sem nenhuma perspectiva de progresso e sem poder desvencilhar-se da penúria em que vivia, em determinado momento de extrema angústia, amaldiçoou a Deus! Isso lhe pesou o coração durante todo o tempo de sua existência. Mesmo após melhora considerável de sua condição de vida, tendo se tornado um dos mais importantes cidadãos dinamarqueses, dado ao sucesso no ramo de tecelagem. Mesmo após obter a reconciliação interior por meio do encontro com a fé bíblica oriunda da influência da Reforma Protestante, no seio da igreja luterana, aquele incidente continuava a lhe perturbar

a consciência – era como se Deus continuamente lhe punisse por esse terrível ato falho de pura blasfêmia contra o Criador.

Era precisamente o fato de seu pai nunca se sentir perdoado, que a discussão acerca de uma religião cada vez mais autêntica ocupava ferrenha e incessantemente o pensamento de Kierkegaard. Além disso, consta outro fato contrário à prática autêntica de uma autêntica religiosidade: Kierkegaard era fruto de um relacionamento reprovável, segundo os costumes vividos e exigido na sociedade cristã pautada na Escritura. Embora seu pai tenha, após a morte de sua primeira esposa, se casado com aquela que tinha sido apenas uma doméstica de sua casa, no passado tivera casos extraconjugais, e este se somou à outra transgressão, além da blasfêmia, tornando o fardo ainda mais pesado e, difícil de ser contornado no âmbito da piedade exigida de autênticos seguidores de Cristo.

Nesse ambiente, Kierkegaard vivenciou duas realidades: Uma que lhe ensinava a verdadeira piedade, também ensinada e vivenciada pelos personagens bíblicos, exemplificada pelos profetas e patriarcas da Antiga Aliança e pelos personagens da Nova Aliança, tornada realidade na pessoa do Filho de Deus e pelo poder e instrumentalidade deste, na vida de todos os seus discípulos. A outra realidade consistia em um entrave a essa piedade, que se tornou a principal causa da angústia que sofreu durante toda a sua vida, até à morte.

Esta angústia se acentuou mais e mais, a tal ponto que a angústia se tornou para ele um “conceito” verificado em sua vida⁴⁰ em meio à constante discordância com o modo de vida cristã, diametralmente oposta aos padrões de cristianismo, comparados a partir dos personagens bíblicos, como Abraão, Paulo e o próprio Senhor Jesus Cristo⁴¹ quando de sua estada nesta terra. A partir dessa confrontação, Kierkegaard foi levado a elaborar pontos de vista filosóficos e religiosos, nos quais, em clara manifestação de coerência, teve de romper com três instituições ao mesmo tempo: a igreja dinamarquesa, o noivado e seu próprio ministério de pastor, além de se tornar um crítico ferrenho do racionalismo proposto por Hegel, com fortes intuitos relacionados com o modo religioso, do seu ponto de vista, reprovável, vivido e propalado pela liderança religiosa estatal.

⁴⁰ Kierkegaard agia sempre de acordo com sua consciência, que em muito divergia da cultura eclesiástica e filosófica de seu tempo.

⁴¹ Apesar de ter Kierkegaard utilizado pseudônimos na maioria de suas obras, especialmente no início. Essa atitude pode ser justificada pela intolerância da igreja, como veremos mais adiante, e pela sua polêmica com os líderes da igreja dinamarquesa.

Kierkegaard é conhecido com um opositor de Hegel e um crítico de seu Sistema, mas o desdobramento dessa oposição é feito não a partir de uma perspectiva filosófica, mas religiosa, que também rege sua oposição à Igreja oficial e sua vontade de reformá-la. Toda sua obra está a serviço de uma única causa: “esclarecer a natureza do cristianismo” (LE BLANC, 2003, pág 19).

Kierkegaard elaborou um sistema ético/cultural acerca da existência do indivíduo, classificado como “estádios da existência” ou “estádios no caminho da vida”. Este princípio busca entender o sentido da vida a partir das determinações existenciais para explicar o caráter humano e os modos de vida do indivíduo, os quais constituem padrões e princípios antagônicos, mas ao mesmo tempo, inter-relacionados. Desse modo, ele estabelece o fundamento dos primeiros três estádios e a consequente questão da contingência ou necessidade de outro estágio mais excelente do ponto de vista da existência subjetiva do indivíduo concreto. Neste sentido, ele parece propor uma vida significativa, que busca sentido a partir da necessidade de outro estágio para além dos já colocados em suas obras específicas.

De acordo com comentadores alhures, nos primeiros escritos e nos Diários, é revelado que por muito tempo Kierkegaard procurava os princípios condutores sob os quais pudesse organizar seus estudos literários, suas extensas observações sobre os caracteres humanos e as lições de sua própria vida. Inicialmente ele usou os termos “estádios” ou “esferas” indistintamente para qualquer campo da atividade humana, como os interesses políticos ou militares. Mas gradualmente, passou a reservar estes termos em seu sentido técnico e pleno de significado, para os compromissos fundamentais e os ideais organizadores que estão ao alcance do homem, como um indivíduo concreto. Dessa forma Kierkegaard chegou à sua muito comentada fórmula, segundo a qual busca explicar a existência humana em profusão, em constante ênfase em toda a extensa obra de sua autoria, tanto mais quanto se tem acesso ao seu conteúdo completo, objeto dessa inquietação.

O conceito de estádios no caminho da vida – o estético, o ético e o religioso é a doutrina Kierkegaardiana de maior influência, cuja contribuição é geralmente reconhecida entre os estudantes e pesquisadores de filosofia; além da luta pelo desdobramento do estágio religioso em dois possíveis sub estádios, quais sejam: “cristianismo” e “cristandade. Estes conceitos que ele chamou de “Estádios nos caminhos da vida”, muitas vezes denominada “doutrina” é claramente expressa em sua última obra considerada puramente estética (*Diário do Sedutor*); estabelecido na primeira parte de sua obra *Estádios no caminho da vida (O Banquete)*; e analisado mais acuradamente no Post-scriptum (1846), o que veio lhe servir como tricotomia útil no fragor da batalha em seus últimos anos. Os estádios são os determinantes existenciais do

caráter humano – os modos de vida gerais que servem como padrões e princípios antagônicos entre si. Ao redor desta divisão tripartida (estético, ético e religioso), Kierkegaard organiza todos os argumentos, ao que parece, na tentativa de propor o desdobramento do estágio religioso; porquanto seus estudos filosóficos e religiosos posteriores pressupõem que esta primeira análise dos motivos centrais do homem seja sólida e pode aplicar-se para além de seu contexto estético, ético e religioso.

O tema permeia toda a obra do autor, mas é principalmente em *Ou um, Ou outro – A Alternativa*, publicada em 1843, onde são apresentados o estágio estético e o estágio ético. De acordo com Álvaro Valls,

No volume II dessa obra se encontra a teoria da escolha de si mesmo. O *conhece-te a ti mesmo*, do grego, deveria ser traduzido numa filosofia prática, não em pura teoria, sendo conveniente, portanto, utilizar um verbo que indicasse a eleição, o querer de si mesmo. O viés fichtiano da *ipseidade* se corrige com uma perspectiva socrática e uma cristalização cristã, com traços agostinianos.⁴²

Mas é na obra *Temor e Tremor* (1843) que o pensador dinamarquês elabora com maior rigor o estágio religioso, após tê-lo esclarecido em *Os estádios no Caminho da Vida* (1845). Em todas as suas obras ele se empenha na busca por explicar a superioridade de um estágio sobre o outro; quanto ao estágio religioso, sempre levando em conta os termos do cristianismo, conforme ele é elaborado na Escritura, ele se refere aos personagens bíblicos como exemplos dos valores exigidos na posição pessoal em relação ao cristianismo. Esse artifício ele deixa transparecer sua intenção de propor um estágio ainda mais superior, a religiosidade tal com ele observa na Dinamarca não correspondia, de acordo com Kierkegaard, ao verdadeiro cristianismo.

Kierkegaard é especialmente intrigado com o modo distorcido em que as pessoas de sua época entendiam o que é ser cristão – ele se preocupava intensamente com o conceito de ser um cristão autêntico. Para Kierkegaard ser cristão não consiste de mera declaração de fé em certas doutrinas cristãs, mas em viver como Cristo viveu. Para ele, ser cristão é viver a vida de Cristo e, isso inclui sofrimento, angústia, temor e tremor. Por isso, ele fazia nítida distinção entre cristianismo e cristandade e tinha zelo e amor por esses a quem adverte estarem em profunda ilusão e desejava que aqueles que se consideravam religiosos (mas vivendo como estetas) dessem também “o salto” para a verdadeira fé cristã, desvencilhando-se de vez da ilusão a que incorriam.

⁴² Almeida e Valls. Kierkegaard, p. 15.

Supondo que a cristandade é uma imensa ilusão e que a massa dos que se dizem cristãos vivem nessa quimera, há então toda a aparência de que a ilusão de que falamos seja muito geral. Mas complica-se com a ideia imaginária de que se é cristão. A vida decorre nas categorias estéticas, e se porventura se pensa no cristianismo, adia-se a questão para mais tarde e fica-se absolutamente tranquilo porque, diz-se, no fundo, sou cristão. É indubitável que se encontram na cristandade pessoas que levam uma vida tão sensual como a do pagão mais sensual, e mais sensual ainda devido à sua maldita certeza de, no fundo serem cristãos. Mas adia-se o mais possível a decisão de se tornar cristão, e até se acrescenta ainda um obstáculo; porque se tem como ponto de honra continuar jovem, enquanto e puder, para se refugiar na religiosidade e no cristianismo apenas quando se fizer velho; e há tanta dificuldade em confessar que se envelheceu!⁴³

A compreensão que o levou a pensar o sistema religioso que se reivindicava ser cristão em termos de desdobramento que ele classificou com a distinção entre “cristianismo e cristandade”, ou “religiosidade A” e a “religiosidade B”, o conduziu a pensar nos estádios como sendo necessários, mas em número além dos quatro já proposto. O quarto estádios estava posto, pois o terceiro, inicialmente considerado o sublime estádio, se corrompe pela maneira como se entendia ser vivida a vida cristã, especialmente na Dinamarca, de onde Kierkegaard observava e sonhava com um modo de vida para o mundo – aquele que deveria ser tanto mais próximo pudesse ser conseguido, alcançado e preservado do modo de vida, inicialmente demonstrado pelo Filho unigênito de Deus, e depois pelos seus apóstolos, assim como pelos personagens da Nova Aliança, antes Cristo.

Mas essas conclusões, Kierkegaard não obteve apenas da observação ou de suas aspirações. Apesar de ter lido o que Scheleiermacher disse sobre as decisões vitais e seu estudo cuidadoso da dialética hegeliana sobre os diversos tipos de espíritos, Kierkegaard não extraiu seu tríptico divisão destas fontes. Mas foi impulsionado por sua reflexão sobre sua própria existência, a partir do conhecimento das Escrituras, das experiências de sua família e de sua decepção com a espécie de cristianismo ostentado em seus dias, em sua cidade e no mundo ao redor. Esta origem nos alerta para não generalizar a doutrina dos três estádios para além das circunstâncias históricas que caracterizaram a vida do pensador de Copenhague. Com efeito, foi dessa forma que se estabeleceu definitivamente o que se tornou o título de sua obra (1845) “Estádios no Caminho da Vida”. Essa obra que é tida por muitos como a mais completa sobre o tema, por tratar em conjunto dos três estádios, colocando um em contraposição com o outro, para alcançar a definição do melhor estádio da vida, a qual deve ser intensamente buscada pelo indivíduo, de modo a justificar sua existência e justificar a angústia inerente à presença do pecado.

⁴³ Ponto de vista explicativo da minha obra como escritor, p. 43

É evidente que sua *praxis* existencial refletiu em sua teoria dos estádios no caminho da vida. Para Kierkegaard a existência perpassa, inevitavelmente, pela escolha individual dos estádios. Ele próprio vivenciou cada um deles, embora ele discute se ele próprio começou sua carreira como escritor pelo estágio estético ou ético, insistindo em argumentar que isso é uma possibilidade, mas em seu caso apenas de caráter remoto. Por isso ele afirma que seu início se deu exatamente na esfera religiosa⁴⁴ de sua existência. Entretanto, é do conhecimento de seus leitores que ele pode ter transitado entre o estágio estético e ético antes do salto definitivo para o religioso e, deste para a possibilidade do quarto estágio, em idas e vindas, mas sempre buscando desenvolver profundo sentimento religioso.⁴⁵ Diferentemente de Nietzsche e outros filósofos, que começaram na religião, mas se afastaram para nunca mais retornarem, Kierkegaard também se afasta por breve tempo, mas retorna para, novamente sustentar sua filosofia na teologia; tal como Agostinho, para coadunar os conceitos de fé e razão na busca intensa pelo cristianismo autêntico.

Duas parecem ser as razões que fazem a importância das possibilidades de existência e a contingência do Quarto estágio – alvo dessa investigação: A primeira é a percepção de que é aí que começa sua ênfase na subjetividade do indivíduo em sua relação com o absoluto. A segunda razão se prende à insistência do autor em definir o que vem a ser um cristão autêntico (uma espécie de embrião do quarto estágio). Nesse sentido, o indivíduo se vê na iminência de escolher viver entre quatro modos de vida. Ele pode escolher entre o fútil e o necessário; entre o necessário, fugindo-se do ilusório, saltando para o genuíno, autêntico, que o conduz na relação com o infinito.

A noção de “estádios”⁴⁶ elaborados por Kierkegaard traz a lume os fundamentos de sua filosofia, por isso, é importante compreender, por meio de estudos (*stilus vitae*) biográficos do autor que ele desenvolveu seu pensamento (com a finalidade de compreender o significado da existência) em meio à diversificada experiência, a partir da criação paterna, de sua convivência com a igreja de seu tempo, sua religiosidade, bem como a ânsia por uma religiosidade autêntica⁴⁷, além de sua posição diante do casamento e do ministério eclesiástico. Todas essas

⁴⁴ *Idem*, pág. 21-24.

⁴⁵ Sentimento esse que o levou, após curto período de afastamento, a ingressar em um curso de teologia da Universidade de Copenhague e até cogitar o cargo de pastor.

⁴⁶ Insistem-se no termo “Estádios”, pois o conceito não abarca apenas o sentido mais simples, de estágios; mas carrega o significa mais preciso, de “percurso”, ou “trecho” contingente a todo indivíduo singular. Não obstante, o conceito admite o sentido etapas, esferas, para indicar a possibilidade de escolha individual. Isso será, se possível for esclarecido no futuro por meio dessa investigação.

⁴⁷ Mencionada várias vezes neste trabalho, o conceito de *religiosidade autêntica* sempre se reporta à necessidade do estabelecimento do quarto estágio.

coisas juntas definem a importância do conceito de estádios, além de servir de campo por onde se começa a entender Kierkegaard por descobrir o significado do conceito colocado por ele em suas obras, especialmente se tratando de suas críticas ao cristianismo então vivido na Dinamarca de seu tempo.

Para Kierkegaard não é bastante analisar o conteúdo da consciência para se encontrar aí uma filosofia da existência, portanto ele, de forma propedêutica, precisa ver a necessidade de trabalhar as ideias; e entre as ideias, estabelecer uma *dialética*. E, a partir desta dialética colocar a possibilidade, não somente dos três *estágios da existência*: estágio *estético*, estágio *ético* e estágio *religioso*, mas também a presença de um estágio superior, ainda que, para isso, o indivíduo tenha que se sujeitar a um percurso existencial, de salto em salto até dar o salto subjetivo da fé e produzir na existência, um cristianismo autêntico.

Essa questão funciona como uma espécie de fio condutor para se chegar ao desfecho de sua filosofia sobre o estágio excelente que é a elaboração do conceito de “cavaleiro da fé”, por meio da verificação histórica de seus atributos, a partir de uma de suas principais obras *Temor e Tremor* onde, em contraste com o herói trágico, ele apresenta estranhos conceitos éticos a partir de atributos como sofrimentos, solidão, silêncio, resignação e fé. O cavaleiro da fé é retratado como quem cavalgou para além da ética posta, pois ousou empreender o sacrifício do filho único da promessa. Este será o viés pelo qual meandrará esta pesquisa a fim verificar, de acordo com Søren Kierkegaard, a necessidade do *estádio excelente* nos caminhos existenciais do indivíduo.

2.4. O Conceito de Quarto Estádio

Kierkegaard não mede esforço para estabelecer três postulados dialéticos e, por meio disso, chamar a atenção para a necessidade de um quarto estágio. Para ele, existe a inter-relação entre os estádios, com a possibilidade de “trânsito” entre eles. Kierkegaard destaca a insuficiência dos estádios estético e ético para estabelecer uma relação adequada com o infinito, deixando, assim a porta aberta para a entrada do estágio religioso e a contingência do quarto estágio; de acordo com sua visão acerca do sistema religioso imperante na Dinamarca, em sua época. Razão pela qual ele enfatiza ser o ponto de vista ético com insuficiente para compreender a realidade da fé⁴⁸.

⁴⁸ Essa crítica é encontrada principalmente na obra “Ponto de Vista Explicativo da Minha Obra como Escritor”, onde defende que sua vida inteira esteve sempre pautada no estágio religioso.

Kierkegaard põe em dúvida, além das condições constatadas no comportamento da liderança da igreja estatal, ao observar também, os sinais do cristianismo existentes nas vidas daqueles que reivindicavam ser cristãos; por isso, de acordo com James Collins (pág. 59), para esclarecer essas discrepâncias fez distinção entre religiosidade A e religiosidade B, “equivale a elevar a quatro o número dos estádios na dialética da vida”.

Consoante ao exposto acima, verifica-se que Kierkegaard elabora sua base teórica por meio de sua vasta obra, segundo a qual se depara a filosofia chamada existencialismo. Desse modo, pois, podemos inicialmente enxergar a contingência do quarto estágio, estudando as questões ligadas ao seu desenvolvimento e o que mais for possível verificar acerca desta questão. Kierkegaard trata esse assunto em sua obra *Ou um o Outro*, onde apresenta a alternativa entre a ordem estética e ética; sem, contudo, chegar a qualquer decisão palpável. Mas em sua obra mais madura, *Ponto de Vista Explicativo da Minha Obra como Escritor*, ele consegue delinear o grau de valor entre eles, sinalizando a passagem da contingência à necessidade do quarto estágio. Mais tarde, em sua obra *Repetição*, ele elabora uma crítica à vida estética e, em *Temor e Tremor*, insiste em que o ponto de vista ético bem como a cristandade não é suficiente para compreender a realidade da fé e abre o caminho para o tratamento separado da esfera religiosa nas *Etapas* e nos *Post-scriptum*, onde Kierkegaard faz nítida distribuição entre todos os modos naturais do religioso e o espírito religioso cristão único; distinção esta que também aparecem nas outras obras propriamente religiosas.

É possível verificar também a possibilidade de confirmar a necessidade do quarto estágio, a partir dos desdobramentos teóricos das circunstâncias, incluindo a inquietação de Kierkegaard com a interpretação hegeliana da filosofia grega e a absorção da igreja dinamarquesa da filosofia de Hegel; que, de acordo com Kierkegaard poderá ter dado origem à necessidade do quarto estágio, estabelecendo os conceitos de cristão, cristandade e cristão autêntico. Nesse sentido o dinamarquês tem sido comparado com o Sócrates ateniense, como afirma um comentador: “Não é fortuito, portanto, que Kierkegaard tenha sido chamado de Sócrates da cristandade. Afinal, também ele foi um irônico, crítico da especulação e das instituições estabelecidas do seu tempo”.⁴⁹

Então, Kierkegaard introduz o estágio religioso, progredindo com vistas ao estabelecimento do quarto estágio, pelo qual o indivíduo se depara com a possibilidade do “salto

⁴⁹ Paula, Marcio Gimenes de. Subjetividade e Objetividade em Kierkegaard. São Paulo, Annablume, 2009, onde o autor trata da relação de subjetividade no socratismo.

qualitativo”, ou seja, o verdadeiro salto da fé, pelo qual Abraão escolheu a suspensão ética. Mas isso não ocorre por um processo gradativo, mas sim, por meio de uma revelação especial, a que Paulo se refere como um fato da graça em que “... aprouve” a Deus “revelar seu Filho em mim” (Gálatas 1:15-16).

Ainda, de acordo com Collins, a possível necessidade de uma existência religiosa equivalente, segundo a teoria Kierkegaardiana, ao quarto estágio, que é adotada pelo indivíduo, pelo sentimento de limite⁵⁰, levado por certos livremente estados de animo no indivíduo que caiu no fundo de um dos estádios inferiores⁵¹ que, ao chegar ao limite extremo, sentiu-se atraído pelo estágio ético; daí para “o salto” da fé e, assim, alcançar o estágio superior via terceiro estágio. É por isso que Abraão é elogiado pelo filósofo como “o cavaleiro da fé”, como digno de destaque de maior de todos porque amou a Deus mais do que seu filho.

Nada é perdido dos que foram grandes; cada um a seu modo e segundo a grandeza do objeto que amou. Porque aquele que amou a si próprio foi grande pela sua pessoa; quem amou a outrem foi grande dando-se; mas o que amou a Deus foi o maior de todos. A história celebrará os grandes homens, mas cada um foi grande pelo objeto da sua esperança: um engrandeceu-se na esperança de atingir o possível; outro na esperança das coisas eternas – mas aquele que quis alcançar o impossível foi, de todos, o maior.⁵²

Com isso Kierkegaard pretende sugerir que as diferenças consistem basicamente do fato de que o estágio estético se conduz sem a presença de resignação – não há qualquer ato de resignação da parte do esteta; por outro lado o estágio ético requer certa resignação, mas uma resignação limitada à natureza humana na relação com o pecado hereditário e jamais alcançará, por si mesmo, o infinito. Assim, antes que pise o último degrau da escada, surge a angústia, a frustração e o desespero. Conceitos oriundos da obra *O Desespero Humano – doença até a morte* – em que, de acordo com o capítulo I da obra, é “doença de espírito, do eu, o desespero pode como tal tomar três figuras: o desespero inconsciente de ter um eu (o que é verdadeiro desespero); o desespero que não quer, e ‘o desespero que quer ser ele próprio’⁵³. É somente encarando o próprio eu que ocorre “o salto” para o estágio superior e alcançar “resignação infinita”⁵⁴, pois para o dinamarquês “a fé não constitui, portanto, um impulso de ordem estética; é de ordem muito mais elevada, justamente porque pressupõe a resignação”⁵⁵. Nesse ponto a

⁵⁰ Esse limite refere ao grau de insatisfação gerado no indivíduo que busca a realização de sua existência nos primeiros estádios que Collins afirma ter sido reconhecido até por Kars Jasper como “situação limite”.

⁵¹ Inferiores em comparação com a contingência do quarto estágio, muito provavelmente colocado pelo filósofo de Copenhague como sendo necessário e definitivo, pois coloca o indivíduo na relação efetiva com o Eterno.

⁵² Temor e Tremor, p. 11.

⁵³ O desespero humano, p. 7.

⁵⁴ Temor e Tremor. P. 38, 40.

⁵⁵ Idem, p. 39.

contingência do quarto estágio passa da idealidade para a realidade, desta feita, identificando-o nas obras de Kierkegaard, esclarecendo por que, para Kierkegaard não basta se situar no estágio religioso, por isso, é impulsionado a colocar um quarto estágio – e trazer a lume a sua inquietação, evidenciada nas críticas ao sistema religioso estabelecido em seu país. Segundo Collins, em sua obra posterior, de mesmo nome⁵⁶, Kierkegaard abandona a posição pela qual se referia ao estágio religioso como uma esfera indeterminada e passa a distinguir entre formas naturais de religiosidade e a religião do espírito do cristianismo único.

Toda a pessoa dotada de um pouco de discernimento que considere com seriedade o que se chama a cristandade, ou o estado de um país dito cristão, deve, certamente, bem depressa cair numa grande perplexidade. Que significa que tantos milhares de homens se digam cristãos sem mais dificuldades! Com podem obter este nome inúmeros homens, cuja imensa maioria, segundo tudo leva a crer, vive sob categorias tão diferentes, como o demonstra a mais superficial observação! Como podem eles, homens que talvez nunca vão à igreja, nunca pensem em Deus, nunca pronunciam o seu nome, senão para blasfemar! Como podem eles, homens que nunca compreenderam que poder ter na sua vida uma obrigação pra com Deus, e que fazem de uma certa integridade física o máximo do seu ideal, se nem mesmo a acham absolutamente necessária! Todos, no entanto, até os que negam Deus, são cristãos, dizem-se cristãos, são reconhecidos como cristãos pelo estado, são enterrados como cristãos pela Igreja, são enviados como cristãos para a eternidade!⁵⁷

Em vista disso, tem-se como fundamento filosófico o existencialismo cristão, adotando a cosmovisão Kierkegaardiana a partir de sua inquietação relacionada com o cristianismo praticado em seu tempo, em seu país – com a expressa preocupação de estabelecer o verdadeiro cristianismo, o cristianismo autêntico, como ele mesmo o denomina. Nesse sentido ele vai trabalhar a questão do pecado original, ou seja, a queda do homem e a angústia gerada pela constante busca de reconciliação, que ele chama de “salto da fé”.

Mas o que é, na realidade, o quarto estágio? Já nos referimos à distinção entre cristandade e cristianismo autêntico, ou, de acordo com Collins, “religiosidade A” e a “religiosidade B”, também já fiz menção de outra distinção, os modos naturais do religioso e o cristianismo único. Agora, vamos elucidar um pouco mais o conceito.

Para isso vamos fazer uma rápida e sucinta digressão acerca do tornar-se cristão. E nossa fonte primordial é aquele que em um rápido diálogo de Jesus com um doutor da lei, chamado Nicodemos, expert em interpretação do decálogo mosaico. Neste diálogo, após receber um elogio meramente religioso: “Este, de noite, foi ter com Jesus e lhe disse: Rabi,

⁵⁶ A obra a que esse autor se refere é *Post-scriptum* conclusivo não científico às Migalhas Filosóficas, publicado em 28 de fevereiro de 1846, onde Kierkegaard acentua que “a verdade é a subjetividade”.

⁵⁷ “Ponto de Vista Explicativo da Minha Obra como Escritor” p.37

sabemos que és Mestre vindo da parte de Deus; porque ninguém pode fazer estes sinais que tu fazes, se Deus não estiver com ele” (João 3:2). Mas Jesus não se importou com o elogio religioso, e foi direto à sua real necessidade, ainda que, talvez, não fosse a preocupação inicial de Nicodemos, e disse: “... Em verdade, em verdade te digo que, se alguém não nascer de novo, não pode ver o reino de Deus” (João 3:3).

Ao quase propor o quarto estágio, muito provavelmente, Kierkegaard pensava nesta declaração de Jesus a Nicodemos, pois nascer de novo é a primeira porta da verdadeira conversão ao cristianismo (a segunda porta é o arrependimento; a terceira é a fé, nesta ordem)⁵⁸. Aqui se começa a entender o que que é o quarto estágio, o cristianismo autêntico referido por Kierkegaard. Porque é nisso que consiste a diferença entre cristandade e cristianismo autêntico; entre os modos naturais⁵⁹ do religioso e o cristianismo único – não se torna cristão apenas subscrevendo ao corpo de doutrinas tidas como cristãs, tampouco assinando uma declaração de fé. Você pode concordar com tudo no cristianismo, você pode até autonegociar-se cristão, um “protestante”. Conceito que não se aplica a cristãos após a reforma, pois trata-se apenas ao protesto dos príncipes da igreja católica romana do século XVI. O Conceito que se aplicava até pouco tempo atrás, quando se referia aos cristãos oriundos da Reforma Protestante, era “os crentes” ou os “evangélicos”. Mas com advento dos pentecostais, com suas ênfases nos dons de sinais: línguas, profecias e curas, e dos neopentecostais, que abandonaram parcialmente os dons de sinais e se apegaram ao que eles intitularam “evangelho da prosperidade, o conceito de “evangélico” perdeu de vista o conceito original, bíblico referente à mensagem de arrependimento e fé para a salvação da alma da escravidão do pecado impregnado na natureza e fomentado pelo mundo e pelo diabo; onde os que forem alcançados por esse evangelho passam a viver uma vida terrena, porém não mundana, especialmente contrária às expectativas

⁵⁸ De acordo com o cristianismo, inicialmente, por Jesus e, depois, pelo apóstolo Paulo, a pessoa se torna cristão, não por uma mera profissão de fé (isso tem promovido distorções no antro do evangelicalismo moderno, seguem e ensinam a simples declaração de fé como porta de entrada no cristianismo; ao contrário desse ensino, o indivíduo tocado pelo poder do Evangelho experimenta uma ação sobrenatural, chamada por Jesus de novo nascimento (ou como é possível, uma tradução literal “nascer do alto”). Essa ação sobrenatural realizada, segundo Jesus, pelo Espírito Santo, abre os olhos do indivíduo e aguça suas sensibilidades para um segundo passo, o arrependimento; agora, despertado pela iminência da condenação eterna, o indivíduo, é conduzido à fé em Cristo, cuja vida foi entregue, exatamente para livrar os crentes da condenação eterna merecida. Por isso que como destacou (depois de Paulo) Agostinho, o relacionamento com Deus é unicamente uma operação da graça.

⁵⁹ O ser humano foi criado com instinto religioso. Portanto, todos nascem com a inclinação religiosa – e certamente em algum momento ele buscará pertencer a uma corrente religiosa, seja ela qual for. Aí, a pergunta: e quanto aos que se dizem ateus? Realço que o ateísmo atual também é (contraditoriamente) uma forma de religião, pois eles creem na não existência de um Ser Supremo, e ainda recorrem à prática de uma espécie de “catequese” (conceito católico) ou “evangelização” (conceito protestante) para aumentar o número de adeptos.

mais demandada pelos “evangélicos”, ou seja, a busca desenfreada pelo bem estar físico e prosperidade financeira, etc.

Retomando ao modo como um indivíduo se torna cristão, como declarou o Senhor, acerca do novo nascimento, temos farto esclarecimento a partir dos apóstolos Paulo; por meio de suas treze epístolas no Novo Testamento, nas quais ele fornece com clareza o que o Mestre queria significar quando disse: “Importa-vos nascer de novo” (João 3:3, 5). Por isso temos da parte de Paulo, primeiramente que nascer de novo é tornar-se uma nova criatura (2 Coríntios 5:17), visto que, a velha criatura foi corrompida em Adão, referido por Kierkegaard como “pecado original. Depois Paulo define novo nascimento como sendo o traslado do reino de satanás, para o reino de Deus (Colossenses 1:13), visto que todo ser humano nascido neste mundo, de acordo com as Escrituras, pertence ao reino de satanás, pois ele é o príncipe deste mundo (a palavra grega para “mundo” é *cosmos*, que significa, como o som da palavra sugere – *cosmético*, um sistema organizado, por quem? – por ele mesmo: O príncipe do mundo). Paulo fornece ainda mais uma definição de novo nascimento. Para Paulo, o novo nascimento ainda carregar o sentido de ressurreição espiritual. Ele afirma aos efésios:” Ele vos deu vida, estando vós mortos nos vossos delitos e pecados...” (Efésios 2:1). Como assim, mortos? – mortos espiritualmente! Explico: Quando Deus criou o homem, Adão, o colocou no Jardim do Edem e lhe disse: “...de toda árvore do jardim comerás livremente, mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás; porque, no dia em que dela comeres, certamente morrerás”. Aí, o homem comeu. Depois que Adão comeu da árvore, em desobediência à ordem do Senhor, ele viveu muitos anos, pois os anos de vida de Adão foram 930 anos. Mas, Deus não disse que no dia em que ele comesse, certamente morreria. Pois é, Adão morreu. Morreu espiritualmente. Deus criou o homem com três partes (tricotomia): corpo, alma e espírito. Portanto, a palavra de Deus se cumpriu: seu espírito morreu!

Entendendo a questão: o corpo é a agência dos movimentos: a alma é a agência do intelecto e das emoções e o espírito, a agência do relacionamento com Deus. Com seu espírito morto, o homem ficou privado do relacionamento com Deus. Sem o espírito, o homem perdeu a capacidade de comunicar-se com Deus; perdeu a capacidade de compreender as palavras de Deus; perdeu a capacidade até de crer e obedecer a Deus. O homem ficou sem Deus! É nesse sentido que Jesus falou a Nicodemos.

O passo seguinte daquele que nasceu de novo é o arrendamento. Lembremos de que Jesus disse em resposta ao elogio do líder religioso chamado Nicodemos (um doutor, interprete

da Antiga Aliança, mas que, diferentemente de seus companheiros pertencentes ao sistema religioso da época denominado *fariseus*, queria saber o caminho a ser trilhado por quem deseja pisar as pegadas do Mestre e, assim viver como ele e para ele): “Se alguém não nascer de novo não pode ver o reino de Deus “. O segundo conceito mais importante nesta frase (o primeiro é a questão *nascer de novo*) é: “não pode ver”. O processo é o mesmo do nascimento de uma criança – enquanto não nasce a criança não pode ver nada; mas no momento em que ela nasce ela começa a enxergar as coisas a sua volta. A história da redenção começa com a queda de Adão – com a queda ele sofreu a morte em sua amplitude, isso é, tanto física como espiritual. O criador fez o homem um ser tricotômico – corpo, alma e espírito. Quando o colocou no Jardim do Éden, disse-lhe que no dia que comesse da Árvore do Conhecimento do Bem e do Mal ele e sua mulher morreriam. Eles foram lá, iludidos por Satanás travestido de serpente, e comeram. E como dissera o criador, morreram! Como morreram, se a soma dos anos de Adão foram 930 anos, mesmo após comer da árvore proibida? Sua tricotomia foi desvanecida, e tornou-se em dicotomia: agora o ser humano passaria a ser corpo e alma – o espírito morreu! Nascido de novo, o espírito ressuscita. Seus sentidos espirituais retomam suas funções e, ele pode assim enxergar as coisas espirituais – a primeira coisa que ele vê é a maldade de sua natureza, que antes era aparentemente inofensiva. Aí, ele percebe duas coisas vitais em relação aos seus pecados: eles são ofensivos a Deus – são ataques frontais a Deus, que é santo, puro e totalmente separado do mal, tal que não pode sequer olhá-lo de longe. Depois ele percebe a condenação eterna a que ele incorre por ofender o Criador. No exato momento desse acontecimento (pelo novo nascimento, pelo qual os sentidos espirituais são aguçados) ele recebe capacidade para ver (esse é o primeiro sentido recuperado, a visão. Mas não é a visão física, porque está ele não perdeu com a queda – é a visão, cuja capacidade é do espírito, perdida no dia da queda – a visão espiritual, capaz de enxergar o reino de Deus), se arrepende. Ou seja, encara a triste realidade: ele está para sempre banido da presença do Criador⁶⁰, como Adão e Eva o foram – expulsos do Jardim do Éden. Nesse instante, o desespero toma conta da totalidade de seu ser, pois a doutrina do arrependimento bíblico, que Paulo chama em uma de suas epístolas⁶¹ (1) de “arrependimento segundo Deus”, é precisamente encarar a realidade de uma contradição clara e certa. Não obstante o real e sincero arrependimento, esse homem ainda ignora a existência de uma

⁶⁰ Isto é, condenado a passar a eternidade no inferno – esse é significado bíblico de ser banido da presença de Deus.

⁶¹ “... agora, me alegro não porque fostes contristados, mas porque fostes contristados para arrependimento; pois fostes contristados segundo Deus, para que, de nossa parte, nenhum dano sofrêsseis. Porque a tristeza segundo Deus produz arrependimento para a salvação, que a ninguém traz pesar; mas a tristeza do mundo produz morte” (2Coríntios 7:9-10).

escapatória. Na concepção do fato de se descobrir um pecador – transgressor das leis de divinas, ele está irremediavelmente condenado, até que...

O terceiro, e último passo na empreitada de se tornar um cristão autêntico e tornar concreto o Quarto Estádio Kierkegaardiano, embora não mencionado, nem enfatizado por Kierkegaard, parece ser isso que ele tinha em mente ao propor um cristianismo autêntico, no formato de um *Quarto Estádio* – a fé. E é aqui que surge a figura importante do evangelista – alguém é enviado (inconscientemente) ao desesperado, e lhe presta a informação que mais urgentemente precisa: é o que a Bíblia chama de “Boas Novas” (tradução da palavra grega ευαγγελίζομαι - *euangelizomai*) – Cristo morreu e ressuscitou para salvar os pecadores, quando estes se arrependem. Então o desespero é dissipado e, todo o restante de sua vida é viver e manifestar o cristianismo autêntico, o Quarto Estádio Kierkegaardiano!

Para Kierkegaard, o que havia na Dinamarca, especialmente em Copenhague era uma mera religiosidade totalmente desprovida dessas características, a partir de suas duras críticas ao sistema religioso dominante, especialmente observado nos líderes, nos pastores da igreja estatal, denominada Luterana. Na verdade, existia ali uma caricatura de cristianismo; o que, aliás, é uma praxe humana substituir, o verdadeiro por uma caricatura.

2.5. Correlação com cristianismo moderno

Tal como observado nos dias de Kierkegaard, o cristianismo foi banalizado. O desafio de seguir a Cristo é ser capaz, ou melhor, ser capacitado a fazer tal qual ele, Jesus fez e transmitiu a seus discípulos, que por sua vez transmitiu aos outros após eles e, assim o exemplo do modo de vida de Cristo chegou até nós, Mas não é isso que se observa em nossos dias. O que se vê é um cristianismo distorcido, banalizado, tal como o observado por Kierkegaard na Dinamarca de seu tempo.

Minha identificação com esse pensamento Kierkegaardiano no que tange à necessidade de uma reforma no cristianismo vivido hoje é, do ponto de vista considerado autêntico – isto é, bíblico carrega certa semelhança – hoje em dia o cristianismo também está sendo deturpado, distorcido, banalizado e destruído mil vezes mais do que o filósofo de Copenhague observou, criticou e desprezou. Ou seja, o cristianismo hoje é tanto mais desprezível que o dos tempos de Kierkegaard, como passo a descrever.

É necessário tratar essa questão como um chamado ao povo de Deus à fidelidade e à lealdade ao Senhor nosso Deus nesses dias de intensa pressão pela busca por uma religiosidade sem Deus – definido pelos teólogos como *secularismo*. De acordo com Kierkegaard, esta também era o que carecia o cristianismo dinamarquês; e é a carência do mundo moderno – quer pertencer a uma religião!

Precisamos colocar em evidência a utilidade da Escritura, e restaurar a proposta de um cristianismo autêntico em nossos dias, pois o aposto João destacou as palavras de Jesus da mensagem das Escrituras; ele disse que O espírito é o que vivifica; a carne para nada aproveita; as palavras que eu vos tenho dito são espírito e são vida. Por isso, é preciso enfatizar e trazer à luz o fato da inerrância da Escritura – com destaque para a doutrina da inspiração. Com isso, deixar claro sua utilidade, de acordo com o aposto Paulo ao escrever a seu discípulo Timóteo, onde ele declarou sua suficiência das Escrituras⁶². E, a partir dessa temática, exortar aos crentes a permanecerem na Escritura (2Tm 3.14,15); é preciso esboçar os grandes assuntos da Escritura, cujo tema geral é a redenção, sempre lembrando da importância de viver os ensinamentos da Escritura. Mas isso é mais uma oração do que uma obrigação! Porque ninguém consegue produzir tais virtudes, por si mesmo, pelo esforço próprio; mas se a graça de Deus agir em cada indivíduo, certamente cada um se tornará fiel e leal a ele, como ele é lido no Livro das Crônicas – “Deu-lhes ordem, dizendo: Assim, andai no temor do Senhor, com fidelidade e inteireza de coração”.

Essa exortação é urgente, tendo em vista que vivemos dias em que a religião passou de contingente para extremamente necessária. Ou seja, agora a religiosidade faz parte da vida das pessoas - tornou-se status. É chique ter uma religião. A condição é que essa religiosidade não necessariamente dependa do relacionamento com o Deus da Escritura; nem é preciso saber ou crer que ele existe; basta professar fé em uma divindade qualquer que, segundo esses “crentes” pode até mesmo ser o Deus da Escritura, desde que não se exija qualquer compromisso ou lealdade a esse Deus. Esse conceito está sendo chamado por alguns teólogos de “secularismo”.

Essa situação é resultado de controvérsias teológicas, travadas por séculos a fio. Desde que o Filho de Deus colocou os pés nesta terra, que ele criou para sua própria glória, tem havido controvérsias doutrinárias. Se discutia e questionava tudo, das naturezas de Jesus, à posição escatológica da igreja. Controvérsias essas que poderiam ter sido benéficas, não fosse o orgulho

⁶² 2 Tm 3:16; confere também Salmo 119.

humano de sempre querer ter algo que se possa chamar de seu. A partir daí surgiram divergências extremadas que se seguiram até aos dias de hoje e a soma dessas controvérsias resultou no surgimento de várias seitas heréticas, que começaram exercer pressão sobre o cristianismo bíblico; e as pressões exercidas pelas seitas fizeram brotar um sentimento de frieza, seguida por descrença e indiferença, provocadas pelo abandono das doutrinas da graça.

Esse abandono gerou um sistema pseudoevangélico de contaminação da mensagem do evangelho e chegou até os nossos dias na forma de “secularismo”, em que a religião não é mais hostilizada. É admitida e até desejada; porém trata-se de uma religiosidade sem Deus, sem Bíblia, sem adoração e sem obediência às leis divinas, como reveladas na Escritura.

Por tudo isso, é necessário propor uma reafirmação da fidelidade e da lealdade à Escritura. É preciso manter a lealdade a Cristo. Afastar-se da Escritura é negar a Cristo e fazer isto é incorrer na negação de Cristo. Por isso, no Evangelho de Mateus, citando Jesus, ele faz esta afirmação:

Portanto, todo aquele que me confessar diante dos homens, também eu o confessarei diante de meu Pai, que está nos céus; mas aquele que me negar diante dos homens, também eu o negarei diante de meu Pai, que está nos céus” (Mateus 10:32, 33).

Como se não bastasse a confusão social, política e econômica, a religião entra para somar ao caos instalado na sociedade, que já sofre a pressão da má gestão da coisa pública (do latim *res publica*, "coisa pública"), principalmente para satisfazer os interesses dos corruptores. Desse modo, as pessoas tem que amargar a falsidade religiosa reinante, também em nossos dias, mas com maior intensidade que em outros tempos, por exemplo, na Idade Média, ou dos tempos em viveu Kierkegaard.

O perigo maior repousa no fato de que a religiosidade se encontra mais à flor da pele nos dias de hoje, mais que em outras épocas. Isso se deve à crescente busca da religiosidade por parte de toda a sociedade. Religião passa de contingente a necessária. Pertencer a uma igreja evangélica se torna um status, algo desejável; diferentemente dos tempos em que ser crente era alvo de chacota e desprezo. Hoje, com o apoio da mídia televisiva os evangélicos ganharam força para propagar o status religioso, por meio das promessas de prosperidade e a chamada música gospel. Utilizando os recursos de marketing, estão a cada dia conseguindo arrebanhar mais e mais adeptos, que faz explodir em crescimento numérico as megas igrejas.

Apesar do explosivo crescimento, verifica-se que o que atrai as massas é exatamente a ausência de compromisso, de lealdade e fidelidade a Deus. As pessoas se cansaram com o divertimento corriqueiro que o mundo sempre ofereceu, e estão buscando diversificar o lazer a fim de preencher o vazio de suas almas. Isso, de acordo com a teoria do marketing, constitui no chamado *niche* de mercado, no qual é oferecido o produto que as pessoas estão buscando, por acharem necessário à completude de suas vidas.

Vivemos no mundo dos *Sofistas*.⁶³ As pessoas não se importam com a verdade, desde que supra suas carências psicológicas de pertencer a uma religião, pois, segundo um jargão há muito disseminado, “todos precisam de uma religião”. Para essas pessoas não importa se o pregador esteja expondo a verdade da Escritura; o que lhes interessa é se aquele líder oferece respostas imediatas às suas expectativas de bem-estar nesta esfera social em que os governantes falharam em atender. São os sofistas modernos⁶⁴

A igreja evangélica no Brasil se gloria de ter crescido muito nos últimos anos; mas uma análise refinada da questão faz com que se constate que o crescimento, embora pareça real, refere-se apenas a transmutação, ou seja, católicos migraram para igrejas evangélicas, sem qualquer entendimento acerca do padrão de relacionamento com Deus revelado na Escritura – o novo nascimento (não exatamente como escreve David Martyn Lloyd-Jones⁶⁵ que afirma ser o arrependimento a porta de entrada para o Reino). Ele tem certa razão, mas não se deve esquecer que nosso Senhor declarou ser o novo nascimento o pontapé inicial para a entrada no Reino, pois a lógica da salvação é: primeiro você nasce de novo, ou seja, seu espírito, que estava morto (Efésios 2:1), ressuscita. Aí você pode ver o reino de Deus, com todo o seu esplendor e desejá-lo; porém, não pode entrar, pois, uma vez abertos os seus olhos espirituais, a primeira coisa a ser vista é a maldade de seus pecados, que o impede de ser aceito. Então, quando você

⁶³ Sofistas era a escola rejeitada por Sócrates (apesar de ser acusado de ser um deles), porque não se importavam com a verdade. Para os Sofistas, o que era importante era o poder persuasivo do discurso.

⁶⁴ Os Sofistas era tidos na arena da filosofia grega como aqueles mestres oradores sem compromisso com a verdade – para eles era imprescindível convencer o interlocutor, sem importar qualquer juízo de valor.

⁶⁵ David Martyn Lloyd-Jones (20 de dezembro de 1899 - 1 de março de 1981) foi um teólogo protestante na linha calvinista de origem galesa que foi influente na ala reformada do movimento evangélico britânico no século XX. Por quase 30 anos foi o ministro da Capela de Westminster, em Londres. Lloyd-Jones era um forte opositor da teologia liberal que se tornou uma parte de muitas denominações cristãs, considerando-a como uma aberração. Ele discordou da abordagem ampla da Igreja e incentivou os cristãos evangélicos (especialmente anglicanos) para deixar suas denominações existentes, considerando que a comunhão cristã verdadeira só foi possível entre aqueles que partilharam convicções comuns sobre a natureza da fé.

Depois de deixar a medicina em 1927, ele se tornou o ministro de uma Igreja Presbiteriana em Aberavon, no sul de Gales, é considerado um dos maiores pregadores protestantes do século XX.

está presto a desistir, o Espírito Santo, quem foi que operou a regeneração em você, lhe mostra a necessidade de arrependimento. Mas o arrependimento, por si só não lhe dar convicção de salvação; é, pois, nesse exato momento que Cristo é revelado em você (Gálatas 1:16); então você crê em sua morte e ressurreição – (o qual foi entregue por causa das nossas transgressões e ressuscitou por causa da nossa justificação. Romanos 4:25) e é salvo!

O crescimento da igreja evangélica no Brasil não ocorre dentro desse padrão. Mas você pergunta: Como se sabe? Por meio de entrevistas com muitas pessoas ditas “evangélicas” com a pergunta: Você está certo de que quando morrer vai para o céu? Invariavelmente, obtém-se como resposta um enfático não. Isso demonstra a ausência da verdadeira pregação do Evangelho e a motivação que leva essas pessoas a lotarem as igrejas evangélicas – elas foram lá atrás de bênçãos, principalmente, as que preenchem imediatamente as carências de saúde, emprego e vazio social. Resumindo, prosperidade. É a pregação do chamado evangelho da prosperidade; que nem é evangelho, nem é prosperidade, o que atrai a migração para as igrejas evangélicas modernas.

Em outras igrejas, tidas como igrejas históricas e até reformadas estão repletas de pessoas desleais e infiéis, por acalantar seus pecados e buscar atender suas expectativas mundanas, pelo favor de lideranças que ensinam divórcio e recasamento; bebida alcoólica com “moderação” e até negar as profecias referentes a Israel (que não tem nada a ver com as recentes decisões contrapostas entre a ONU e o presidente dos Estados Unidos) – que, em nome de uma hermenêutica espúria e descontextualizada, ou melhor, desconexa da Escritura, se colocam à margem das bênçãos e das maldições a que tanto se declaram as Escrituras a respeito de Abrão e sua descendência, o povo de Israel, como é lido no livro de Gêneses e no livro dos Salmos.

Assim, se torna fácil encher a igreja, pois estão pregando o que as pessoas querem ouvir. A expectativa dessas sempre foi de encontrar uma religião, quer seja cristã quer seja budista, desde que não tenha de abandonar seus pecados de estimação. As pessoas querem casarem-se e, se não der certo, se divorciarem para contrair novas e sucessivas núpcias até chegarem aonde o ego diga: chega! E há daqueles que conseguiram repetir matrimônios até dez vezes (não estou exagerando) – eu tenho direito de ser feliz, dizem. As pessoas querem uma religião onde ele pode dar continuidade às suas paixões, seus vícios. Querem continuar bebendo sua cerveja, fumando seu cigarro, indo ao cinema e frequentando a sociedade. Querem frequentar uma igreja, apenas pelo sentimento de “pertencer”.

Quantas e quantas vezes a igreja disciplina um membro e, diga-se de passagem, com a única disciplina ensinada pelo cabeça da igreja e praticada por aquele que recebeu a revelação do significado da igreja. O primeiro disse: “...considera-o como gentio e publicano” (Mateus 18:17) e o segundo exigiu: “entregue a Satanás [...] Lançai fora o velho fermento para que sejais nova massa, como sois, de fato, sem fermento. Pois também Cristo, nosso Cordeiro pascal, foi imolado” (1Coríntios 5:5, 7). Depois disto, a pessoa disciplinada sai sorrindo e zombando, porque sabe que lá na frente há uma igreja que, em nome do “amor”, o receberá de braços abertos. Entretanto, muitas vezes recebem a “vítima” não tanto em nome do “amor”, quanto em nome do crescimento do rol de membros e, conseqüentemente, das entradas financeiras. Denunciar isso se assemelha a comer o livro amargo, como o fizeram Ezequiel e o apóstolo João; mas é necessário por causa da lealdade e fidelidade ordenada por Deus em 2 Crônicas 19:9 – “Deu-lhes ordem, dizendo: Assim, andai no temor do Senhor, com fidelidade e inteireza de coração”.

Não vale a pena oferecer ao povo de Deus a estrada larga e espaçosa. Embora, isso nos conceda status de grandes pregadores, aumenta o nosso salário e nos faz requisitados a compartilhar o nosso “segredo”, ou melhor, a chave que abre a porta da igreja para o povão entrar. Em outras palavras, a expectativa humanista-arminiana das igrejas modernas (e não estou agora, falando dos “evangélicos” pentecostais ou neopentecostais) é tão gritante que não aguentam ouvir de um pastor próspero, segundo o conceito do mundo dos negócios, que correm apressadamente a convidá-lo “a palestrar” (como se diz em Portugal). Como dizia um dos meus professores, um pregador, para ser requisitado com frequência e por várias igrejas, a ponto de preencher todos os espaços da agenda há de ser um desses líderes de grandes igrejas. Claro que, com algumas exceções, são líderes eclesiásticos que muitas vezes aceitam abrir mão da verdade e oferecem para alargar a estrada que o soberano Deus estreitou.

Precisamos perseverar nossa lealdade e fidelidade ao Senhor na pregação, já que a fé vem pelo ouvir (Romanos 10:17). Não é preciso alargar a estrada que Deus estreitou. Isso, muito provavelmente, alcançará os aplausos dos homens, mas será para sempre privado da glória que vem de Deus. Sigamos o exemplo de nosso Mestre que nos disse: “Eu não aceito glória que vem dos homens...” (João 5:41); e o exemplo do apóstolo que seguia bem de perto a Jesus, ao afirmar: “pelo contrário, visto que fomos aprovados por Deus, a ponto de nos confiar ele o evangelho, assim falamos, não para que agrademos a homens, e sim a Deus, que prova o

nosso coração” (1 Tessalonicenses 2:4). É por essas e por outras razões, que uma voz deve ecoar, convocando o povo de Deus à lealdade e fidelidade ao Senhor nosso Deus.

Um cristianismo autêntico é baseado em um relacionamento de lealdade e fidelidade para com Deus e o próximo. São boas intenções que vão se transformando ao longo do relacionamento em práticas benéficas e saudáveis à continuidade do relacionamento, que as Escrituras chamam de comunhão.

Quando Deus criou o mundo ele estabeleceu a ordem e a harmonia entre os seres e não seres, ou seja, o homem devia se dar consigo mesmo como semelhante, bem como com as plantas, com os animais, e vice versa! Nesta ordem estava inclusa uma relação de lealdade e fidelidade entre eles. Os homens deviam cuidar das plantas e dos animais e, estes, por sua vez, lhes forneceriam o alimento – o sustento diário para manutenção da harmonia. Mas Deus pensava mais longe, e estabeleceu a primeira associação: “Disse mais o Senhor Deus: Não é bom que o homem esteja só; far-lhe-ei uma auxiliadora que lhe seja idônea” (Gênesis 2:18).

A partir dessa associação homem e mulher, surgiram outras, e muitas outras, as relações pais e filhos; senhor e servo; vizinhos, cidadãos. Depois foram surgindo também as relações entre governo e governados; reis e súditos; progredindo para as relações patrões e empregados, comerciantes e clientes; compradores e fornecedores, e por aí vai.

Sabe qual é o padrão de sustentabilidade de todos esses tipos de relacionamentos? – Lealdade e fidelidade! As relações ficam em pé ou cai, dependendo da presença ou ausência dessas virtudes.

Dizem os mais antigos que a lealdade era confirmada por fio de bigode.... Mais ou menos assim: o comprometedor oferecia como garantia de sua palavra, um fio de seu próprio bigode. E isso quando ainda não existia o exame de DNA – haja lealdade e fidelidade! Como saber que aquele fio era, de fato, do referido bigode? Mas, a Escritura narra um fato interessante, envolvendo um exemplo de fidelidade e lealdade. Trata-se de Boás, que era o segundo resgatador das terras deixadas a Noemi após ficar viúva e voltar à sua terra. Acontece que aquele que resgatasse as terras teria que casar com Ruth, que também era viúva, porém jovem e sem filhos. A lealdade e fidelidade de Boás consiste em que ele não passou à frete do primeiro resgatador, ainda que este não tinha conhecimento do fato de seu direito. Boás demonstra lealdade e fidelidade ao procurá-lo e informá-lo de seu direito. Diante da recusa do primeiro resgatador, Boás, então, na presença de testemunhas, propôs ser o resgatador. Então, para

confirmar a lealdade e fidelidade neste negócio, em vez de um fio de bigode, fez o que era de costume nos negócios em Israel: “Este era, outrora, o costume em Israel, quanto a resgates e permutas: o que queria confirmar qualquer negócio tirava o calçado e o dava ao seu parceiro; assim se confirmava negócio em Israel” (Rute 4:7). E Boás fechou o “negocio” mais importante da história, pois desse ato de lealdade e fidelidade originaria o grande e maravilhoso fato, que estabeleceria de uma vez por todas a lealdade e a fidelidade, não somente entre as pessoas como partes de um mesmo corpo, mas também selaria a relação de lealdade e fidelidade do homem com Deus! Estou falando do Grande Descendente de Boás – o Senhor Jesus Cristo, que é o supremo padrão de lealdade e de fidelidade – a quem devemos seguir e aprender dele e com ele a sermos leais e fiéis.

Mas a proposta do cristianismo autêntico, que é a proposta do quarto estágio é de verdadeira batalha contra o secularismo e o sincretismo religioso como prova de lealdade e fidelidade ao Senhor nosso Deus. É exatamente assim que funciona a nossa comunhão com Deus: Um relacionamento comparado a uma corrente. A quebra de um simples elo, pode causar sérios danos à relação. Por isso, Deus salva os eleitos a partir de uma aliança. Alianças na Bíblia servem para selar compromissos e representam a lealdade e a fidelidade. Além disso, Deus, quando quis firmar a sua fidelidade colocou um arco nos céus; quando quis fazer seguro o povo de Israel acerca de sua fidelidade e lealdade desafiava-os quanto à existência permanente de suas obras; por exemplo, ele dizia-lhes que se fosse possível cessar as estações do ano, então falhariam também as suas promessas⁶⁶.

2.6. Dois fatores críticos na proposição dos estádios Kierkegaardianos

A partir de um intercâmbio com Agostinho surge uma crítica na proposição Kierkegaardiana dos estádios no caminho da vida. Trata-se de uma contradição no conceito de “trânsito entre os estádios e outra no conceito de subjetividade. Para Kierkegaard, o indivíduo dado ao estilo de vida estética vive na iminência de dar o salto para a vida ética e daí para o estágio religioso, ou transitar de um para o outro em ambas as direções de modo que, mesmo tendo alcançado o estágio religioso ele, por sua própria conta e risco, pode escolher o caminho de volta, para o estágio ético, e deste para o estético, mercê do livre-arbítrio de cada indivíduo, a partir do conceito de existencialismo, segundo o qual cada indivíduo faz as suas próprias escolhas, sem qualquer determinação, venha de onde vier. E que, portanto, ele é o único

⁶⁶ Confirmado a aliança...

responsável pelas escolhas que faz⁶⁷. A crítica neste ponto, a partir de Agostinho é que esta proposição é falha, ou incompleta; visto que o pensamento Kierkegaardiano não contempla um axioma, cujo teor afirma o governo de Deus sobre a história humana, quer no âmbito individual, quer no coletivo.

Agostinho escreveu duas obras, em diferentes estádios de sua vida, ou seja, a primeira, como ele próprio afirma, “antes de ser ordenado”⁶⁸, o que parece se tratar de sua primeira obra *De Libero Arbitrio*. A segunda, no final de sua vida, quando escreveu a sua última obra com o propósito de efetuar uma revisão de todas as cerca de duzentas e trinta e duas obras escritas ao longo de sua longa vida, cujo título é *As Retratações*. Após esta revisão ele precisou responder a uma carta enviada a ele por dois amigos acerca das dúvidas que ainda assolavam o povo. Então Agostinho resolve responder às questões, por meio de mais uma de suas obras; talvez a última, intitulada *A Predestinação dos Santos*.

A crítica importante a ser destacada na divergência entre a teoria dos estádios e o pensamento de Agostinho acerca da “escolha humana” é exatamente que Agostinho não pensava dessa maneira Kierkegaardiana, quando se contrapõe essas duas obras, onde se constata uma mudança considerada não apenas factual, mas também radical no pensamento de Agostinho acerca desses dois temas mutuamente excludentes. Pois os conceitos de livre-arbítrio e predestinação são em si mesmos, absolutamente distintos. Ou seja, livre arbítrio refere-se à soberania da vontade humana, principalmente no que tange à escolha de seu próprio caminho em relação a fazer o bem e não o mal; obedecer ou desobedecer; e a capacidade de escolher crer ou continuar descrente, etc. A questão que Agostinho coloca é que essa ideia contradiz o conceito de graça, de acordo com as Escrituras. Segundo Agostinho, Deus ordena e, ao mesmo tempo dá a graça para que se faça o que ele ordena. Isso era exatamente o que provocava Pelágio; pois ele dizia, ao ler estas coisas nas *Confissões* se tratar da “negação e violação da bondade, da liberdade e da responsabilidade humanas”⁶⁹.

Um olhar para sua trajetória filosófica e teológica, pode-se deparar concretamente, que essa mudança foi resultado do que ele percebeu nos ensinamentos do apóstolo Paulo, como o

⁶⁷ Este é exatamente o conceito de “existencialismo”, seguido pelas correntes filosóficas ditas *existencialistas*.

⁶⁸ *A Predestinação dos Santos*, 3,7.

⁶⁹ Jonh Piper, Ed. Fiel – Voltemos ao Evangelho.

primeiro⁷⁰ a elaborar o sistema que veio a ser conhecido depois como “as doutrinas da graça”⁷¹ Sendo que Paulo a recebeu por revelação e Agostinho, seguindo-o, por inquirição, ou seja, por pesquisar as Escrituras. Mesmo porque em sua teoria do conhecimento Agostinho conseguiu esclarecer, por meio do significado do tempo em sua relação entre o Criador e suas criaturas, explicar que Deus está fora do tempo, porque é eterno; mas criou o tempo apenas pensando no entendimento humano do seu ser interior – de acordo com a maior parte de suas obras, Agostinho pretende que seus leitores se conheçam a si mesmos no íntimo, a Deus e ao Seu Verbo, Criador de todas as coisas, pois para ele, a verdade está dentro do homem e o conhecimento procede do interior de cada um. Por isso aplicou a questão do tempo às experiências relacionadas a fé no fato de que somos criaturas de Deus e que para nós se torna muito difícil medir o tempo, tanto no que diz respeito à sua extensão quanto acerca de sua dimensão. Nesse sentido, Agostinho conclui ser o tempo apenas uma distensão da alma, percebida pelos movimentos do corpo; e, portanto, estritamente dependente da graça para o guiar em suas decisões. Desse ponto de vista, a teoria dos estádios promove uma pequena incoerência – o homem, de acordo com Agostinho, não escolhe em que estágio ele deve permanecer ou desistir de permanecer. Pois, querer transitar entre os dois primeiros estádios, estético e ético trata-se de uma prerrogativa da natureza humana; mas a decisão do “salto” para o estágio religioso é uma prerrogativa de Deus; daí, e somente a partir dessa assertiva há coerência na crítica de Kierkegaard à religiosidade dinamarquesa.

Em corroboração desta crítica, convém uma discussão mais alongada do ponto de vista agostiniano acerca do Livre-arbítrio a propósito de uma melhor compreensão da doutrina do quarto estágio Kierkegaardiana:

Agostinho, como todos os filósofos de todos os tempos demonstrou suas inquietações e seriedade na busca pelo conhecimento e pelos fundamentos das coisas; mas Agostinho foi além, ele buscava desesperadamente, a verdade. Foi, exatamente esse amor (amor para além da tão aclamada *philia*, o amor que Agostinho devotava à verdade transcendia de Deus para o interior de sua alma, por isso é mais forte e mais intenso do que uma mera paixão natural pela *Sofia*), pela verdade, que o tornou um dos maiores polêmicos e controversos filósofo que o mundo conheceu. Essa característica fez com que a controvérsia em torno das doutrinas da graça e da

⁷⁰ A afirmar que Paulo foi primeiro, deve destacar que, antes dele houve um profeta do Antigo Testamento, que afirmou que “O justo viverá pela fé” (Habacuque 2:4); e no Novo Testamento, o próprio Senhor, que afirmou: “Sem mim, nada podeis fazer” – uma alusão à graça, pela qual o homem pode ser salvo e frutificar nessa salvação.

⁷¹ Cânones teológicos definidos no Sínodo de Dordrecht em Assembleia que se estendeu nos anos 1618 e 1619.

predestinação de Agostinho se estendesse mesmo antes de sua morte, durante toda a Idade Média, no período pós-Reforma e até nossos dias. Polêmica que sempre girou em torno da extensão do livre arbítrio, a função da graça na conversão, regeneração do homem e o sentido da predestinação.

A graça em Agostinho era uma questão sobre a qual Pelágio, monge britânico que viveu em Roma nos dias de Agostinho, discutia ferrenhamente. Pelágio ensinava que embora a graça possa facilitar a conquista da justiça, não é necessária para que isso ocorra; e rejeitava a doutrina do pecado original, acreditando que a natureza humana fosse boa o suficiente para fazer tudo que lhe fosse ordenado, independente da graça. Por isso não podia compreender a mudança de pensamento de Agostinho, conforme relatado nas *Confissões*: “Dê-me graça [Ó Senhor] para fazer o que ordenas, e ordena-me a fazer o que tu queres! Ó santo Deus quando teus mandamentos são obedecidos, é do Senhor que recebemos o poder de obedecer-los” (*Confissões* X, 29).

Além disso, Pelágio concebia essa descoberta de Agostinho como uma violação da liberdade e da responsabilidade humanas; de acordo com sua maneira de ver as coisas, se Deus ordena e ele mesmo o executa o que ordena, então somos incapazes de obedecer-lo; portanto, não somos responsáveis, e a lei moral é nula.

Entretanto, Agostinho se mantinha firme em sua mudança de pensamento, pois afinal, que proveito o pensamento acerca da liberdade à parte da graça lhe tinha proporcionado, senão somente escravidão e dor? Na busca pela explicação acerca da origem do mal em fontes inadequadas só lhe fazia afundar mais na corrupção da natureza humana e o desespero era o seu quinhão enquanto durou sua posição no livre arbítrio, como escreve, ele mesmo:

Durante todos estes anos [de rebelião], onde estava meu livre arbítrio? Qual era o lugar obscuro e secreto onde ele estava e do qual foi convocado num instante a fim de que me inclinasse ao teu jugo suave? Quão doce foi para eu estar liberto subitamente destes prazeres infrutíferos que um dia temia perder! Tu os afastaste de mim, tu que és a alegria soberana e verdadeira. Tu os afastavas de mim e tomavas seu lugar, tu que és mais doce que qualquer prazer, embora não o seja para a carne e o sangue, tu que excedes em brilho toda luz, não obstante mais oculto que qualquer segredo nos nossos corações, tu que sobrepujas qualquer honra, embora não o seja assim aos que se exaltam a si mesmos (...) O Senhor, meu Deus, minha Luz, minha Riqueza, e minha Salvação (*Confissões*, Livro IX, 1).

Certo é que a extensão do livre arbítrio, o papel da graça na conversão e regeneração do homem e o significado da predestinação continuam sendo alvo de constantes controvérsias nos dias atuais. Com efeito, as controvérsias em torno de assuntos teológicos tiveram seus períodos

específicos. Por exemplo, nos três primeiros séculos da era cristã o assunto mais discutido era a deidade de Cristo, ou seja, se Jesus era simplesmente um homem, um profeta como os demais; ou se ele era 50% Deus e 50% homem; ou ainda, se ele era 100% Deus e 100% homem – Deus, Filho.⁷² Após a Idade média, principalmente, com o advento do iluminismo, a discussão era a *soteriológica*, isto é, o homem constrói sua própria salvação, a partir de méritos conquistados por obras e penitências; ou esta é totalmente um dom de Deus, independente de méritos humanos, etc.⁷³ Mas, a questão da contraposição entre livre arbítrio e predestinação é discutida até hoje, em pleno século 21.

2.6.1. A noção de livre arbítrio

Em sua argumentação em defesa da predestinação em detrimento de seu antigo pensamento, Agostinho considera o livre arbítrio como sendo a má interpretação emprestada pelos seus oponentes, segundo os quais, os novos escritos de Agostinho só serviam para “provar que podemos adquirir o dom da fé por nós mesmos [...] por nossa iniciativa” (*A Predestinação dos Santos*, 2, 3), ou seja, por meio do livre arbítrio. Dessa forma, o conceito de livre arbítrio, para Agostinho (no início de sua carreira) equivale “a primeiramente oferecer a Deus o começo de nossa fé para receber o acréscimo e qualquer outra coisa que lhe peçamos em nossa fé”. (*A Predestinação dos Santos*, 2, 3). Nessa argumentação, Agostinho parece querer afirmar ser o livre-arbítrio uma espécie de soberania do homem, pela qual ele toma suas próprias decisões e, “resolve incluir (inserir) Deus, dando-lhe o privilégio de continuar o que o homem deu início, por iniciativa própria” (*A Predestinação dos Santos*, 2, 3).

De acordo com o antigo pensamento de Agostinho, livre arbítrio é o poder ou capacidade de governar a própria vida e o destino, à parte de qualquer determinação, venha de onde vier, inclusive de Deus. Ou como diz Vicente:

Os homens são capazes de escolher entre alternativas que podem merecer algum qualitativo moral, ou seja, o caráter voluntário de uma ação depende do conhecimento que o agente tem do princípio interno que a faz acontecer, isto é, o princípio motor das ações humanas (VICENTE, p. 72)

Assim, o livre arbítrio é incompatível com a graça, pois, em seu entendimento de passagens das Escrituras, onde Paulo apóstolo, ao se referir ao nascimento de Jacó e Esaú, em que um foi aceito e o outro rejeitado, muitos, inclusive Agostinho, trabalharam em defesa do

⁷² Agostinho discute esse tema em sua obra, *A Trindade*.

⁷³ Esse tema foi largamente discutido pelos reformadores, a partir de Wiclif, que foi lançado vivo na fogueira, porque reivindicou a salvação somente pela fé, sendo esta um dom da graça de Deus.

livre arbítrio; mas no tocante a Agostinho, a continuidade de suas pesquisas e a extrema dependência da iluminação divina, fez com que a graça triunfasse sobre o livre arbítrio. Agostinho, pois, declara que “na solução desta questão trabalhou-se pelo triunfo do livre-arbítrio, mas a graça venceu” e, ainda destaca que isso serve “para refrear o orgulho” (*A Predestinação dos Santos*, 4, 8). Citando o apóstolo: “o que possuis que não tendes recebido”,⁷⁴ Agostinho, pois, afirma que isso “não permite a nenhum fiel dizer: “Tenho a fé que não recebi”. Assim, citando Cipriano, o Mártir ele afirma:

O que o mártir Cipriano pretendia demonstrar, define-o cabalmente com este título: “Em nada nos devemos gloriar, porque nada é nosso” (Retratações I, c.1, n. 1). Eis a razão pela qual disse acima que me havia convencido desta questão principalmente por este testemunho apostólico, quando sobre ela pensava de modo diferente. Deus me inspirou a solução, quando, conforme disse, escrevia ao bispo Simpliciano. Portanto, este testemunho do Apóstolo, onde ele disse para se refrear o orgulho humano: O que possuis que não tendes recebido, não permite a nenhum fiel dizer: “Tenho a fé que não recebi”. Toda tentativa de soberba fica assim reprimida com as palavras desta resposta. Mas o seguinte se pode dizer: “Ainda que não tenha a fé perfeita, tenho, contudo, seu começo, pela qual primeiramente acreditei em Cristo”. Isso porque então não se pode responder: O que possuis que não recebeste? E, se o recebeste, por que haverias de te ensoberbecer como se não o tivesses recebido? (1Cor 4,7). (*A Predestinação dos Santos*, p. 18).

Essa maneira de pensar, diz Agostinho, foi antes das revisões, quando ele mantinha um conceito de livre arbítrio, no mínimo questionável em confronto com o conceito de graça. Mas ele apresenta uma novidade em uma de suas últimas obras:

Finalmente, ao fazer a revisão de todas as minhas obras e ao consignar por escrito esta revisão, de cuja obra já terminara dois livros antes que tivesse recebido vossos escritos mais extensos, e tendo chegado à revisão do referido livro no primeiro volume, assim me expressei: “E discutindo também sobre o que Deus elegeu no não ainda nascido, ao qual disse que serviria o maior, e o que reprovou no mesmo mais idoso também ainda não nascido — aos quais, embora escrito muito mais tarde, faz referência o testemunho profético: Amei Jacó e aborreci Esaú (Romanos 9,13; Mt 1,3) —, cheguei a este raciocínio e disse: “Deus não elegeu na sua presciência as obras de cada um, que ele mesmo haveria de realizar, mas elegeu a fé conforme à mesma presciência, de modo que, conhecendo previamente o que nele havia de crer, escolheu-o para dar-lhe o Espírito Santo, e assim pela prática das boas obras, obtivesse também a vida eterna. (*A Predestinação dos Santos*, p. 12, 13)

Isso ocorreu, afirma ainda Agostinho, por que “Ainda não pesquisara com toda diligência, nem ainda descobrira o que fosse a eleição da graça” (*A Predestinação dos Santos*, 3,7). Portanto, o conceito agostiniano de livre arbítrio foi posto sem a devida pesquisa das Escrituras. Por isso, não é de admirar que após as revisões de seus escritos ele se achou no dever

⁷⁴ 1 Coríntios 4:7.

de consciência de mudar suas concepções no tocante à liberdade humana, não diante dos homens, mas diante de Deus, agora sob a luz das Escrituras.

Enquanto chegava a essa conclusão, Agostinho persistia defendendo o conceito de livre arbítrio como sendo uma habilidade natural do homem de fazer suas próprias escolhas, sem qualquer interferência ou determinação. Mas em *O Livre Arbítrio*, uma das dúvidas de Evódio, em seu diálogo com Agostinho, enquanto discutiam acerca da presciência divina era exatamente acerca da possibilidade, ainda que remota, de uma determinação divina: “Como, pois, pode existir uma vontade livre onde há uma necessidade do inevitável?” (*O Livre Arbítrio*, III, 3, 4). Trata-se de uma objeção à eficácia do livre arbítrio, uma vez que sempre o que Deus prevê, também deve acontecer. Então como pode a doutrina do livre arbítrio se sustentar? Pois, Evódio tinha dúvida se “pelo fato de Deus conhecer antecipadamente todas as coisas futuras, não venhamos nós a pecar, sem que isso seja necessariamente?” (*O Livre-Arbítrio*, III, 2, 4). Mas Agostinho refuta tal possibilidade, explicando de modo bem claro que isso seria impossível, do ponto de vista da existência e da bondade de Deus, uma vez que não se trata de uma determinação de Deus, mas de Sua Providência, e esta não anula a vontade livre.

No próximo capítulo de *O Livre Arbítrio*, Agostinho, na ânsia de explicar racionalmente a existência de Deus, bem como sua Presciência e Providência, além de esclarecer a dúvida de Evódio, retoma o antinomismo, ao explicar que as duas coisas andam paralelamente, ou seja, são duas verdades não excludentes, nem antagônicas entre si, pois ambas existem em mútua cooperação. Assim, ele afirma que

Com efeito, eis o que é causa de preocupação e admiração: como não admitir contradição e repugnância no fato de Deus, por um lado, prever todos os acontecimentos futuros e, por outro, nós pecarmos por livre vontade e não por necessidade? (*De Libero Arbítrio*, III, 3, 6)

Este questionamento se tão sério na consideração do livre arbítrio como uma mera possibilidade, à luz de outra questão que Evódio não conseguia ignorar ou deixar de pensar a outra possibilidade: a determinação divina. A insistência de Evódio preocupou Agostinho, até que propõe uma rápida solução, explicando que esse questionamento provém de mentes ímpias que, ao invés de admitir a culpa, procuram justificativas. Segundo Agostinho, “estão mais prontos a se desculparem do que a se acusarem de seus pecados” (*O Livre-Arbítrio*, III, 2, 4). Então Agostinho propõe um raciocínio lógico a fim de despertar o pensamento de Evódio, no sentido de admitir a realidade do antimônio entre o livre arbítrio e a Providência de Deus que

prevê o pecado antes mesmo de ser cometido e o fato de que ele será cometido exatamente como Deus previu.

Tu dizes: realmente, se Deus prevê o pecado do homem, este há de pecar necessariamente. Ora, se isso é necessário, não há, portanto, decisão voluntária no pecado, mas sim irrecusável e imutável necessidade. E desse raciocínio, receias precisamente chegarmos a uma das duas seguintes conclusões: ou negar em Deus, impiamente, a presciência de todos os acontecimentos futuros; ou bem, caso não possamos negá-lo, de admitir que pecamos, não voluntária, mas necessariamente (*A Predestinação dos Santos*, III, 3, 6).

Por esse raciocínio, pois, fica claro para Evódio, o antinomismo e, por meio de outros argumentos, utilizando exemplos da própria vida de Evódio, os dois chegam à conclusão de que a despeito da presciência de Deus, o pecado é voluntário.

Prosseguindo com suas dúvidas, Evódio coloca outra questão: qual é o proveito de se ter o livre arbítrio? Foi bom ou ruim, o fato de (como ele acreditava) Deus ter concedido livre arbítrio ao homem, visto que as escolhas humanas tendem sempre para pecar e pergunta a Agostinho:

Mas quanto a esse livre-arbítrio, o qual estamos convencidos de ter o poder de nos levar ao pecado, pergunto-me se aquele que nos criou fez bem de no-lo ter dado. Na verdade, parece-me que não pecaríamos se estivéssemos privados dele, e é para se temer que, nesse caso, Deus mesmo venha a ser considerado o autor de nossas más ações.⁴³ (*Livre Arbítrio*, I, 16,34).

Então Agostinho procura na falta de acuracidade de sua pesquisa, como já confessara anteriormente: “Ainda não pesquisara com toda diligência, nem ainda descobrira o que fosse a eleição da graça, [...]”. (*A Predestinação dos Santos*, 3, 7), amenizar a preocupação, explicando a Evódio que não se trata de ser o livre arbítrio mau, mas de um desvirtuamento por parte do homem, pois

Aqueles bens desejados pelos pecadores não são maus de modo algum. Tampouco é má a vontade livre do homem, a qual, como averiguamos, é preciso ser contada entre os bens médios. Mas o mal consiste na aversão da vontade ao Bem imutável para se converter aos bens transitórios. Por sua vez, essa aversão e essa conversão não sendo forçadas, mas voluntárias, o infortúnio que se segue será um castigo justo e merecido.⁵³ (*Livre Arbítrio*, II, 29, 53).

Em síntese, é assim que Agostinho conceitua o livre arbítrio: como a livre escolha do homem, sem interferência externa, embora esta escolha tenda sempre para o mau, como muitas vezes questiona e lamenta em *Confissões*, conforme segue argumentos abaixo.

2.6.2. A questão da liberdade

Agostinho parece fazer uma leve distinção entre livre arbítrio e liberdade. O problema do mal atrelado ao livre arbítrio jaz na má utilização deste, que para ele é um dom de Deus. Segundo Vicente “O livre arbítrio existia no primeiro homem. É por ele que Adão escolhe a via do mal. Ao agir desse modo, ele perdeu a liberdade de agir bem” (VICENTE, p. 72). Portanto, a verdadeira liberdade é poder escolher o bem; porém não é isso que ocorre, de acordo com a experiência de Agostinho, ao observar a tendência humana para o mal, tanto nele mesmo como em outros. Tendência essa que o fez se alarmar e registrar o alarme em sua obra e, mais uma vez cito as *Confissões*, onde ele pergunta: “Que força é essa que faz com que eu faça, não o bem que eu quero; mas o mal que não quero?” (*Confissões*, III, 1).

2.6.3. O livre arbítrio é incompatível com a bondade de Deus

Essa é, precisamente, a vereda que o conduz às suas inquietações com a liberdade humana – a busca pela verdade acerca da origem do mal, considerando a bondade de Deus. Em sua obra específica, na qual ele manifesta tal preocupação, a questão maior é: Quem é responsável pela existência do mal, uma vez que a bondade de Deus é inquestionável? – Inquietações essas que se percebe ter origem desde o ambiente onde fora criado, bastante transparente em suas obras, especialmente, nas *Confissões* e no *Livre Arbítrio*. A própria biografia de Agostinho demonstra essa inquietação. Pois ele vivenciou a fragilidade de se acreditar na doutrina do livre-arbítrio, quando em suas *Confissões* reconhece que simplesmente obedeceu à sua natureza em suas paixões ao relatar um incidente da infância:

Havia próximo à nossa vinha, uma pereira carregada de frutas nada sedutora, nem pela beleza, nem pelo sabor. Alta noite, pois tínhamos o perverso costume de prolongarmos nas eiras os jogos até essas horas, eu com alguns jovens malvados fomos sacudi-las para lhe roubarmos os frutos. Tiramos grande quantidade, não para nos baquetearmos, se bem que tenhamos provados alguns, mas para lançarmos aos porcos (*Confissões*, II, 2, 4).

Assim como se entregara a essa mesma fragilidade, quando em 370, pode viajar para Cartago. Em Cartago, ele pretende fazer os estudos superiores; mas a cidade lhe oferece mais do que estudos – oportunidades para as orgias e diversões pecaminosas; um prato cheio para um jovem, cuja concupiscência estava à flor da pele. Aí Agostinho se extravasa nos apetites e prazeres carnavais, não obstante os princípios cristãos vistos e apreendidos durante a infância; o que vai demonstrando-lhe, gradativamente, que ética e moralidade à parte da graça de Deus não

florescem, nem frutifica. Isso Agostinho só descobre após sua imersão nas doutrinas da graça, representada pela predestinação, como uma espécie de “carro-chefe” das outras operações da graça, que coloca o ser humano de volta à sua relação com o Criador – posição perdida no Éden, por meio da queda. O pecado original é um tema largamente aprofundado e aceito por Agostinho, mas, severamente rejeitado por Pelágio. Esse é precisamente o alvo da polêmica entre os dois.

Esta descoberta fez com que Agostinho, após sua conversão, lamentasse os fatos vividos em Cartago. Fatos que o intrigavam e sempre o fazia retomar a questão da aptidão humana para o mal. Desse modo, ele relata sua experiência, quando de sua estada em Cartago, a partir dos 16 anos para continuar os estudos:

De todos os lados ferviam criminosos amores. Ainda não amava e já gostava de amar. Impelido por uma necessidade secreta. [...] Era para mim mais doce amar e ser amado, se podia gozar do corpo da pessoa amada. Desse modo, manchava com torpe concupiscência, aquela fonte de amizade. Embaciava a sua pureza com o fumo infernal da luxúria. (*Confissões* p. III, 1, 1).

Em sua própria pele, Agostinho conhecia o que é a submissão involuntária ao mal que lhe atormentava, sem que enxergasse uma saída qualquer para se libertar. Somente quando, após incessantes lutas para escapar de suas paixões e, tendo evocado o academicismo como válvula de escape, sem sucesso até que, em meio a sucessivos fracassos, ele inicia uma nova busca para solução – as Escrituras. Mas logo a abandona, por achá-la por demais simplórias, segundo os padrões da lógica e da retórica, objetos de sua especialidade, pois tal era o domínio que possuía dessas ciências. Perspicácia e disposição mental e física (apesar de não desfrutar de boa saúde), que resultou em sua transferência para Roma a convite do imperador⁷⁵ para ministrar aulas, ocupando a cadeira de retórica na capital do império. O que levou um admirador a escrever:

De todas as formas de inteligências que deve atribuir a um homem, nenhuma lhe faltou; possuiu todas, inclusive aquelas que o tornavam um homem contraditório. Em tudo foi radical, viveu profundamente os erros e acertos, não houve qualquer problema abstrato que o desanimasse. Entregou-se de corpo e alma, tanto a questões práticas, como às mais minuciosas necessidades de erudição. Não há assunto ou problema de sua época que não abordasse, sem lhe dar uma nova forma, sem marcar com o seu selo, sem obrigar a todo aquele que quisesse discuti-lo depois dele, a pelo menos, levar em consideração o seu comentário. Era um dialético temível, disposto a enfrentar todo aquele que o desafiasse, ou a desafiar os adversários (PECORRARO, p. 107).

⁷⁵ Conforme relatado em *Confissões*, V, I, 8.

Inteligência essa registrada em sua extensa obra, chegando a constatar, ele próprio, por ocasião das revisões que levou a efeito e escritas em dois volumes que chamou de *As Retratações*, que somavam 232 livros, sem contar os sermões, as cartas e os pequenos tratados. Dentre suas obras, as principais e mais conhecidas, traduzidas para diversos idiomas, são *As Confissões*, *O Livre Arbítrio*, *O Mestre*, *A Cidade de Deus* e, o mais recentemente, traduzido para o português brasileiro, *A Predestinação dos Santos*, obra em consideração neste trabalho.

Em todas essas obras, a preocupação parece ser a mesma – como reatar o relacionamento (*relegare*) com Deus, a partir da compreensão gradativa do problema da maldade humana em correlação com o livre arbítrio.

2.6.4. O problema da origem do mal

O episódio do roubo de peras, as experiências em Cartago, somados a outras lembranças amargas levaram Agostinho a inquietar-se com o problema do mal. Por isso ele diz a Evódio: “Ah! Suscitas precisamente uma questão que me atormentou por demais, desde quando era ainda muito jovem” (*O Livre Arbítrio*, I, 2, 4). Ele se preocupou com as razões que levaram a algumas pessoas realizar tamanhas atrocidades – essas inquietações o levaram a escrever sua obra *De Libero Arbítrio* (*O Livre Arbítrio*), onde a questão mais discutida entre Agostinho e Evódio gira em torno das causas que impelem o ser humano a preferir o mal ao bem como atividades bem mais frequentes em sua tão breve passagem por este mundo e acerca da liberdade humana que parece a Evódio ser origem e causa de todo o mal. Essas questões são amplamente discutidas ao longo do livro com o seu amigo Evódio⁷⁶ Respeitando o próprio formato da obra *O Livre Arbítrio*, que consiste de uma discussão com Evódio, no intuito de esclarecer isso que lhe tanto o perturbava desde o convívio com a sua piedosa mãe. Agora após sua conversão, porém, antes de ser ordenado bispo, de acordo com o que ele escreve em *A Predestinação dos Santos* ao confessar os erros cometidos nessa época. Erros que ele repara, nas revisões de suas obras, catalogadas nos livros das *Retratações*: “Alguns escritos de minha lavra, escritos antes de ser ordenando bispo, revelam com clareza este erro”, dizia ele aos amigos Próspero e Hilário; “Entre eles está o mencionado em vossas cartas, onde se encontra o comentário sobre algumas proposições da Carta aos Romanos” (*A Predestinação dos Santos*, p.12).

⁷⁶ Este é, geralmente, o formato das obras de Agostinho, o diálogo.

Por isso, no diálogo, Evódio questiona os benefícios de Deus ter dado ao homem o livre arbítrio. A dúvida de Evódio é esse dom de Deus foi para o bem ou para o mal, visto que, o ser humano em geral entre seus objetos de escolhas, acabam por escolher, quase sempre, o mal. Isso aconteceu desde Adão.

2.6.5. Os equívocos Antes das Retratações

É muito claro nesta resposta à carta de Próspero e Hilário que Agostinho se refere ao principal dos equívocos de sua juventude, antes da ordenação – muito provavelmente, a defesa do livre-arbítrio. A partir de suas inquietações Agostinho reconhece seus equívocos. Nas *Retratações*, ou melhor, na obra em que ele recapitula algumas de suas postulações daquela obra, composta de dois volumes – os dois livros, onde ele registrou as revisões:

Assim tomais conhecimento sobre o que eu pensava então sobre a fé e as obras, embora me esforçasse em prestigiar a graça de Deus. Vejo agora que esses nossos irmãos abraçam esta opinião porque não cuidaram de progredir comigo do mesmo modo que se interessaram em ler os meus livros. Pois, se tivessem tido esta preocupação, teriam encontrado resolvida esta questão de acordo com a verdade das divinas Escrituras no primeiro dos dois livros que, no começo de meu episcopado, escrevi a Simpliciano, de feliz memória, bispo da Igreja de Milão, sucessor do bem-aventurado Ambrósio. A não ser que não os conheceram e, se assim for, faizei com que os conheçam (*A Predestinação dos Santos*, 4, 8).

Nesses livros ele escreve com riqueza de detalhes o que ele revisou e quando se deu sua mudança de pensamento:

Deste primeiro dos dois livros falei primeiramente no segundo das *Retratações*, onde me expressei nos seguintes termos: “Dos livros que elaborei, sendo já bispo, que tratam de diversas questões, os dois primeiros são dedicados a Simpliciano, prelado da Igreja de Milão, que sucedeu ao bem-aventurado (*As Predestinação dos Santos*, 4, 8).

Essas conclusões chegaram a Agostinho de suas leituras do mártir Cipriano, o qual chamou à sua atenção para as palavras do apóstolo acerca do perigo de se persistir na defesa de pensamentos que leve ao homem a uma altíssima estima de si mesmo, principalmente, diante de Deus. Então ele cita Cipriano, citando Paulo, lembrando os livros das *Retratações*: “O que o mártir Cipriano pretendia demonstrar, define-o cabalmente com este título: ‘Em nada nos devemos gloriar, porque nada é nosso’” (*Retratações* 1, c.1, n. 1, in *Predestinação dos Santos*, p. 17).

Agostinho admite que o equívoco fora corrigido devido ao alerta obtido dessa passagem da Escritura, onde o apóstolo, segundo Agostinho, elimina a presunção, que ele também chama de “orgulho”, “soberba” ao dizer:

Portanto, este testemunho do Apóstolo, onde ele disse para se refrear o orgulho humano: O que possuis que não tenhas recebido, não permite a nenhum fiel dizer: “Tenho a fê que não recebi”. Toda tentativa de soberba fica assim reprimida com as palavras desta resposta (*A Predestinação dos Santos*, 4, 8).

Dessa forma, parecem ficar claras as razões que levaram Agostinho, no início de sua carreira como teólogo e filósofo, a postular a liberdade humana sob o título de livre arbítrio; mas sentindo, no final de sua vida, a necessidade de efetuar uma revisão a fim de corrigir alguns pensamentos escritos no início de sua carreira como escritor, escreveu *As Retratações*. Isso é naturalmente aceito, pois também muitos outros, por meio de pesquisa e da experiência, com o passar do tempo tiveram que revisar e corrigir seus primeiros pensamentos. Por exemplo, quantas vezes não ouvimos referências ao “jovem Nietzsche”; ao “jovem Marx”, etc. Assim, Agostinho teve felicidade (do ponto de vista das Escrituras) de poder reformular sua concepção sobre o livre arbítrio, transmutando-a radicalmente para a predestinação.

2.6.6. A quem é atribuída a existência do mal – a Deus ou ao homem?

A partir desta constatação, de que o primeiro pensamento de Agostinho tem sua fonte na questão: de quem é a responsabilidade pela existência do mal, especialmente, o mal latente no homem, e pela leitura de obras como *Confissões*, *Livre arbítrio* e *A Predestinação dos Santos*, é possível compreender que o conceito de livre arbítrio refere-se a essa discussão, devido a dois fatores presentes no caráter de Agostinho, quais sejam, o grande temor de Deus que ele abrigava em seu peito, que, por sua vez o fazia temer incorrer em blasfêmia, se afirmasse ser Deus a origem do mal; o outro fator era sua incipiência; afinal ele estava apenas começando a carreira cristã, então, vamos considerar que, ao postular a possibilidade do livre arbítrio, Agostinho ainda era, teologicamente, um “neófito”, ou seja, imaturo na pesquisa teológica, como ele afirma: “Ainda não pesquisara com toda diligência” (*Predestinação dos Santos*, 3, 7). Por isso em sua obra *O Livre Arbítrio*, ele inicia o diálogo demonstrando a Evódio essa preocupação pedindo-lhe que dissesse se Deus seria o autor do mal (*O Livre Arbítrio*, I, 1).

Portanto, é nesse contexto que ele formula os princípios, sobre os quais se sustenta o livre-arbítrio. Nesse sentido, somos a levados entender o conceito agostiniano de livre arbítrio, como sendo a explicação para o problema do mal – o homem, no uso de sua liberdade outorgada por Deus decide o caminho a seguir: o mal, ou o bem. Porém, o próprio Agostinho não entendeu a causa da propensão humana para o mal, ao escrever: “Que força é essa que faz com que eu faça, não o bem que eu quero; mas o mal que não quero?” (*O Livre Arbítrio*, III, 1). Ele mesmo não entendia que liberdade é essa que está sujeita a esta propensão. Reitero, segundo o meu

entender que, o livre arbítrio agostiniano passa pela culpa da existência do mal e a tentativa de atribuir ao homem e não a Deus, a existência do mal, principalmente, considerando que as Escrituras afirmam que Deus é absolutamente bom.

Em suma, para Agostinho, livre arbítrio é a capacidade que o homem tem de escolher entre o bem e o mal. Conceito que foi estendido ou ampliado com Erasmo de Roterdã e outros filósofos pós-agostinianos, para decisões acerca do destino e das escolhas humanas. Entretanto, para Agostinho as escolhas são importantes porque trazem consequências eternas e ele temia e exortava seus ouvintes/leitores a temer o futuro na eternidade.

2.7. O Ideal é o Cristianismo Autêntico - o Quarto Estádio

O ponto de partida dessa questão é uma hipótese relacionada a experiência do próprio Kierkegaard, a partir das revelações feitas por ele mesmo. Ele manifestou uma vida extremamente conturbada, de constantes vai-e-vem fazendo jus à filosofia dos estádios proposta e exaustivamente defendida e explicada em quase todos os seus escritos. Sem levar em conta o passado⁷⁷. Esse período não pode ser considerado. Primeiro, porque Deus já declarou que não considera, como afirma o apóstolo Paulo, por ocasião de sua pregação aos filósofos epicureus e estoico, no areópago de Atenas: “Ora, não levou Deus em conta os tempos da ignorância; agora, porém, notifica aos homens que todos, em toda parte, se arrependam” (Atos 17:30). E, em segundo lugar, porque, apesar da responsabilidade, mesmo em face de a ignorância ter peso de julgamento, especialmente com relação aos que um dia terão, pela Providência, contato com a revelação, como foi o caso concreto da família Kierkegaard, tudo passa a valer a partir desse novo relacionamento do indivíduo com Deus, a partir de seus contatos com a mensagem do Evangelho nas Escrituras.

A partir do primeiro contato com a mensagem das Escrituras, o indivíduo assume os riscos de suas irresponsabilidades. Ou seja, agora ele sabe. E ao saber, ele deve agir com base no que agora sabe, como disse Jesus: “Ora, se sabeis estas coisas, bem-aventurados sois se as praticardes” (João 13:17). Nesse sentido, é que a necessidade de um quarto estágio Kierkegaardiano se faz necessário. Aqui, o questionamento começa a partir da própria vida de Kierkegaard. A longa estrada que ele próprio teve de trilhar até chegar ao desfrute do cristianismo autêntico e propor, ao que transparece, involuntariamente o quarto estágio

⁷⁷ Quando seu pai, dada as circunstâncias blasfemara contra Deus, por conta da vida dura em que vivia como empregado de uma fazenda, na qual era sujeito à dura pena de ter de cuidar de ovelhas embaixo de sol escaldante, e sem nenhuma perspectiva de progresso.

esclarece tudo. Como já se fez lembrar acima, Kierkegaard teve uma vida extremamente conturbada a despeito de seu contato com a mensagem do Evangelho nas Escrituras; suas experiências a partir da desistência do curso de teologia e sua troca de uma vida cristã por uma vida boêmia, características do romantismo literário, época coincidente com o período vivido por ele, a cujas características ele se entregou, ainda que provisoriamente, fazendo com que ele desistisse da possibilidade do ministério pastoral. Com efeito, ele passou por três desistências cruciais a uma vida cristã autêntica, como ele criticava a ausência no seio da religiosidade operante na Dinamarca e que incessantemente propunha como substituição ao que ele chamava “cristandade”, contrastando sempre com o também chamado por ele próprio de “cristianismo autêntico”, destacando: primeiro ele desiste do curso de teologia, fugindo das responsabilidades diante de Deus e dos homens, que o conhecimento teológico requer; depois, desistiu do noivado, por não desejar encarar as responsabilidades impostas pela vida ética requerida pelo casamento; por último, desiste do ministério, também fugindo das responsabilidades requeridas de um pastor. Aí, quando não havia mais nada do qual desistir, Deus abre-lhe os olhos para ver a necessidade de sua própria alma e dos religiosos de sua época. A começar dos líderes da igreja⁷⁸ esses religiosos que, segundo a visão que Kierkegaard tinha das Escrituras e do testemunho dos Apóstolos, patriarcas e profetas, precisava de uma reforma. Nesse caso, Kierkegaard propõe não apenas um quarto estágio, mas uma segunda Reforma no seio da igreja protestante da época.

Mas tornar-se cristãos, tinha de carregar o sentido estritamente bíblico da palavra, à qual Kierkegaard acrescenta o adjetivo *autêntico*, para qualificar o ideal de quem se propõe a seguir a Cristo. Na verdade, o termo *cristão* foi utilizado pela primeira vez pela igreja na cidade de Antioquia, na Síria, enquanto a igreja se expandia rapidamente por todas as províncias gregas. No tempo em que foi utilizada pela primeira vez, a palavra significava “pequenos Cristo”, ou seja, réplicas de Cristo – no sentido de que aquele que se propunha a seguir a Cristo, se conscientizava, ao mesmo tempo, de que se tornara um imitador de Cristo, isto é, passava a andar como Cristo andou; a viver como Cristo viveu – era um seguidor de Cristo. A grande decepção de Kierkegaard tinha relação com este conceito de cristão imprimido pelas Escrituras, era que de nenhuma forma era encontrado na vida e prática da cristandade dinamarquesa, como ensinado e vivido pelos líderes da igreja.

⁷⁸ Igreja Luterana.

Para Kierkegaard, era necessário demonstrar por meio de frutos resultantes de um verdadeiro cristianismo, para além da estética e, até mesmo da ética, visto que sem um perfeito relacionamento com Deus. Isso pode bem ser a conclusão natural da ideia de cristianismo autêntico, o quarto estágio.

Os três primeiros estádios proposto por Kierkegaard são na realidade esforço, até mesmo providencial, de realçar a cultura humanista, há muito proposta, discutida e praticada na idade média, e desde a época de Agostinho, cujo principal representante foi o seu conhecido desafeto filosófico – Pelágio, com quem mantinha constantes e acirrados confrontos de ideias no campo das argumentações acerca da natureza humana, em contraposição à graça de Deus. Pelágio defendida que o homem era capaz de produzir justiça à parte da graça, do contrário suas decisões consistiriam em mera ilusão; pois o homem já fora criado com a autodeterminação, o suficiente para agir por conta própria, mesmo que seja pelo método de erros e acertos, além de consciente dos riscos de ter de pagar um alto preço. A isso rebatia Agostinho, sempre evocando a graça como sustentáculo das bem-aventuranças divinamente propostas e colocadas ao alcance...

Capítulo 3 – IDENTIFICAÇÕES QUE CORROBORAM A NECESSIDADE DO QUARTO ESTÁDIO KIERKEGAARDIANO

A porta da felicidade abre só para o exterior; quem a força
em sentido contrário acaba por fechá-la ainda mais.

Soren Kierkegaard

Neste capítulo pretende-se desenvolver identificações buscando fortalecer mais e mais a questão da premente necessidade do Quarto Estádio em todos os períodos da era cristã. Para alcançar esse objetivo, nada melhor do que realçar os pensamentos desses dois homens que, pela Providência Divina, se tornaram relevantes para estabelecer o padrão do cristianismo autêntico, a partir dos ensinamentos de Jesus Cristo e do apóstolo Paulo. Aliás, já foi dito por alguém alhures, se tratando do fundamento da doutrina cristã, que Agostinho aprendeu e repetiu Paulo e, podemos dizer também que Kierkegaard aprendeu com Agostinho, o que o levou ficar intrigado com o modo de vida (cristã) experienciada entre os cristãos dinamarqueses.

3.1. Minha Identificação com Kierkegaard

Várias são as áreas em que me identifico com Kierkegaard. Mas preciso destacar apenas algumas para efeito de justificativa da razão pela qual fui levado à proposição do Quarto Estádio como um progresso dos estádios kierkegaardiano.

3.1.1. No Campo da Religiosidade – Protestante

No campo religioso eu me identifico com Kierkegaard, pelo fato de nossos posicionamentos relacionados com o conteúdo das Sagradas Escrituras. Kierkegaard parece ter levado a sério o que está escrito nas Sagradas Escrituras, tendo pautado todos os seus pensamentos filosóficos nos exemplos e nos legados dos personagens bíblicos. Escreveu sobre Abraão, sobre Lázaro, sobre os apóstolos. Ele tinha o olhar voltado, especialmente, para a transformação realizada por Jesus nas vidas das pessoas que professam a fé cristã.

Acerca de Abraão, ele faz afirmações impactantes, classificando-o como Herói da Fé, pelo fato de ter ido além da ética posta pelo próprio Deus, segundo a qual não se deve matar o semelhante; ou seja, o homem não pode ser morto pelo homem; se bem que ainda não tinha sido dado o Código de Ética (A Lei Moral de Moisés, onde está escrito: “Não matarás”). Para Kierkegaard, todo aquele que se declara cristão deve seguir de perto o modelo de fé verificado

na ação de Abraão, ao demonstrar sua fé na ressurreição de seu filho único, dispondo-se, sem qualquer questionamento, a obedecer à ordem divina, que lhe pediu o seu filho, o filho da promessa, em sacrifício. Como a principal característica de um verdadeiro cristão é a fé sem questionamento, como afirmava Agostinho: “crê para entender, e não entender para crê”. Onde fé sem questionamento, não significa “fé sega”, mas uma atitude de confiança no caráter fiel de Deus que sempre iluminará o coração, o entendimento daquele que manifesta sua fé. Pois, “...sem fé é impossível agradar a Deus, porquanto é necessário que aquele que se aproxima de Deus creia que ele existe e que se torna galardoador dos que o buscam” (Hebreus 11:6).

O problema visualizado por Kierkegaard era que ele não observava essa mesma atitude requerida por Deus, a partir do exemplo de Abraão, o qual tornou-se o pai de todos quantos crê em Jesus. A fé, nos moldes da manifestada por Abraão, de acordo com Kierkegaard, não era encontrada no estilo de vida dos cidadãos dinamarqueses, especialmente, nos líderes da Igreja Luterana, uma igreja estatal, em que os pastores recebiam seus salários provindos do Estado, como funcionários públicos, vivendo, vidas luxuosas e regaladas; diametralmente opostas ao modo de vida de personagens bíblicos como o apóstolo Paulo, por exemplo. As pessoas seguiam o modelo de cristão de seus líderes vivendo esteticamente e estagnado nessa posição até à morte – eles não atendiam ao apelo de Kierkegaard para que dessem o salto para o estádio ético, e deste, para o estádio religioso, ou até mesmo saltassem direto ao Estádio Religioso. Além disso, mesmo saltando alguns dinamarqueses para o Estádio Religioso, Kierkegaard não via qualquer sinal da vida cristã da que fora vivida por Abraão, os profetas e apóstolos e, bem assim, por todos os crentes, tanto do Antigo, como do Novo Testamento. Por isso, ele propõe, no lugar de um mero cristianismo, que ele chamava de cristandade, o que ele chamava de cristianismo autêntico. O que também, nas entrelinhas, ele propunha o Quarto Estádio – um Estádio Excelente, para além de um mero cristianismo apenas nominal, sem nenhum sinal, por menor que fosse, da fé manifestada por Abraão e os outros personagens bíblicos.

Portanto, como já me referi acima, eu me identifico com Kierkegaardiano no que tange à necessidade de uma reforma no cristianismo vivido hoje. Do meu ponto de vista (que considero autêntico – isto é, bíblico) vejo clara a semelhança – o cristianismo está sendo deturpado, distorcido, banalizado e destruído mil vezes mais do que o filósofo de Copenhague observou, criticou e desprezou. Ou seja, o cristianismo hoje é tanto mais desprezível que o dos tempos de Kierkegaard.

É necessário tratar essa questão como um chamado ao povo de Deus à fidelidade e à lealdade ao Senhor nosso Deus nesses dias de intensa pressão pela busca por uma religiosidade sem Deus – definido pelos teólogos como *secularismo*. De acordo com Kierkegaard, esta também era o que carecia o cristianismo dinamarquês; e é a carência do mundo moderno – todos querem pertencer a uma religião; porém nem todos querem buscar a Deus, à maneira instruída por Deus! Se Deus deixasse o povo de Israel seguir deserto a dentro sem nenhuma instrução de como deveria servi-lo, o povo acabaria adorando à maneira egípcia.

3.1.2. No Campo Pessoal – as inquietações

Pessoalmente me identifico, também, com as inquietações de Kierkegaard, mormente com relação às maneiras como os líderes chamados “evangélicos” ostentavam sua cristandade.⁷⁹ Eu também me pergunto aonde vão parar a vulgaridade estabelecida no seio da religiosidade hodierna. A prática religiosa atual mais parece um estado febril constante, em que as pessoas vivem a delirar, como se estivessem participando de um show de rock, onde só há frenesi descontrolado e constante. Impera a ausência de bom senso; a razão deixa de existir. Os participantes são incentivados a manter seus raciocínios engessados. É proibido pensar. É proibido perguntar, principalmente, perguntar o que a Bíblia diz; se essa modalidade de culto agrada a Deus. Tudo é feito esteticamente, com a finalidade de satisfazer a demanda do povo, independentemente de ser bíblico ou agradar a Deus.

Esses estilos de vida religiosa não passam de estilos puramente estetas enfeitados por uma capa colorida de religião. Kierkegaard sofria ao observar esse modo de vida dos religiosos dinamarqueses. Estava sempre exortando acerca da necessidade de mudança para um estilo de vida baseado no que ele chamava de cristianismo autêntico. No entanto, morreu sem realizar esse anseio.

Porém, nesse mister, eu cultivo pensamentos diferentes de Kierkegaard. Eu, embora tenha o mesmo ponto de vista, conservo o meu espírito calmo, pois também eu, desfruto de maior elucidação das Escrituras e, tal como Agostinho, vislumbro o onipotente poder de Deus, que é soberano – tendo escrito o Livro da Vida, onde consta dentre a humanidade, todos aqueles que hão de herdar a vida eterna. Uma vez que a mensagem divina do seu Santo Evangelho esteja sendo entregue por aqueles incumbidos de levá-la a toda a criatura; isto é, toda criatura criada

⁷⁹ Conceito elaborado na época por Kierkegaard para significar o falso cristianismo vivido pelos dinamarqueses. Se declarando religioso, mas vivendo fora dele, de modo esteta.

segundo a imagem e semelhança de Deus – todos os seres humanos. Desde que a mensagem, não seja diluída para agradar aos gregos e aos troianos. Desde que o mensageiro tenha medo apenas do que o Todo-Poderoso lhe possa fazer (...não temerei. Que me pode fazer o homem?). Desde que, por isso, busca servir aos homens com a mensagem de forma íntegra, sem mistura e sem diluição. Dessa forma, o mensageiro não precisa agonizar até à morte, como o fez Kierkegaard. Basta ao pregador o pregar. Os resultados de sua pregação estão nas mãos de Deus. É Ele que, por meio de Seu Espírito convencerá o homem “do pecado, da justiça e do juízo”.⁸⁰ O Espírito Santo se encarrega de iluminar os corações com vista a alcançar a verdadeira salvação de sua alma.

3.1.3. No Campo Filosófico

As questões – As questões filosóficas também intrigavam Kierkegaard. Ele não aceitava certos sistemas filosóficos, como o sistema hegeliano. Kierkegaard era intrigado com a liderança da Igreja exatamente porque o que imperava era o sistema posto por Hegel, segundo o qual a identidade do pensamento (consciência) e do ser, essa identidade é a unidade concreta substancial do mundo. O pensamento absoluto objetivo é a força motriz de todas as coisas e atua como uma ideia absoluta que está se desenvolvendo continuamente. Ou seja, a consciência deveria passar por uma série de desenvolvimentos para superar as contradições percebidas em conceitos que seriam aparentemente opostos; uma interpretação racional da multiplicidade sensível, tentando enxergar no finito o que havia de absoluto. Kierkegaard rejeitou veementemente esse modo de pensar. Segundo ele, esse sistema não coaduna com a fé cristã, visto que, para Kierkegaard a fé cristã atua na subjetividade do indivíduo, e não pode ser reduzida a uma mera racionalidade.

3.1.4. No Campo Teológico

Na teologia, Kierkegaard foi muito incisivo ao questionar o comportamento religioso dos líderes da igreja e do povo dinamarquês. Elaborou o conceito bíblico de fé cristã a partir dos personagens bíblicos. Criticou o modo de vida puramente estético dos cidadãos de Copenhague. Sofreu, exortou, discutiu, questionou. Mas omitiu a posição teológica defendida por Agostinho, não por falta de suficiente luz, pois, à sua época já havia ocorrido a Reforma Protestante, na qual o pensamento agostiniano tinha sido exaustivamente discutido, estabelecendo assim, a doutrina da salvação unicamente pela fé, como resultado da operação

⁸⁰ Evangelho de João, capítulo 16:8 a 11.

da graça de Deus. Uma das fontes de onde beberam os reformadores, era a filosofia agostiniana da soberania de Deus e da predestinação dos santos, pela qual as almas eleitas se tornaram preciosas aos olhos de Deus. Acerca desse pensamento Kierkegaard permitiu uma lacuna em seus escritos.

3.2. Minha Identificação com Agostinho

Eu me identifico com Agostinho. Claro que não tive as mesmas oportunidades que ele teve para cometer algumas das atrocidades que ele cometeu, de acordo com *As Confissões*; não por ausência de paixão ou de concupiscência, mas porque Deus, na Sua infinita misericórdia, talvez sabendo que no meu caso seria mais difícil, mas trabalhoso desvencilhar-me dessas maldades, me resguardou de me enveredar por esses caminhos tortuosos, nos quais trilhou o então estudante universitário de Cartago. Deus fez isso me chamando bem mais cedo que Agostinho, aos dezessete anos. Entretanto, quando criança, na companhia de outras, ao mesmo tempo em que brincávamos, tirávamos tempo para fazer perversidades com as pessoas que passavam na rua ou se divertiam em alguma festa. Em uma destas feitas, nós sujamos um cabo de vassoura com fezes e, fingimos estar brigando. Um casal ia passando e parou para ver; aí dissemos um para o outro: você se diz valente porque está com esse pau. Entregue-o a alguém e verá se sua valentia não acaba. Fingindo-se desafiado, e percebendo o interesse do casal em ver a disputa, entregava-lhe o cabo de vassoura. Quando a pessoa pegava agente arrastava o pau, saía correndo, deixando-os todos sujos e corria, desaparecendo por entre as esquinas das ruas. E isso se repetiram muitas outras vezes. Mas isso é só a ponta do iceberg, pois somente Deus sabe como nos divertíamos praticando muitas outras perversidades, mesmo sendo ainda infantes.

Outra semelhança, diz respeito à mãe piedosa. Assim como Agostinho, eu também tive uma mãe piedosa, que, enquanto ainda católica, matinha um oratório repleto de imagens, que eram seus santos preferidos, que ela pedia para os amigos trazerem das romarias. Ia às missas sempre, e tentava ensinar-nos a rezar. Mas nenhum dos filhos se interessava – ninguém aprendeu nada!

Esclarecida acerca da verdade do Evangelho, manteve a mesma postura piedosa – agora, a verdadeira piedade, pois exercida com inteligência e iluminação divina, por meio das Escrituras. Ensinava-nos, por meio de um expediente denominado pelos cristãos batistas de “Culto Doméstico” simples, em que se lia a Bíblia, cantava e orava – todos os dias. Porém, eu

e os outros irmãos recusávamos seguir os ensinamentos de minha mãe. Até que, um por um foi sendo chamados pelo Senhor e para o seu evangelho santo – fui o último dos oito filhos a chegar a essa fé. Aos dezessete anos ouvi, mediante as diversas pregações, o chamado para a fé e, no dia 14 de abril de 1974 fui plenamente convertido, minha vida passou por uma reviravolta maravilhosa: fui salvo dos meus pecados e, tendo recebido o perdão de Deus, mediante o sacrifício realizado por Cristo, passei a desfrutar da maravilhosa paz e da alegria que há na certeza de morrer e estar com Cristo que, de acordo com o apóstolo Paulo, é “deixar o corpo e habitar com o Senhor” (2 Coríntios 5:8). Foi uma transformação radical. Passei a seguir Jesus Cristo, após receber sua salvação, e a servi-lo como meu Senhor, desde a adolescência até hoje, hoje, aos sessenta e sete anos de idade. Além disso, (vale a pena destacar) como isso se deu aos dezessete anos e, naquela época a idade de dezoito anos era rigorosa – menor de dezoito anos não entravam em certos ambientes para adultos; dessa forma, tendo sido convertido com dezessete anos, foi grande o livramento da Providência Divina, pois fui poupado de muitas modalidades de corrupção que há no mundo a atrair todos os jovens tolos que passam por ali – onde a corrupção de toda espécie fica à espreita, pronta para seduzir os mancebos à catas de aventuras!

Nós sabemos que Agostinho passou pela mesma transformação miraculosa: Ao ser transferido para a cidade de Milão, lá encontra com Ambrósio, um bispo piedoso, que apreciava a filosofia platônica e gostava de fazer correlações da filosofia platônica com a mensagem bíblica, cristã. Essa inserção do platonismo na pregação de Ambrósio fascinou Agostinho, até então professor de retórica e eminente orador; mas também extremamente amante dos prazeres mundanos. Tocado pela pregação de Ambrósio, Agostinho passa a se preocupar mais com sua posição diante de Deus, influenciado como foi desde criança pela sua piedosa mãe, “eu bebia Jesus no leite da minha mãe”, dizia.

Um dia, após estudar as Escrituras com os amigos, em busca de solução para a angústia que sofria pelo peso de seus múltiplos pecados, retirou-se entediado por não ter encontrado a resposta que precisava. Sentado em um dos bancos da praça, ele ouviu uma voz dizer: “pega o livro, pega o livro e lê. Ele que irado por não ter achado a resposta que queria, tinha atirado no chão o Novo Testamento. A voz era das crianças que brincavam ali por perto, mas ele, entendendo que era Deus lhe falando, agachou, é pregou o livro. Tendo aberto ao “aleatoriamente” o livro, deparou com um versículo da Epístola de Paulo aos Romanos, que dizia: “mas revesti-vos do Senhor Jesus Cristo e nada disponhais para a carne no tocante às suas

concupiscências” (Romanos 13:14). Desse modo aconteceu a sua conversão, pela qual, sua vida experimentou uma transformação radical. O resto da sua história culmina em episcopado em Hipona, em substituição ao bispo anterior, Valério.

3.3. Identificação de Kierkegaard com Agostinho

Kierkegaard, como é do conhecimento dos estudiosos de sua filosofia, era agostiniano. Fonte na qual bebia para formular grande parte da sua doutrina. Mas, dada à sua prolixidade, talvez ocupado demais em escrever, como ele próprio determinou não deixar passar nenhum dia sem que escrevesse, pelo menos uma linha, permitiu um hiato acerca de um pensamento teórico-prática do bispo de Hipona. Quais pensamentos seriam estes do hiato Kierkegaardiano? São os pensamentos acerca da soberania divina, pela qual Agostinho estabelece a suplantação da doutrina do livre arbítrio pela predestinação.

Na verdade, o filósofo dinamarquês sequer menciona de leve os dois momentos da filosofia agostiniano. Deixando uma lacuna naquilo que poderia auxiliá-lo em muito no seu embate com o estilo religioso vivido em Copenhague em seus dias, principalmente, no embate com os líderes da Igreja Luterana. Embates esses que o fez lutar até à morte, por não resistir a pressão de tantos equívocos ético-doutrinal por parte dos líderes e vividos pelos dinamarqueses.

Kierkegaard, muito provavelmente, não atinou, para o exemplo de Agostinho, para o fato da soberania de Deus, pela qual as coisas vão bem ou mal, segundo o Seu controle e, devido a natureza da soberania, até o erro e o persistir nele é obra da Providência Divina, por isso, todo o coração iluminado por esta maravilhosa doutrina, descansa, a despeito de ter de assistir as pessoas enveredando por tortuosos caminhos, na ilusão de que estão andando no reto caminho do Senhor.

Kierkegaard escreveu duras críticas ao clero da Igreja Luterana da Dinamarca em seus dias. Ao povo ele procurou conduzir pelos caminhos nos quais trilharam Abraão, Lázaro, e os apóstolos, exortando-o a voltar, refletir e buscar viver o cristianismo autêntico, totalmente diferente da outra categoria de cristianismo que chamou de cristandade. Mas agonizou até à morte, vivendo até mesmo sob zombaria por parte dos dinamarqueses que não compreenderam sua missão. Morreu solitário, dispersando até mesmo a assistência religiosa daqueles que então eram alvos de suas críticas.

Diferentemente, agiu Agostinho, que também empreendeu grandes embates com o maniqueísmo, o donatismo, o pelagianismo e o arianismo. No entanto, a vida de Agostinho foi tranquila, apesar das preocupações. Certamente ele perdeu muitas noites de sono debruçado em seus escritos dogmáticos, morais, filosóficos, exegéticos e pastorais, para defender “suas ovelhas” das atrocidades provocadas pelas doutrinas propaladas por esses hereges. O mais impressionante é que ele foi capaz de fazer tudo o que fez, e ainda ser tão bem sucedido, que ele não apenas fez cessar a disseminação dessas falsas doutrinas, como também recuperou as almas que haviam se desviado para tais erros. Tudo indica que essa façanha ele conseguiu, não porque era forte, mesmo porque sua saúde, tal como a de Kierkegaard, era muito debilitada, mas porque seus pensamentos, seus escritos eram pautados na confiança na soberania de Deus, confiança que o levou no final de sua vida a elaborar uma revisão de todos os seus escritos, no qual abandona o pensamento inicial acerca do livre arbítrio, voltando-se para defender a sã doutrina da predestinação. Sua obra de maior ênfase nessa preciosa doutrina é *A Predestinação dos Santos*.

Entretanto, acerca da questão da relação fé e razão, Kierkegaard é bem relacionado com Agostinho. Ambos não veem separação entre fé e razão, embora, para Agostinho, a partir das Escrituras, a fé vem sempre em maior prioridade, quando a razão precisa ser secundária. Trata-se da famosa máxima agostiniana: “entender para crê; crê para entender”. A questão é: Eu creio, por isso compreendo, ou eu compreendo, por isso creio?

3.4. Como Alcançar o Cristianismo Autêntico, e se situar no Quarto Estádio Kierkegaardiano

Kierkegaard trata de um estilo de vida que não é proporcionada nem pelo Estádio Estético, nem pelo Estádio Ético e, muito menos pelo Estádio Religioso, em sua forma identificada por ele à espécie de cristianismo praticado na Dinamarca. O que, realmente queria propor ao elaborar a ideia de cristianismo e cristandade, e propor o cristianismo autêntico? Aqui está: Todas as pessoas, em qualquer lugar do mundo sonham com uma vida hermeticamente segura – mas não se dão conta de que isso não vem, senão quando se adquire a maravilhosa salvação proposta por Deus. Essa segurança é, precisamente, o escopo do que trata o Quarto Estádio proposto nessa tese, que por sua vez, refere ao *cristianismo autêntico* proposto por Kierkegaard, o qual, segundo o filósofo dinamarquês, estabelece a diferença entre cristianismo e cristandade. Mas a grande maioria não desfruta dessa salvação por se situarem comodamente na cristandade. Isso gera, inevitavelmente (na acomodação da cristandade) vários sentimentos

negativos e perturbadores da paz: o medo, a insegurança e, até o pânico, além de depor contra o poder transformador do Evangelho anunciado por Cristo e Seus apóstolos, e continuado por todos os postulantes do cristianismo autêntico que vieram depois deles.

Mas podemos afirmar, com absoluta certeza, que já foi proposta a solução definitiva para o sentimentalismo provocado por essa insegurança – a certeza da salvação da alma; solução essa preparada desde a eternidade, e disponibilizado no primeiro mês, do primeiro ano da era cristã⁸¹. Esta é a boa notícia. A triste notícia é que muitos não querem, nem podem buscar essa solução; preferem seguir seu tortuoso caminho de angústia e dor, causados pelas incertezas acerca do futuro, da eternidade, pela insegurança e, até mesmo pelo o pânico instalados em cada alma de todos os que insistem em não receber esta solução divina e eterna – preferem continuar no Estético ou no Estádio Ético, ou ainda, no Estádio Religioso performado pela cristandade.

A esperança consiste, assim como exortava Kierkegaard aos cidadãos dinamarqueses de sua época, é que, aqueles que nunca se interessaram por essa salvação maravilhosa e eterna, pudessem ser movidos por um nobre despertar e se voltassem para uma desenfreada busca por um cristianismo autêntico e a salvação da alma, disponibilizado apenas para aqueles que a buscarem, não para todos, porque boa parte da humanidade já a rejeitou definitivamente, por determinação do Soberano de toda a terra, pois endureceu seus corações contra essa salvação. Não querem o cristianismo autêntico – Kierkegaard morreu sem verificar tal mudança na vida dos seus concidadãos dinamarqueses. Por que? Porque “... o coração deste povo se tornou endurecido; com os ouvidos ouviram tardiamente e fecharam os olhos, para que jamais vejam com os olhos, nem ouçam com os ouvidos, para que não entendam com o coração, e se convertam, e por mim sejam curados” e: “nos quais o deus deste século cegou o entendimento dos incrédulos, para que lhes não resplandeça a luz do evangelho da glória de Cristo, o qual é a imagem de Deus” (Atos 28:27; 2Coríntios 4:4).

Mas, se a situação atual se reverter, e as pessoas se voltarem para o cristianismo autêntico – o Quarto Estádio Kierkegaardiano ocorrerá em suas vidas! Visando alcançar essa proeza, vou lhes contar a mais bela história, a história de uma descoberta sem igual no mundo das explorações humanas de todos os tempos. Trata-se da certeza da vida eterna. Sim, é disso

⁸¹ Na verdade, foi disponibilizado imediatamente, porque na mente de Deus, o homem já havia transgredido a Lei, já havia sido morto em seus delitos e pecados (Efésios 2:1) e Jesus já tinha sido morto e ressuscitado para expiar os pecados dos inscritos no Livro da vida do Cordeiro (“... Cordeiro que foi morto desde a fundação do mundo” – Apocalipse 13:8; 21:27), estava disponível na velha aliança e, até o milênio, quando também haverá a aplicação da morte de Cristo para a salvação de todos os que creem.

que estivemos falando durante todo esse tempo, em todas estas linhas que você andou lendo, até chegar aqui. E, se você chegou até aqui, se for um desses que tem rejeitado essa solução eterna para a insegurança, sob qualquer justificativa. Seja você ateu, agnóstico ou religioso modinha⁸², um dia você terá que defrontar com esta realidade; só espero que não seja tarde demais.

Nesta altura você deve estar perguntando por que a certeza da vida eterna é a solução. A morte ronda todas as casas, todas as pessoas. A morte não escolhe posição social; quando ela vem, vem para todos, e quem ela encontrar pela frente. O medo da morte causa terror e pânico naqueles que não têm certeza da vida eterna, não sabem para onde vão após a morte.

Nesse caso também, aquele que já tem certeza da salvação, está imune contra os sentimentos negativos, porque aprenderam a confiar na promessa de que nenhum justo mendigará o pão⁸³. Todos os crentes sabem, e já têm a experiência que quando está na iminência de faltar, o Senhor, envia, venha de onde vier, o sustento a seu tempo. É esta a promessa viva, na qual os justos confiam: “Em ti esperam os olhos de todos, e tu, a seu tempo, lhes dás o alimento” Salmos 145:15). Nestas circunstâncias, o crente só tem uma coisa a fazer, olhar para a grande fonte, Deus.

O mundo está desesperado, exceto os que esperam pelo socorro de Deus e derrubar o mito de que é possível viver sem Deus, presente nas mentes dos ateus, dos agnósticos, dos materialistas, e daqueles que fingem ter uma religião, mas uma religião totalmente vazia de Deus, pois buscam a Deus apenas como um provedor compulsório, que acreditam ser obrigado a atender seus caprichos de boa vida aqui na terra, nem que para isso tenha que trair os textos bíblicos para conseguir apoio para sua crença egoística. Todos estes ficarão envergonhados, ao ver que não podem dar jeito para o que não tem jeito.

⁸² Religiosa “modinha” é todo aquele que busca uma religião porque está na moda ser religioso – seja católica praticante, espírita ou iniciado na logossófia, evangélico, a moda mais badalada do momento; todo mundo quer ser “gospel”, é moda, é status!

⁸³ “Fui moço e já, agora, sou velho, porém jamais vi o justo desamparado, nem a sua descendência a mendigar o pão” (Salmos 37:25).

3.4.1. O Quarto Estádio kierkegaardiano é o Estádio, pelo qual os Verdadeiros Cristãos Obtêm a Segurança da Vida Eterna

A pessoa que, pela fé em Cristo⁸⁴ recebeu o dom da vida eterna, e passou a ter certeza da salvação, isto é, passou a sentir-se seguro de que, quando morrer irá para o céu é onde, verdadeiramente começa a Vida, pois a vida perdeu seu sentido, seu significado a partir da queda: Tendo pecado, nossos pais, Adão e Eva experimentaram o pavor da morte, pavor que se estendeu para toda a sua descendência e até hoje. Além da experiência, a Bíblia é muito clara acerca desse pavor, diz: “... e livrasse todos que, pelo pavor da morte, estavam sujeitos à escravidão por toda a vida” (Hebreus 2:15). Vejam que o pavor da morte é tido como espécie de escravidão. E isso é uma realidade na vida de pessoas que só conseguem desenvolver a fé natural, que é o assentimento intelectual de fatos históricos acerca do poder e dos cuidados de Deus, mas não conseguem, por si só desenvolver a fé salvadora, não obtendo, portanto, a segurança de sua salvação. Para esses, os que (intelectualmente) creem em uma “vida” após a morte, o seu futuro é incerto, porque, nem mesmo acreditam ser possível para um ser limitado como o ser humano, obter esta certeza, antes da morte. Eles não sabem para onde vão após a morte. Neles se aplica um antigo jargão acerca do planejamento que diz: “Quem não sabe para onde vai, não está indo a lugar nenhum”. Aprimorando esse conceito, há outro jargão relacionado com a famosa Lei de Murphy, que diz: “se você não sabe que direção tomar diante de uma bifurcação, você sempre entra onde não devia entrar, e erra a estrada”. Isto é perfeitamente aplicável à pessoa a quem não foi dada a fé salvadora, ela não sabe para onde vai após a morte (ou pelo menos, não deseja saber)⁸⁵, para quem não sabe (ainda) corre o risco de tomar, ou melhor, já está no caminho da perdição, da condenação eterna, pois Cristo deixou bem claro esse ponto, pois lemos no Evangelho de João: “Quem nele crê não é julgado; o que não crê já está julgado, porquanto não crê no nome do unigênito Filho de Deus” João 3:18).

⁸⁴ Fé é uma o monossílabo mais complexo que existe. Há um mundo de confusão no conceito de fé. Para alguns fé é ter assentimento intelectual acerca do (como distinguia Carl Bart) Jesus histórico; para outros, fé é esperar que Deus resolva todos os seus problemas e supra suas necessidades, garantindo-lhe uma vida de bem-estar enquanto aqui nesta terra estiverem. Ledo engano! A fé que traz verdadeira segurança é chamada “fé espiritual” ou “fé salvadora”, em contraste com a fé natural. Pois somente por meio desta fé revelada como um dom de Deus, portanto, não natural, é uma pessoa adquire a certeza de Sua salvação.

⁸⁵ A grande maioria das pessoas prefere continuar sem saber para onde vai após a morte; a ilusão é bem mais confortável do a realidade, pois todos os que um dia obtiveram a segurança de sua salvação, tiveram de encarar três realidades: sou um pecador, só existe um mérito a meu respeito, a condenação eterna e, encarando estas duras realidades, “encontraram” o caminho da salvação – Cristo, que deixou muito bem claro: “... Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida; ninguém vem ao Pai senão por mim” (João 14:6).

A pessoa segura de sua salvação, não tem medo da morte, porque sua fé está alicerçada em grandes promessas, como esta: “Porquanto, para mim, o viver é Cristo, e o morrer é lucro” e: “Entretanto, estamos em plena confiança, preferindo deixar o corpo e habitar com o Senhor” (2 Coríntios 5:8). Sei que para muitos, isso não soa muito esperançoso e, para alguns, exacerbadamente, materialistas, apegados as coisas materiais e aos prazeres deste mundo não soa nada esperançoso; mas para os eleitos que já estão no gozo da salvação, soa tão forte em seus corações que, muitos (como eu) estão regozijando-se tanto, mas tanto, que nem tem tempo para pensar em pânico, medo ou experimentar qualquer momento de desespero. Nossa sensação é de que o nosso Senhor já está vindo buscar Sua noiva querida, a Sua igreja!

Com relação à nossa sobrevivência, não temos medo de passar fome, porque, pela salvação, obtivemos o direito de nos tornarmos filhos de Deus por adoção, e passamos à categoria de herdeiros, herdeiros de Deus, e coerdeiros com Cristo (João 1:12-14; Romanos 8:16), por isso, nos apoiamos em uma dessas maravilhosas promessas do Senhor para o povo do Quarto Estádio kierkegaardiano, segundo a qual, nenhum justo mendigará o pão. É o Salmo 37, onde lemos e ouvimos a voz e a experiência do rei David: “Fui moço e já, agora, sou velho, porém jamais vi o justo desamparado, nem a sua descendência a mendigar o pão” (Salmo 37:25). Promessa corroborada pelo Grande pastor, no famoso Salmo 23: “O Senhor é o meu pastor; nada me faltará” (Salmos 23:1).

Bem, vencemos o medo da morte e o medo de passar fome, resta a vitória sobre o apego às coisas terrenas, as riquezas que o mundo nos promete todos os dias. Esse é o desafio de todos os crentes: vencer também o apego às coisas materiais. Isto, porém não está no campo das promessas, mas das exortações. E como todas as exortações, cada crente deve ouvir e escolher obedecer, do contrário, estarão sujeitos ao mesmo estado de pânico porque sofrem as pessoas do mundo⁸⁶. Pois é, já deu para perceber que se trata da descoberta da certeza da salvação, como Jesus afirmou, por ocasião de sua discussão com os judeus que não criam ser ele o Messias esperado por Israel, ele lhes disse: “... Vós sois cá de baixo, eu sou lá de cima; vós sois deste mundo, eu deste mundo não sou” (João 8:23). A grande descoberta; em forte contraste com os que já não mais são deste mundo, como também afirmou em duas passagens bem claras sobre este forte contraste: “Eles não são do mundo, como também eu não sou” (João 17:16). Embora, o Senhor não nos quisesse fora do mundo (porque, no mundo temos o imprescindível papel de

⁸⁶ Pessoas do mundo é um termo usado nas Escrituras para as pessoas que ainda não são de Cristo, ainda não fizeram a grande descoberta (lembra que eu prometi contar-lhes a mais bela história sobre a grande descoberta da segurança da vida eterna.

ser testemunhas de Cristo), como também afirmou: Não peço que os tires do mundo, e sim que os guardes do mal” (João 17:15). Mal? Que mal? Os problemas e dificuldades da vida? Definitivamente, não. É aí, que está a segurança dos crentes: Os problemas da vida podem ser uma maravilhosa benção para quem já se descobriu salvo, a caminho do lar #, pois também Paulo disse ser a morte, incomparavelmente melhor: “Ora, de um e outro lado, estou constrangido, tendo o desejo de partir e estar com Cristo, o que é incomparavelmente melhor” (Filipenses 1:23). O mal a que o Mestre se refere é, exatamente (dentre muitos outros pecados) o apego às coisas do mundo.

Como disse acima, este assunto não está no campo das promessas, mas da exortação e há inúmeras exortações na Bíblia Sagrada, Palavra de Deus, acerca da premente necessidade de nos afastarmos cada vez mais das coisas do mundo, cito duas:

Não ameis o mundo nem as coisas que há no mundo. Se alguém amar o mundo, o amor do Pai não está nele (1João 2:15) e: não atentando nós nas coisas que se veem, mas nas que se não veem; porque as que se veem são temporais, e as que se não veem são eternas” (2Coríntios 4:18).

Os crentes que não atenderem a estas exortações, mesmo não tendo medo da morte e de passarem fome, sofrerão o mesmo sentimento de pânico dos que não têm esta esperança da vida eterna, pois terão medo de não poderem desfrutar dos momentos de prazer que às vezes, as coisas materiais podem proporcionar. São estes que faziam parte da crítica de Sören Kierkegaard acerca da cristandade. E, por não ouvir as exortações de Deus, essas pessoas perdem a comunhão com Deus, Deus o abandona (provisoriamente), como fez com Saul; então ele se sente sozinho, embora não lhe falte nada; aí, o pânico se instala em sua vida, em sua casa, e ele passa a ficar no mesmo nível dos que não têm esta esperança, “vive” no porão da vida, à semelhança dos que não fizeram a grande descoberta.

Por isso, gostaria que os crentes lessem, meditassem, cressem e se apropriassem desta belíssima passagem da Escritura, que começa, exatamente assim:

Não queremos, porém, irmãos, que sejais ignorantes com respeito aos que dormem, para não vos entristecerdes como os demais, que não têm esperança. Pois, se cremos que Jesus morreu e ressuscitou, assim também Deus, mediante Jesus, trará, em sua companhia, os que dormem. Ora, ainda vos declaramos, por palavra do Senhor, isto: nós, os vivos, os que ficarmos até à vinda do Senhor, de modo algum precederemos os que dormem. Porquanto o Senhor mesmo, dada a sua palavra de ordem, ouvida a voz do arcanjo, e ressoada a trombeta de Deus, descera dos céus, e os mortos em Cristo ressuscitarão primeiro; depois, nós, os vivos, os que ficarmos, seremos arrebatados juntamente com eles, entre nuvens, para o encontro do Senhor nos ares, e, assim, estaremos para sempre com o Senhor. Consolai-vos, pois, uns aos outros com estas palavras’ (1Tessalonicenses 4:13-18).

Temos falado até aqui acerca da importância de você saber se vai para o céu, se você, realmente, tem certeza da salvação, ou ainda, se você se sente cercado pelos cuidados divinos, os apóstolos João e Paulo trazem-nos esta consolação característica marcante no cristianismo autêntico, referido por Kierkegaard:

Estas coisas vos escrevi, a fim de saberdes que tendes a vida eterna, a vós outros que credes em o nome do Filho de Deus.

Estou plenamente certo de que aquele que começou boa obra em vós há de completá-la até ao Dia de Cristo Jesus.

Porque eu estou bem certo de que nem a morte, nem a vida, nem os anjos, nem os principados, nem as coisas do presente, nem do porvir, nem os poderes, nem a altura, nem a profundidade, nem qualquer outra criatura poderá separar-nos do amor de Deus, que está em Cristo Jesus, nosso Senhor.

Que diremos, pois, à vista destas coisas? Se Deus é por nós, quem será contra nós?

Em verdade, em verdade vos digo: quem ouve a minha palavra e crê naquele que me enviou tem a vida eterna, não entra em juízo, mas passou da morte para a vida. João 5:13; Filipenses 1:6; Romanos 8:38, 39, 31; João 5:24). e muito mais.

Ter certeza da salvação é importante, por tudo o que foi dito até aqui, mas ainda há mais dois benefícios que, de maravilhoso, não pode, de jeito nenhum, ficar de fora. Pois além de nos livrar do medo da morte, do medo de passar fome e do medo de perder as “bênçãos” deste mundo passageiro, a certeza da salvação ainda nos traz dois benefícios que, aliás, é a razão de não termos medo, falo das virtudes divinas mais preciosas, enquanto estivermos nesta terra, a paz e a esperança, ou melhor, a esperança e a paz; nesta ordem, porque uma puxa a outra. Onde houver esperança, também haverá paz, e a falta de paz gera desespero, e desespero é a total ausência de esperança.

Esperança é o grande e portentoso alicerce da vida cristã. Paulo afirma, que fomos chamados ou salvos na esperança; a própria salvação é uma esperança, como lemos na Epístola do apóstolo Paulo aos Romanos: “Porque, na esperança, fomos salvos. Ora, esperança que se vê não é esperança; pois o que alguém vê, como o espera?” (Romanos 8:24).

Mas fiquemos alerta contra a falsa esperança. O que é falsa esperança? Falsa esperança é esperar ou acreditar em uma promessa que Deus não fez, por exemplo, Deus vai curar você de toda e qualquer doença que você for acometido.

Nossa esperança não está no que Deus vai fazer, ou deixar de fazer; mas na pessoa de Deus, em Seus maravilhosos atributos; especialmente a Sua fidelidade, atendendo sempre à exortação: “Guardemos firme a confissão da esperança, sem vacilar, pois quem fez a promessa é fiel” (Hebreus 10:23). Mas guardo um destaque para os dois atributos, dos quais, todos os outros atributos dependem: a imutabilidade de Deus e a Sua onipotência. Estes atributos são,

por assim dizer, os guardiões e a garantia da eficácia de todos os outros atributos; pois, de que adianta ser fiel, se não tem firmeza, nem poder para cumprir o que prometeu? Por isso, é que estão asseguradas todas as promessas feitas pelo Deus fiel: “Porque eu, o Senhor, não mudo; por isso, vós, ó filhos de Jacó, não sois consumidos” (Malaquias 3:6) isto foi dito quando Israel estava em profunda transgressão, e merecia até mesmo ser exterminado da face da terra; mas ali estava um Deus inegavelmente, fiel ao cumprimento de Sua aliança unilateral com os filhos de Israel. Também é por isso que é dito que “... Deus é “... poderoso para fazer infinitamente mais do que tudo quanto pedimos ou pensamos, conforme o seu poder que opera em nós” (Efésios 3:20). Vejam, é de acordo com o seu poder, que Deus é poderoso – maravilhosa redundância!

Mas, o maior e melhor resultado da segurança da salvação é a paz. Agora é só ouvir o som das promessas: Deixo-vos a paz, a minha paz vos dou; não vo-la dou como a dá o mundo. “Não se turbe o vosso coração, nem se atemorize” (João 14:27) e:

Não se turbe o vosso coração; credes em Deus, crede também em mim. Na casa de meu Pai há muitas moradas. Se assim não fora, eu vo-lo teria dito. Pois vou preparar-vos lugar. E, quando eu for e vos preparar lugar, voltarei e vos receberei para mim mesmo, para que, onde eu estou, estejais vós também. E vós sabeis o caminho para onde eu vou (João 14:1-4).

Um pouco mais da voz maviosa de Deus, em Cristo Jesus, trazendo-nos a Sua paz, para não nos perturbados frente aos problemas da vida e a quaisquer ameaças: “E a paz de Deus, que excede todo o entendimento, guardará o vosso coração e a vossa mente em Cristo Jesus” (Filipenses 4:7).

A paz que os que experimentaram os efeitos de dar o salto kierkegaardiano rumo ao Quarto Estádio é a boa ventura de desfrutarem, de acordo com as passagens acima, independente das circunstâncias, é evidente, principalmente, em tempos de turbulências; como narra a experiência de certo colecionador, que solicitou de um artista, lhe pintasse um quadro, que representasse a paz. No tempo marcado, ele foi ver o quadro. O artista fez uma “obra prima! Era uma paisagem linda, na qual se via o brilho sereno do sol projetando sobre uma frondosa árvore, gerando uma sombra que inspirava tranquilidade. O homem que havia encomendado a obra de arte disse ao artista: “Olha, a obra é, realmente, linda; só que para mim, não representa a paz”! O artista, indulgentemente, consentiu em fazer outro, que pudesse agradar seu cliente. Vencido o prazo para a entrega da obra, o homem foi buscá-la. Tal foi a satisfação, ao ver que o paciente artista tinha pintado um quadro totalmente oposto ao primeiro: pintou uma paisagem semelhante à anterior, só que desta vez, era um raio que, da mesma forma projetava-se para

uma árvore belamente frondosa; rachando-a em duas metades iguais, pela violência do raio, mas havia alguns animais pastando e crianças e adultos, apenas observando o espetáculo, porém, sem nenhum susto, medo, ou pânico que os atingissem. O homem exclamou: “Sim, é este! Este, para mim é o que representa a paz!”.

O conto acima é fictício, porém, bem próximo da realidade, semelhante à história da 3 real de um, hoje conhecido como um grande teólogo, que revolucionou o mundo, após o incidente que o envolveu em um terrível estado de pânico. A história se desenrola assim:

Voltava ele de um malogrado trabalho missionário, via navio, para seu país de origem. Já em alto mar, começou entrar água no navio e, automaticamente, ele entrou em pânico. Em meio ao pavor, ouviu o cântico de hinos, ele pensou: Quem estaria cantando sob essa terrível possibilidade de estarmos todos, dentro de poucas horas, no fundo do mar? Andou pelos vários compartimentos do navio, procurando saber quem, e porque cantavam a essas horas; até que encontrou um grupo cantando alegremente, hinos de louvores a Deus. Ele parou ali, e perguntou às pessoas que cantavam: “Eh, pessoal, porque vocês estão tão alegres assim, se daqui a pouco estaremos todos no fundo do mar? Ao que lhe responderam em uníssono: É por isso mesmo! Estamos aqui ensaiando para cantarmos lá no céu, em louvor daquele que morreu e ressuscitou para nós salvar! O homem parou, e perguntou para si mesmo: “O que eles têm, que eu não tenho? Qual é o segredo de tamanha confiança? De acordo com o relato, conseguiram consertar o navio, e chegaram são e salvos no destino. O homem, porém, não descansou, enquanto não descobriu o segredo daquelas pessoas que cantavam em alto mar, enquanto o navio era tomado pelas águas, na iminência de afundar-se, e morrerem todos sob a imensidão da profundidade do mar.

Vejam: Qual era o segredo para aquelas pessoas desfrutarem de tanta paz, sob tamanha turbulência? Adivinhou! Era a certeza da salvação. Aquele homem descobriu o segredo, passou a ter certeza da salvação, e se tornou um dos maiores servos de Deus da história; e mais: agora seu trabalho missionário frutificou! Seu nome, de acordo com o autor do E.E. Internacional, Dr. James Kenedy, é John Wesley, um dissidente da igreja anglicana, que fundou a igreja metodista, juntamente com seu irmão, Charles Wesley. Percebe a importância de ser salvo, e ter certeza desta salvação?

3.4.2. Como Obter a Segurança da Vida Eterna – Principal Pilar do Cristianismo Autêntico, do Quarto Estádio

Começo por contar a você que esta nomenclatura “como”, estritamente não existe. Mas, nas entrelinhas, podemos enxerga-la nas Escrituras pois, realmente, trata-se de um processo; mas é um processo sobrenatural. Nesse sentido, o “como” existe sim, porém, ele está nas mãos de Deus. Mas isso, não é um desestímulo à busca por obter a resposta a uma vida de pavor, medo, insegurança e pânico. Porém, não é preciso estar passando por severo desespero para se despertar o interesse pela salvação, pois a morte ronda cada indivíduo, todos os dias, o tempo todo. Por isso, é de extrema relevância a pergunta: “você tem certeza que, se morresse hoje, iria para o céu, desfrutar das moradas celestiais, das quais falou Jesus, ao consolar os discípulos, entristecidos com sua volta para o Pai, ele disse:

Não se turbe o vosso coração; credes em Deus, crede também em mim. Na casa de meu Pai há muitas moradas. Se assim não fora, eu vo-lo teria dito. Pois vou preparar-vos lugar. E, quando eu for e vos preparar lugar, voltarei e vos receberei para mim mesmo, para que, onde eu estou, estejais vós também (João 14:1-3).

A pergunta se torna relevante, porque nos remete a esta grande promessa. Mas também se soma à importância do comentário de um dos discípulos, que dizia não saber o caminho para alcançar a promessa, ao que lhe respondeu Jesus: “Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida; ninguém vem ao Pai senão por mim” (João 14:6).

É também muito importante que você peça a Deus para que essa pergunta nunca saia de seu pensamento, até que Deus lhe dê a resposta. Devo lhe garantir, com base nas Escrituras, que há esperança para você, se Deus continuar alimentando o seu pensamento, e não deixar esta pergunta calar-se. Por outro lado, se satanás dissipar seus pensamentos para outros opostos, à questão da segurança da salvação, triste sorte você terá, porque significa a ausência de misericórdia de Deus para com você. Então clame, clame com veemência, clame com urgência, clame todos os dias, o dia inteiro: Senhor, quero, de todas as minhas forças, de todo o meu coração saber se vou para o céu. Mas quero adverti-lo, como um bom amigo, que Satanás não desistirá. Ele vai tentar dissuadi-lo desses pensamentos, por meio de uma de suas armas mais potentes e eficazes, a *presunção*. Ele não medirá esforços para lhe convencer de que você é uma pessoa boa e, na balança de sua vida, os méritos pesam muito mais que os deméritos, ou seja, sua existência consiste de considerável carga de boas obras e, disso Deus não pode esquecer, pois ele é bom demais para mandar uma pessoa como você para o inferno. Por favor, peça a Deus para não o deixar cair nesta armadilha, pois certamente você, se continuar com

esses pensamentos e, se convencer de seus merecimentos, será lançado no Lago de fogo para sempre, porém, sem o perceber! Quando se der por conta, você já estará caindo no inferno. Portanto, rogo a você: não cesse de perguntar sobre a certeza da vida eterna.

Preste bem atenção, pois vou lhe dizer o que você precisa saber, a fim de aumentar a possibilidade de você obter, definitivamente, a certeza de que vai para o céu. Eu digo “aumentar a possibilidade” pois, como iniciei este ponto como obter a certeza da salvação dizendo que o “como” reside no campo do sobrenatural; é Deus quem faz tudo, da iniciativa, antes da fundação do mundo (Efesios 1:4), até a concretização, o dia de sua conversão, quando você obtiver para sempre a certeza da vida eterna, como o Senhor já afirmou com extrema clareza:

As minhas ovelhas ouvem a minha voz; eu as conheço, e elas me seguem. Eu lhes dou a vida eterna; jamais perecerão, e ninguém as arrebatará da minha mão. Aquilo que meu Pai me deu é maior do que tudo; e da mão do Pai ninguém pode arrebatar. Eu e o Pai somos um (João 10:27-30).

Então, o que você precisa saber? Muitas coisas⁸⁷. Uma delas, é alimentar-se, como já disse, e agora reafirmo do pensamento acerca da pergunta: tenho certeza da minha salvação? Como você vai alimentar esse pensamento? Primeiro, por meio da oração, pedindo ajuda para sempre lembrar da pergunta, até que obtenha a resposta divina; em segundo lugar, leia a sua Bíblia, especialmente, os textos mais claros acerca da salvação⁸⁸, sempre com o pensamento: desejo saber se posso ir para o céu? E, simultaneamente, ache uma igreja séria, onde os termos da salvação são explicados biblicamente. A título de denúncia, quero dizer-lhe: evite certas igrejas, onde a ênfase não é a salvação da alma, para reativar o relacionamento correto com Deus, por meio de uma vida separada deste mundo e finalmente, a vida eterna; mas, suas ênfases estão na prosperidade material, como saúde e prosperidade financeira. Mas isso está na contramão do que nos ensinou o Senhor Jesus Cristo, quando disse: “Pois que aproveitará o homem se ganhar o mundo inteiro e perder a sua alma? Ou que dará o homem em troca da sua alma?” (Mateus 16:26); e: “... As raposas têm seus covis, e as aves do céu, ninhos; mas o Filho do Homem não tem onde reclinar a cabeça” (Lucas 9:58). Procure uma igreja que prega apenas

⁸⁷ Isso, aparentemente, é uma contradição, porque para ser salvo não precisa fazer nada, porque Jesus já fez tudo. Mas é somente, para a compreensão, do ponto de vista humano. Por outro, qualquer atitude que alguém evidência, na direção de obter a certeza da salvação, já significa que a graça é que o está conduzindo nessa busca; nesse sentido, a graça funciona como se fosse um GPS, sem ela você jamais chegará ao ponto de ter certeza de que quando morrer vai para o céu.

⁸⁸ Recomenda-se a leitura do Evangelho de João, por ser uma biografia de Jesus, na qual João realça muito claramente acerca da pessoa, obra e missão do Senhor, com destaque especial a sete milagres, pelos quais, os leitores creiam e sejam salvos. Cito o versículo: “Na verdade, fez Jesus, diante dos discípulos muitos outros sinais que não estão escritos neste livro. Estes, porém, foram registrados para que creiais que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo, tenhais vida em seu nome” João 20:30-31).

o Evangelho, pois está dito que “... a fé vem pela pregação, e a pregação, pela palavra de Cristo” (Romanos 10:17). De novo, sempre conservando a pergunta acerca da certeza da salvação.

Agindo assim, você vai descobrir 5 coisas imprescindíveis no alicerce da salvação. A primeira é que o céu é uma dádiva, um dom. O céu pertence a Deus, que o dá a quem ele quiser como está escrito: “... Farei passar toda a minha bondade diante de ti e te proclamarei o nome do Senhor; terei misericórdia de quem eu tiver misericórdia e me compadecerei de quem eu me compadecer” (Êxodo 33:19); palavras ditas a Moisés no monte Sinai e explicadas por Paulo, referindo-se ao plano eterno de Deus para a salvação dos pecadores: “Pois ele diz a Moisés: Terei misericórdia de quem me aprouver ter misericórdia e compadecer-me-ei de quem me aprouver ter compaixão” (Romanos 9:15)⁸⁹; e: “Porque pela graça sois salvos, mediante a fé; e isto não vem de vós; é dom de Deus; não de obras, para que ninguém se glorie” (Efésios 2:8-9). Nesse sentido, a salvação não pode ser conseguida ou conquistada mediante esforços próprios ou por meio de boas obras. A salvação é, unicamente, pela fé, que é obra da graça, como diz: “... sois salvos, mediante a fé; não de obras (Efésios 2:8-9). Estes dois versículos dizem exatamente, e em alto e bom som, que o céu é uma dádiva de Deus para todo aquele a quem é dada a fé, totalmente pela graça. Se a salvação fosse meritória, não seria estendida universalmente, pois somente aqueles capazes de fazer por merecer, se salvariam; ao contrário, Deus dá gratuitamente a salvação a todo aquele que quiser, pois os termos do convite são claros: “O Espírito e a noiva dizem: Vem! Aquele que ouve, diga: Vem! “Aquele que tem sede venha, e quem quiser receba de graça a água da vida” (Apocalipse 22:17).

Qual é a razão, pela qual a salvação é unicamente, pela graça, gratuitamente, pela fé? São várias, mas vou descrever apenas duas: a primeira, é porque somos pecadores, a Bíblia não cansa de afirmar que “... todos pecaram e carecem da glória de Deus” (Romanos 3:23). A Bíblia explica clara e universalmente o significado do pecado que abrange todo ser humano que já pisou esta terra, desde Adão. Em uma só frase é possível definir o conceito de pecado: “Toda injustiça é pecado” (1João 5:17). Em outra parte diz que “Todo aquele que pratica o pecado também transgredir a lei, porque o pecado é a transgressão da lei. (1João 3:4). Neste sentido, pecado, como propõe os estudos teológicos acerca da *ἁμαρτιολογία* (*harmartiologia*)⁹⁰,

⁸⁹ Respondeu-lhe: Farei passar toda a minha bondade diante de ti e te proclamarei o nome do Senhor; terei misericórdia de quem eu tiver misericórdia e me compadecerei de quem eu me compadecer. Êxodo 33:19).

⁹⁰ No estudo de Teologia Sistemática, *harmartiologia* é a doutrina do pecado, isto é, o que a Bíblia ensina acerca do pecado.

pecado é errar o alvo, transgressão, iniquidade, é tudo o que se faz ou pensa que contraria a santidade de Deus. É, por ser o pecado universal, que a Bíblia afirma: “pois todos pecaram e carecem da glória de Deus” (Romanos 3:23). Além disso, o pecado faz parte do ser desde sempre, mesmo o embrião já é considerado como estando em pecado, de acordo com o rei Davi: “Eu nasci na iniquidade, e em pecado me concebeu minha mãe” (Salmos 51:5). Portanto, o homem não pode fazer nada que conte como méritos à sua chegada no céu, pois o pecado mancha, contamina tudo o que ele faz. Tudo, enquanto não tocado pelo homem, conserva sua dignidade; ao tocá-lo, homem a destrói, tão rapidamente, quanto foi o seu toque, o pecado condena, não somente à morte física e temporária, mas também à morte espiritual e eterna, perpetuada no que a Bíblia chama de “Lago de fogo” (Apocalipse 21:8). Por isso, ninguém pode ser salvo por boas obras, pois elas estão manchadas pelos nossos pecados, como dizia Isaías: “Mas todos nós somos como o imundo, e todas as nossas justiças, como trapo da imundícia; todos nós murchamos como a folha, e as nossas iniquidades, como um vento, nos arrebatam” Isaías 64:6). Neste caso, *imundo* é o fato; *trapo de imundícia*, a consequência. E, trapo de imundícia, neste contexto, significa “os panos da menstruação”, considerados naquela época o maior símbolo de sujeiras, pois até hoje, a menstruação é uma benção para a mulher, pois a livra de males que poderia advir, não fosse mais esta maravilha de nosso Maravilhoso Criador, relacionado com a saúde e preservação da vida. Assim são comparadas as nossas boas obras – não tem nenhum valor intrínseco, portanto, não nos pode salvar. Além disso, já foi determinada por Deus, desde a fundação do mundo, que a salvação seja somente uma obra da graça de Deus, que nos concede a fé, para com ela responder à oferta de salvação, como deixa bem claro, o apóstolo: “Porque pela graça sois salvos, mediante a fé; e isto não vem de vós; é dom de Deus; não de obras, para que ninguém se glorie” (Efésios 2:8-9).

Assim, de acordo com esta tese, quem quiser obter a classificação kierkegaardiana do cristianismo autêntico – o Quarto Estádio, terá que se humilhar, colocar a boca no pó e receber a salvação gratuita, pois a oferta é somente pela graça, não pode ser conquistada por méritos próprios. Além disso, se pudesse ser comprada ou merecida, as obras teriam que ser perfeitas – nota 100; se forem avaliadas com nota 99, não dá certo. E como não há quem produza obras perfeitas, permanece em definitivo, o “não” de Deus. Ainda necessito explicar-lhe que, se fosse por obras, a glória seria de quem conseguisse completar a “prova”; lembrando que a chegada de um pecador no céu não se compara à de um atleta olímpico até o desamarrar do laço da fita; “Assim, pois, não depende de quem quer ou de quem corre, mas de usar Deus a sua

misericórdia” (Romanos 9:16). O padrão é, pois, não exigência de esforço, nem trabalho para entrar no caminho do céu, pois a Escritura diz:

Que, pois, diremos ter alcançado Abraão, nosso pai segundo a carne? Porque, se Abraão foi justificado por obras, tem de que se gloriar, porém não diante de Deus. Pois que diz a Escritura? Abraão creu em Deus, e isso lhe foi imputado para justiça. Ora, ao que trabalha, o salário não é considerado como favor, e sim como dívida. Mas, ao que não trabalha, porém crê naquele que justifica o ímpio, a sua fé lhe é atribuída como justiça. E é assim também que Davi declara ser bem-aventurado o homem a quem Deus atribui justiça, independentemente de obras: Bem-aventurados aqueles cujas iniquidades são perdoadas, e cujos pecados são cobertos; bem-aventurado o homem a quem o Senhor jamais imputará pecado (Romanos 4:1-8).

Outra a razão, pela qual a salvação é unicamente, pela graça é que Deus é justo e, este atributo se atrela a outro, a saber, o amor. Este último, agrada mais os ouvidos impenitente, não disposto a aceitar a realidade de que inevitavelmente, ele é um pecador e não pode salvar-se a si mesmo, nem a outrem. Porque se o aceitarem, terão de aceitar outra realidade, a justiça de Deus, e a consequência será: se sentirá mais perdido do que nunca e, irremediavelmente condenado a passar a eternidade inteira no lugar de tormentos eternos.

Mas este é, precisamente, o ponto. Já lhe ocorreu que quando alguém que está perdido só começa a procurar o caminho quando se dá por conta de que está perdido? Então, por aceitar essa realidade, ele fica aberto a qualquer ajuda. É este o começo da salvação da alma, por ele aceitar a realidade da justiça de Deus; e ao se entregar para ser condenado, Deus lhe vem ao encontro, e lhe propõe Cristo, a este também ele aceita, crê nele como o Salvador, o Senhor que morreu e ressuscitou para satisfazer a justiça de Deus por nós; então, crendo, recebe a vida eterna, a certeza da salvação, aí se esvai todos medos já referido acima, tem-se a esperança e, como fruto da esperança, a paz, a segurança, então poderá dizer, como Paulo: “... para mim, o viver é Cristo, e o morrer é lucro” (Filipenses 1:21).

Agora é hora de exercer fé, a fé salvadora. Porque esta distinção? É porque existem algumas manifestações de fé que não equivale à fé salvadora; manifestações essas, que não visam a salvação da alma, a certeza de que quando morrer irá para o céu. Por exemplo, há certa espécie de fé, que consiste apenas de um assentimento intelectual acerca de Deus. Muito vagamente, as pessoas creem em um Deus compulsoriamente provedor, um deus-super-homem, que existe com a missão de socorrer, de curar, de suprir as necessidades, mas este personagem aí, nada tem a ver com Deus; parece-se mais com um servo! As pessoas, em geral, não pensam em salvação, vida eterna, ir para o céu; isso está muito no futuro, e o futuro a Deus pertence.

Mas Jesus, certa feita fez uma analogia interessante, segundo ele o nosso futuro é semelhante, ele disse:

Pois qual de vós, pretendendo construir uma torre, não se assenta primeiro para calcular a despesa e verificar se tem os meios para a concluir? Para não suceder que, tendo lançado os alicerces e não a podendo acabar, todos os que a virem zombem dele, dizendo: Este homem começou a construir e não pôde acabar. Ou qual é o rei que, indo para combater outro rei, não se assenta primeiro para calcular se com dez mil homens poderá enfrentar o que vem contra ele com vinte mil? Caso contrário, estando o outro ainda longe, envia-lhe uma embaixada, pedindo condições de paz. Assim, pois, todo aquele que dentre vós não renuncia a tudo quanto tem não pode ser meu discípulo (Lucas 14:28-33).

Da mesma forma, aqueles que não pensam que um dia vão morrer e, morrendo, terão de prestar contas a Deus, não se preocupam em se prepararem para esse dia; eles mantêm uma espécie de fé meramente intelectual acerca de fatos históricos sobre Deus, mas não tem nenhuma participação em Deus, não tem o verdadeiro conhecimento de Deus; Jesus afirmou: “E a vida eterna é esta: que te conheçam a ti, o único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste” (João 17:3). Mas, se estiverem preparados, poderão ser isentos, desfrutarem de um futuro feliz, nas bem-aventuranças do Senhor! Como já foram mencionados, todos temos pecados, e pecados são divididas (perdoa as nossas dívidas...), e como tais, deverão ser acertadas um dia. Entretanto, Deus, desde a eternidade, tomou providências para que muitos tivessem suas dívidas previamente acertadas; então enviou Seu único Filho para pagar por nossos pecados e comprar com o seu sangue um lugar no céu, acerca do qual, prometeu com certeza:

Não se turbe o vosso coração; credes em Deus, crede também em mim. Na casa de meu Pai há muitas moradas. Se assim não fora, eu vo-lo teria dito. Pois vou preparar-vos lugar. E, quando eu for e vos preparar lugar, voltarei e vos receberei para mim mesmo, para que, onde eu estou, estejais vós também (João 14:1-3).

Então, o que é fé salvadora? É aquela fé que é dada por Deus (Efésios 2:8), mediante a qual a pessoa percebe, primeiramente a maldade de seus pecados, entendendo que eles constituem em grande afronta a Deus e que, certamente, Deus vai tomar vingança contra suas ofensas e, já tomou providências para a sua condenação (Romanos 6:23; Apocalipse 21:8). A par destas verdades, ele reconhece seus pecados, se arrepende, reconhece-se condenado, porque até aqui ele só conta com esta informação acerca dos pecados, por isso, se desespera, perde a expectativa de ser aceito por Deus, porque agora ele está encarando frente a frente a justiça de Deus. Claro que este proceder já é resultado do trabalho do próprio Deus em sua vida: “E a vida eterna é esta: que te conheçam a ti, o único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste” (João 17:3). A partir daí, Deus continua trabalhando em sua vida, com vistas à sua salvação.

Ele já deu o primeiro passo, convenceu a pessoa acerca de seus pecados; então ele vai em frente e lhe mostra Jesus: “Pois também Cristo morreu uma única vez, pelos pecados, o justo pelos injustos, para conduzir-vos a Deus; morto, sim, na carne, mas vivificado no espírito” (1Pedro 3:18). Assim, seus olhos são abertos e, vendo Jesus, com os olhos da fé, a pessoa crê e recebe o dom da vida eterna.

Simples assim! A partir dessa hora, você passa a desfrutar de segurança, a esperança é instalada em sua vida, então você acaba de vencer de uma vez por todas o medo da morte; quanto ao desfrute da paz de Jesus, é um exercício diário de maturidade na fé, segundo a qual, você desenvolve a prática de confiar nas outras promessas de Deus. Aí, aos poucos você vai se desarraigando do mundo e, quanto mais você se aproxima das coisas eternas, mais você se afasta das coisas do mundo, como nos exorta o apóstolo: " não atentando nós nas coisas que se veem, mas nas que se não veem; porque as que se veem são temporais, e as que se não veem são eternas" (2Coríntios 4:18).

Portanto, a minha premente preocupação é com as ovelhas de Jesus, que ainda não ouviram a Sua voz (João 10:28); e com aquelas que já ouviram a voz do bom pastor, mas não ouviram a voz do Grande pastor e, sequer se preocupam ou aspiram por ouvir a voz do Supremo pastor. Explico: Este é um pequeno entendimento acerca do ministério tríplice do Senhor Jesus Cristo, segundo o qual ele exerce as funções de Profeta, Sacerdote e Rei – É um estudo muito profundo, que de maravilhoso, não dar para tecer maiores comentários aqui, por falta de tempo e espaço, mas, vou tentar resumi-lo: Este ministério tríplice do Senhor está à nossa disposição ainda hoje e a cada dia, e significa seus cuidados com os que ainda não são salvos; para estes Jesus é o bom pastor, que morreu por suas ovelhas, por isso, é que ele disse: “As minhas ovelhas ouvem a minha voz; eu as conheço, e elas me seguem” (João 10:27); e ouvindo, creem nele e são salvos – este é o cuidado que o Bom Pastor exerce para com aqueles que ainda não são salvos; que ainda estão vivendo no Estádio Estético, ou no Estádio Ético, ou até mesmo no Estádio Religioso, vivendo apenas, dizer Kierkegaard, na cristandade. Quanto aos cuidados pastorais do Senhor Jesus se estendem por toda a vida daqueles já estão desfrutando a salvação. Eles seguem confiando no Grande Pastor das ovelhas, pois ele ressuscitou, sentou-se à direita de Deus, exerce a função de sacerdote, para cuidar das necessidades de cada pessoa salvo, situada no Quarto Estádio. vivendo o cristianismo autêntico, proposto por nosso filósofo. Mas não para por aí, o tríplice ministério do Senhor ainda nos conforta com a promessa de sua vinda

para reinar com suas ovelhas. Nisso consiste a grande esperança dos salvos, que o faz seguro e desfrutando de Sua paz.

Por isso, eu o exorto veementemente: Amigo, resolve este terrível problema de sua vida. Busque entender o caminho da salvação, arrependa-se dos seus pecados, creia em Cristo, como seu único e suficiente Salvador, e terá a segurança de sua salvação. Não ser salvo ainda, é o pivô de todos os outros problemas; resolvido este, todos os outros ficarão mais fácil de lidar. Eu fui claro? Eu disse: mais fácil de lidar. Por você ouvirá a voz do Grande Pastor: “Estas coisas vos tenho dito para que tenhais paz em mim. No mundo, passais por aflições; mas tende bom ânimo; eu venci o mundo” (João 16:33).

Portanto, com a segurança de sua salvação, esvaem-se os medos, aos quais nos referimos aqui, e você descansará nas fiéis promessas de nosso Deus. Desfrutará de esperança e paz perene, a despeito das serias ameaças deste mundo.

3.4.3. O Discipulado de Cristo

A preocupação, bem como a crítica de Kierkegaard ao cristianismo praticado na Dinamarca consistia exatamente na ausência das marcas do discipulado de Cristo. Nesse sentido, é muito importante fazer distinção entre ser aluno e ser discípulo. O conceito de aluno, refere-se à relação entre o professor e aquele que se posta diante dele com objetivo de adquirir conhecimento. Afastado, do ambiente de aprendizagem, o aluno se distancia simultaneamente do professor, não sendo, portanto, necessária a presença posterior do professor que lhe transmitiu os conhecimentos. Ou seja, não há, nem necessita haver nenhum relacionamento professor-aluno e aluno-professor. Além disso, não há qualquer compromisso do aluno com relação ao conteúdo diante do professor, de dar continuidade ao conhecimento compartilhado por ele, durante um dado período de tempo. Acabando aquele período de aprendizagem, acaba, ao mesmo tempo, o vínculo de ambos – nem o professor tem mais responsabilidade para com seu antigo aluno, nem o aluno suporta mais qualquer dever em relação ao professor e conhecimento por ele compartilhado.

Com o discipulado não é assim – O vínculo é constante. E, se tratando do discipulado de Cristo, é eterno. Ao se tornar discípulo de Cristo, simultaneamente é criado um vínculo do discípulo com seu Mestre, e o conhecimento recebido. Ou seja, o discípulo recebe, ao mesmo tempo, o Mestre, e o conteúdo do aprendizado. No discipulado, o conteúdo do aprendizado está plenamente vinculado com o Mestre. O discípulo tem compromisso eterno com o Mestre e com

o conteúdo recebido de dele. O discípulo nunca se separa do Mestre, mesmo quando, aparentemente, ele está ausente!

É, previamente esse vínculo dos discípulos com seu Mestre que Kierkegaard não conseguia ver na felicidade dinamarqueses. Mas, nas palavras de Jesus, o resultado de se crê é permanecer em Sua Palavra tendo por resultado se tornar discípulo dele, e o resultado de se tornar seu discípulo é conhecer a verdade é, para completar o ciclo, tudo isso resulta em liberdade. As palavras registradas por João, o apóstolo são essas: “Disse, pois, Jesus aos judeus que haviam crido nele: Se vós permanecerdes na minha palavra, sois verdadeiramente meus discípulos; [32] e conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará” (João 8:31-32).

A liberdade de que Jesus falou, não é a liberdade política que resume em três categorias: expressão; culto, ou crença; pensamento; mas, liberdade da alma. Na teologia, o ser humano necessita de liberdade em três âmbitos espirituais, a saber, a natureza humana com suas paixões; o mundo (cosmos) também com suas paixões; e finalmente, o Diabo, o fomentador dessas paixões.

Outra coisa importante, que se deve destacar é que, não é o conhecimento que liberta o homem desses inimigos, mas a relação do discípulo com seu Mestre, fato muito claro nas palavras de Jesus, permanecer em sua Palavra, para assim, tornar seu discípulo. Um discípulo nunca se separa do seu Mestre – dessa forma é que Kierkegaard criticava tanto o modo de vida dos cristãos dinamarqueses – eles pareciam não andar perto de Jesus, pareciam professar uma religião sem Jesus.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho é resultado da provocação, pela qual tornou-se necessário propor a tese do Quarto Estádio, o Estádio Excelente com o objetivo de procurar resolver uma inquietação acerca do surgimento de pseudos cristãos evangélicos, porque, como já foi dito anteriormente, em nossos tempos, observamos diferentes concepções do que é ser cristão ou viver uma vida cristã. Os diversos grupos debatem sobre o que é uma vida cristã autêntica. Neste sentido, o pensamento de Kierkegaard vem a contribuir, do ponto de vista teórico, a entendermos o que diferencia a cristandade, como participar de uma comunidade cristã obedecendo suas regras comuns, e uma existência cristã autêntica onde se questiona a relação entre a vida material e a vida espiritual.

Há uma clara distorção do que lemos na Bíblia acerca do conceito prático e teológico do Evangelho de Cristo. Kierkegaard não estava satisfeito com o cristianismo praticado na Dinamarca; assim, também não é possível ser satisfeito com o cristianismo praticado no mundo hoje. Referindo-se ao Brasil, essa observação carrega grande semelhança com a observação de Kierkegaard em sua época. Isso é identificado pela busca incentivada pelos líderes das diversas igrejas: Todos querem *um lugar ao sol*, todos querem confortos físicos e materiais. Os líderes desenvolvem estilos de vida luxuriosos, e se justificam pelo direito de usufruir de bênçãos, que para eles têm origem na profecia.

Esquecem-se de que, realmente, digno é o trabalhador de seu salário, mas somente o suficiente, de maneira a não passar necessidade, mas ter uma vida simples na esperança da herança prometida aos participantes do Reino de Deus. Esquecem-se da mensagem do apóstolo Paulo aos pastores, registrada na Epístola a Timóteo: “Tendo sustento e com que nos vestir, estejamos contentes... (1 Timóteo 6:8). Uma Leitura completa no capítulo 6 da Primeira Epístola de Paulo a Timóteo, já se percebe que essa pequena frase consiste em uma crítica aos líderes das igrejas do Primeiro Século que tinham a religião como fonte lucro. A inquietação de Kierkegaard pairava em ambiente muito semelhante ao do apóstolo: ele também criticava o modo de vida cristã praticada e incentivada pelos líderes de Copenhague; assim como o vazio que demonstravam em relação a Cristo, em busca das comodidades deste mundo.

Está tese também pretende ser uma crítica aos líderes cristãos dos dias atuais. Eles também buscam e incentivam o povo a buscar as comodidades deste mundo, coisas não encontradas, nem Jesus, nem seus apóstolos buscando, ou incentivando o povo a buscar essas coisas. Pelo contrário, o Mestre sempre desestimulou essa busca de coisas temporárias. Muitas vezes ele disse, como disse em uma das muitas passagens do Evangelho de Mateus: “buscai, pois, em primeiro lugar, o seu reino e a sua justiça, e todas estas coisas vos serão acrescentadas” (Mateus 6:33). Várias vezes ele mandou os discípulos parar com as preocupações com coisas como comer, vestir; pois, ele afirmava que as coisas básicas à sobrevivência enquanto nesse mundo fazia parte dos cuidados de Deus para com seus filhos; por isso, dizia ele repetidas vezes: “...vosso Pai celeste sabe que necessitais de todas elas; (Evangelho de Mateus 6:32). Além disso, está escrito nos Salmos: “Fui moço e já, agora, sou velho, porém jamais vi o justo desamparado, nem a sua descendência a mendigar o pão” (Salmo 37:25) – palavras do rei David.

É disso que se trata a análise dos Estádios Kierkegaardianos – da busca do Estádio Excelente, um estádio que situa o cristão exatamente no ponto em que Cristo se torna o Seu Salvador e ao mesmo tempo seu Senhor, de modo que sua busca seja alcançar as promessas feitas na Bíblia, cuja duração é eterna e de excelência que supera quaisquer coisas desse mundo. Os que se situarem no Quarto Estádio, estarão eternamente seguros, ainda que tenha de nesse mundo passar por alguns desconfortos, algumas provações e sofrimentos. Pois, as preocupações terrenas surgem, exatamente por causa da ausência do cristianismo autêntico nas vidas religiosas da grande maioria das pessoas, tanto dos tempos de Kierkegaard, quanto dos tempos atuais.

Portanto, o objetivo principal deste trabalho é juntar-se com Kierkegaard para propor um cristianismo autêntico, no qual cada indivíduo se sinta abraçado pelas verdades ensinadas por Cristo, pelos seus apóstolos; mas também pelos profetas enviados por Deus, os quais falaram e viveram o cristianismo que eles mesmos ensinaram, incentivando a todos que se dizem seguidores de Cristo, a seguirem bem de perto os caminhos, que ele mesmo trilhou quando passou por aqui. Este é, pois, o segredo de uma vida bem-aventurada, diga-se, extraordinariamente feliz, ao desfrutar hoje e para sempre de todas promessas de Deus, por meio de Cristo, em toda a Estrutura. Doutra forma, a cristandade, como o nomeou Kierkegaard, jamais chegará ao usufruto dessas promessas, morrerá na ilusão de ter tentado seguir um Cristo também ilusório, que oferece bênçãos ilusórias e, é basicamente este o sentido do “desespero

humano até a morte”, referido por Kierkegaard, em sua obra de mesmo nome. De acordo com Kierkegaard, o cristão não si estabelece por si mesmo, ele depende de Deus. Então ele afirma:

Mas, para o cristão, a morte de modo algum é o fim de tudo, e nem sequer um simples episódio perdido na realidade única que é a vida eterna; e ela implica para nós infinitamente mais esperança do que a vida comporta, mesmo transbordante de saúde e de força (Kierkegaard, p. 15).

Ademais, a diferença básica entre a espécie de cristianismo praticado na Dinamarca, (ao qual Kierkegaard chama repetidamente de cristandade) e o Quarto Estádio (que Kierkegaard chama também repetidamente de cristianismo autêntico) é, exatamente que aqueles que se situam no cristianismo autêntico estão preparados para o desespero da morte, em que Kierkegaard argumenta em sua obra, que nem mesmo pode chamar de desespero, dada a segurança estabelecida a partir do dia em que ele é vocacionado (chamado) a dar o *salto* progressivo, que começa com o Estádio Estético, passando pelos Estádios Ético e Religioso, e pairando em confiança, não na sua própria autonomia, mas apoiado sobre as asas da graça. Assim, em vez de desespero, ele desfruta de paz na hora “D” da sua existência.

Kierkegaard viveu num período histórico muito forte. O Modernismo, que abraçava, proporcionalmente, aos interesses intelectualísticos das pessoas, a literatura, a arte e a filosofia. Modernismo que, com o tempo se desdobrou em simples modernidade; e em nossos dias chamam de “Pós-modernidade”, que nada mais é que a distorção da realidade para se propor a doutrina do *relativismo*. Vivemos na era do relativismo. Nada é absoluto. Mentalidade essa, adquirida pelas diversas religiões por meio do famoso, e mui praticado *sincretismo*. Pelo sincretismo, as religiões se tornam semelhantes umas às outras e, em se tratando do cristianismo, essas semelhanças forjaram uma certa caricatura de igreja cristã. Essa caricatura agradou o povo (os egípcios da época do Êxodo), eles, então seguiram o povo por este deserto escaldante (o mundo alienado de Deus), corrompendo as doutrinas e a cultura cristã vivida, ensinada e ordenada por Cristo e seus apóstolos (Cristo ensina nos Evangelhos de Mateus, de Marcos, de Lucas e de João; os apóstolos ensinam por suas epístolas). Esses não são pseudo epígrafe⁹¹; são todos autografados pelos seus próprios autores, de modo que, cada pessoa chamada, e se propõe a viver o cristianismo autêntico, esses desfrutem da segurança do Quarto Estádio Kierkegaardiano.

⁹¹ Pseudoepígrafe são livros escritos no período da história da revelação chamado de “período Inter bíblico, atribuídos a autores que na realidade, não o eram de fato. Exemplo: O Livro de Enoque.

Mas, os benefícios e vantagens não param por aí. Aqueles que se situam no Quarto Estádio, também conta com assistência do Espírito Santo, o mentor da vida espiritual exigida como estilo de vida dos que hão de herdar a vida eterna. A ideia prevalente, de acordo com as Escrituras, é que o indivíduo ao seguir a Cristo, está sendo preparado para a eternidade junto a Deus; ao que se costuma chamar de “treinamento para o Reino de Deus”. O ponto é que no Reino de Deus não entra nenhuma corrupção. Foi por isso que Jesus disse a um homem, líder dos judeus na época em Jesus esteve entre os homens, chamado Nicodemos: “...Em verdade, em verdade te digo que, se alguém não nascer de novo, não pode ver o reino de Deus” (João 3:3). É, exatamente dessa maneira que os seguidores de Cristo estão sendo preparados para participar do futuro Reino de Deus. Esse treinamento, nada mais é que a busca por viver neste mundo, sem, contudo, se envolver nas coisas corrompidas do mundo. É desenvolver um caráter, segundo o qual ele escolhe participar somente das coisas que não ameaçam sua vida cristã rumo ao futuro Reino de Deus.

Seguindo o mais perto da perfeição de Cristo possível, o cristão não precisa se preocupar com prosperidade; não tem necessidade de ajuntar bens materiais. Ele desenvolve a mentalidade de Cristo que, várias vezes exortou a seus discípulos a não caíssem na armadilha da busca desenfreada por enriquecer, ele disse repetidas vezes:

Não acumuleis para vós outros tesouros sobre a terra, onde a traça e a ferrugem corroem e onde ladrões escavam e roubam; mas ajuntai para vós outros tesouros no céu, onde traça nem ferrugem corrói, e onde ladrões não escavam, nem roubam; porque, onde está o teu tesouro, aí estará também o teu coração (Mateus 6:19-21).

A exortação do Senhor aqui se prende ao fato de que no Reino de Deus não teremos necessidade dessas coisas, pois lá teremos tudo o que precisaremos, nada vamos levar, como diz um amigo: “caixão não tem gavetas”. Nesse sentido, não há importância nenhuma se proclamar, como fazem os neopentecostais, o “Evangelho da Prosperidade”, que não é (de acordo com as Escrituras) nem Evangelho, nem prosperidade.

Portanto, há de se ater somente ao puro Evangelho, cuja única promessa é a salvação, mediante arrependimento e fé em Jesus Cristo. É, pois, desse modo, o cristão se situa no cristianismo autêntico – o Quarto Estádio kierkegaardiano.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRÃO, Bernadete Siqueira. **História da Filosofia**. S.P. Nova Cultural. 1999. 1992.
- ADA, R. Habershon. **Manual de Tipologia Bíblica**. São Paulo, Editora Vida, 2003.
- AGOSTINHO, Aurélio. **Confissões**. São Paulo: Nova Cultural, 1999.
- AGOSTINHO, Aurélio. **De Libero Arbítrio**. 2ª. Ed. São Paulo, Paulus, 1997.
- AGOSTINHO, Aurélio. **A Predestinação dos Santos**. São Paulo, Paulus, 1999.
- AGOSTINHO, Aurélio. **O Mestre**. Porto, Ed. Porto, 1995.
- AGOSTINHO, Aurélio. **A Cidade de Deus** (Contra os Pagãos), parte I, S.P. Vozes, 1990.
- ALLRED, Frank. **How Can be Sure?** Great Britain: Cox & Wyman, 1984.
- ALMEIDA, Jorge Miranda e VALLS. **Kierkegaard**. R.J. Zahar, 2007.
- AQUINO, Tomás de. **Suma de Teologia**. Uberlândia, EDUFU, 2006.
- ARRUDA, Maria Lúcia de, MARTINS, **Temas de Filosofia**. São Paulo: Moderna, 1992.
- BELCHER, Richard P. **Uma Jornada na Graça**: Uma novela teológica. S.J.C. Ed. Fiel, 2002.
- BERKHOF, Louis. **A História das Doutrinas Cristãs**. 1ª ed., São Paulo: PES, 1992.
- BILLINGTON, Dallas F. **Deus é Real** – Uma autobiografia. S.P. Imp. da Fé, 1978.
- BLANC, Charles Le. **Kierkegaard**. São Paulo: Estação Liberdade, 2003. S.P. M. Fontes, 2008.
- BROWN, Colin. **Filosofia e Fé Cristã**. São Paulo: Vida Nova, 1989.
- BROWN, Peter. **Santo Agostinho**, uma biografia. 3ª ed. Rio de Janeiro, Record, 2005.
- CARSON, D. A. **A Cruz e o Ministério Cristão**. São José dos Campos-SP, Editora Fiel, 2009.
- CESARÉIA, Eusébio. **História Eclesiástica**: Os 1º 400 anos da igreja. R.J. CPAD, 1999.
- DANIEL-ROPS, Henri. **A Vida Diária nos Tempos de Jesus**. 2ª ed. S.P. Vida Nova, 1988.
- EDWARDS, Brian. **De Traficante de Escravos a Pregador**. S.J.C. Editora Fiel, 2001.
- EDWARDS, Jonathan. **A Vida de David Brainerd**. 1ª ed. São José dos Campos-SP, 1993.
- FALCÃO, Samuel. **Escolhidos em Cristo**. 3ª ed. Cambuci-SP, 1997.
- FARAGO, France. **Compreendendo Kierkegaard...** Petrópolis: Vozes, 2006.

- FERREIRA, Franklin. **Agostinho de A a Z**. São Paulo: Vida, 2007.
- FOLSCHEID, Dominique. **Metodologia Filosófica**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- FOX, John. **O Livro dos Mártires**. 6ª ed. Rio de Janeiro, CPAD, 2001.
- GARDINER, Patrick. **Kierkegaard**. São Paulo: Loyola, 2001.
- GEISLER, Norman. **Eleitos, Mas Livres**. São Paulo, Editora Vida, 2001.
- GILSON, Etienne. **Introdução ao Estudo de Santo Agostinho**. São Paulo, Discurso, 2006.
- GOETHE, Johann Wolfgang Von. **Os Sofrimentos do Jovem Werther**; S.P. 2016.
- GOUVÊA, Ricardo Q. **Paixão pelo Paradoxo**. São Paulo: Novo Século, 2002.
- GOUVÊA, Ricardo Q. **A Palavra e o Silêncio**. São Paulo: Custom, 2002.
- GUNDRY, Stanley. **Teologia Contemporânea**. São Paulo: Mundo Cristão, 1983.
- HULSE, Erroll. **Quem Foram os Puritanos?** S.P. PES, 2004.
- KANT, Emmanuel. **A Religião nos Limites da Simples Razão**. S.P. Editora Escala, 2008.
- KENNEDY, D. James. **Por que Creio**. 5ª ed. Contagem-MG: Juerp, 1990.
- KIERKEGAARD, Sören A. **O Conceito de Angústia**. Petrópolis: Vozes, 2010.
- KIERKEGAARD, Sören A. **O Conceito de Angústia**. São Paulo: 2007.
- KIERKEGAARD, Sören A. **O desespero Humano**. S.P. Nova Cultural, 1998.
- KIERKEGAARD, Sören A. **O Desespero Humano**, São Paulo: Editora UNESP, 2010.
- KIERKEGAARD, Sören A. **Johannes Climacus ou duvidar de tudo**. S.P. M. Fontes, 2003.
- KIERKEGAARD, Sören A. **Migalhas Filosóficas**. Petrópolis: Vozes, 1995.
- KIERKEGAARD, Sören A. **Ponto de Vista Explicativo da Minha Obra**. Lisboa: 1986.
- KIERKEGAARD, Sören A. **As Obras do Amor**. São Paulo: Hemus, 2005.
- KIERKEGAARD, Sören A. **Temor e Tremor**. São Paulo, Livraria Exposição do Livro, 1964.
- KIENZLE, Beltran; org. **Filosofia, Liberdade e Conhecimento**. P.Alegre, Ed. UFRGS, 1999.
- LANE, Tony. **Pensamento Cristão – Da Reforma à Modernidade**. S. Paulo, Abba Press, 2000.
- LLOYD-JONES, D. Martin. **Pregação e Pregadores**. 2 ed. S.J.C. Editora Fiel, 1986.
- LUTERO, Martinho. **Nascido Escravo**. 2ª. Ed. S. J. Campos, Fiel, 2984.
- MACARTHUR, John, org. **Ouro de Tolo**. São José dos Campos, Editora Fiel, 2006.
- MACARTHUR, John, **redescobrimo o Ministério Pastoral**. 1ª ed. R.J. CPAD, 1998.

- MACARTHUR, John, **Com Vergonha do Evangelho**. S. J. C, Editora Fiel, 1997.
- MACARTHUR, John, **Sociedade sem Pecado**. 1ª ed. São Paulo, Editora Cultura Cristã, 2002.
- MATHER, G. A.; NICHOLS, Larry A. **Religiões, Crenças e Ocultismo**. S.P, Ed. Vida, 2000.
- MERRILL, Eugene H. **História de Israel no Antigo Testamento**. R.J., CPAD, 2001.
- MOHLER JR, R, Albert. **Ateísmo Remix – um confronto aos novos ateístas**. S.J.C. SP, 2009.
- NEWTON, Phil A. **Pastoreando a Igreja de Deus**. S. José dos Campos, SP, Editora Fiel, 2007.
- OLIVEIRA, Ranis Fonseca de. **O Desespero e a Angústia em Kierkegaard**. 2009. S.P., 2009.
- OLIVIÉRI, Maria de Fátima. **Angústia Existencial**. Vale do Rio dos Sinos, S Leopoldo, 2008.
- OLSON, Roger E. **História das Controvérsias na Teologia Cristã**. São Paulo, Ed. Vida, 2004.
- PACKER, J. I. **A Evangelização e a Soberania de Deus**. São Paulo, Cultura Cristã, 2002.
- PAULA, Marcio G. de. **Indivíduo e comunidade na filosofia Kierkegaard**. S.P. Paulus, 2009.
- PAULA, Marcio G. de. **Socratismo e Cristianismo em Kierkegaard**. S.P: FAPESP, 2001.
- PECORARO, Rossano. **Os Filósofos Clássicos**. 3ª. Ed. v. I, Rio de Janeiro, Vozes, 2012.
- PEREIRA, Eduardo S. **Existência Reduplicada: Kierkegaard...** U.V.R.S., São Leopoldo, 2005.
- REICHMANN, Ernani. **Textos Seleccionados de Sören Kierkegaard**. Curitiba: UFPF, 1978.
- ROCHA, J. D. **Implicações Éticas da Filosofia de Liberdade em Kierkegaard**. ANPOF, 2013.
- ROCHA, J. D. **O Paradoxo e suas relações existenciais**, in Revista Reflexões, 2012.
- ROHDEN, Cleide C. S. **A Reflexão Teológica como obra do amor**. São Leopoldo, 2001.
- ROOS, Jonas. **As obras do amor**. S. Leopoldo: Sinodal, 2005.
- ROOS, Jonas. **Razão e fé no pensamento de Kierkegaard**. São Leopoldo: Sinodal, 2006.
- ROOS, Jonas. **Sobre a relação entre juízo e graça em Migalhas Filosóficas**. S. L. 2005.
- RYLE, J. C. **Meditações no Evangelho de Mateus**. São José dos Campos-SP: Ed. Fiel, 1990.
- RYLE, J. C. **Meditações no Evangelho de Marcos**. São José dos Campos. Editora Fiel, 1994.
- RYLE, J. C. **Meditações no Evangelho de João**. 1ª ed. S.J.C. Ed. Fiel, 2000.
- SCHAEFFER, Francis. **Como Viveremos**. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2003.

SCHAEFFER, Francis. **Verdadeira Espiritualidade**. S.J.C., Editora Fiel, 1993.

SCHELLING, F. W. J. **Investigações sobre a Essência da Liberdade**. R.J. Ed. 70, 1993.

SPROUL, R. C. **Razão para Crer**. São Paulo, Mundo Cristão, 1986.

SPURGION, Charles Hadon. **Livre Arbítrio – um escravo**. S. J. Campos, Fiel, 1994.

SWINDOLL, Charles. **A Busca do Caráter**. São Paulo, Editora Vida, 1991.

VALLS, Álvaro L. M. **Do desespero silencioso ao amor desinteressado**: P. A. Escritos, 2004.

VALLS, Álvaro L. M. **Razão e fé no pensamento em Kierkegaard**: S. Leopoldo. 2006.